



REBELDE

As Crônicas de Nathaniel Starbuck



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Rebelde - As Crónicas de Nathaniel Starbuck*

AUTORIA: *Bernard Cornwell*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2012 Edições Saída de Emergência

Título original Rebel © 1993 Bernard Cornwell. Publicado originalmente na Grã-Bretanha por HarperCollinsPublishers, 1993

TRADUÇÃO: *Luís Santos*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Outubro, 2012*

ISBN: 978-989-637-471-6

DEPÓSITO LEGAL: 348629/12

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Bernard Cornwell



As Crônicas de Nathaniel Starbuck

LIVRO I

Tradução de Luís Santos

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

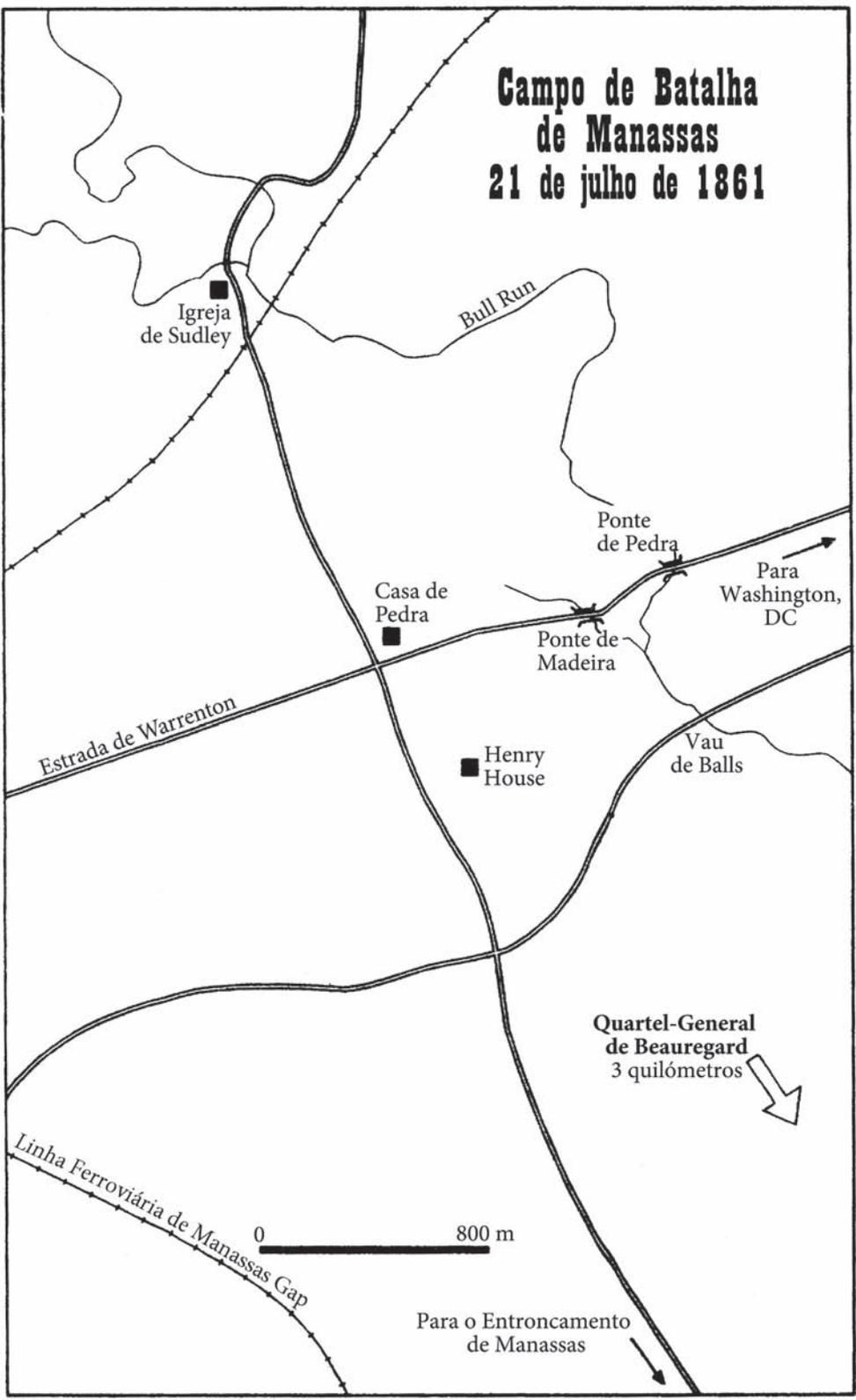


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Rebelde é dedicado a Alex e a Kathy de Jonge,
que me apresentaram ao Velho Domínio

Campo de Batalha de Manassas 21 de julho de 1861





PARTE UM



O jovem ficou encurralado no extremo de Shockoe Slip, onde uma multidão se juntara em Cary Street. O rapaz pressentira sarilhos e tentara evitá-los entrando para um beco por trás do Armazém de Tabaco Kerr, mas um cão de guarda acorrentado atirara-se a ele, fazendo-o regressar à íngreme ladeira empedrada onde a turba o rodeara.

— O senhor vai a algum lado? — abordou-o um homem.

O jovem assentiu, mas não disse nada. Era novo, alto e magro, com cabelo preto comprido e um interessante rosto escanhado de ângulos bem vincados, mesmo que naquele momento os traços atraentes estivessem maculados pelas noites em claro. Tinha uma tez pálida, o que lhe acentuava a cor dos olhos, do mesmo tom de cinzento do mar engolido pelo nevoeiro que rodeava Nantucket, de onde provinham os seus antepassados. Numa das mãos trazia uma pilha de livros amarrados com corda de cânhamo, enquanto a outra segurava um saco de viagem de lona com a pega partida. Envergava roupas de boa qualidade, embora rotas e sujas, como as de um homem que chegou às ruas da amargura. A expressão não deixava transparecer qualquer apreensão quanto ao ajuntamento, parecendo, isso sim, resignado à hostilidade deles, qual novo fardo que teria de carregar.

— O senhor sabe das novidades? — O porta-voz da multidão era um careca de avental imundo que tresandava a curtume.

O jovem voltou a anuir. Não precisava de indagar sobre a tal notícia, pois apenas um acontecimento poderia ter dado azo a tal excitação pelas ruas de Richmond. O Forte Sumter caíra e os Estados americanos estavam

a ser percorridos pela informação, pela esperança e pelo receio de uma guerra civil.

— Então e de onde é que vem? — exigiu saber o careca, agarrando na manga do jovem, como que para o obrigar a responder.

— Não me ponha as mãos em cima! — O jovem alto tinha mau feitio.

— Perguntei-lhe com bons modos — ofereceu o careca, embora tivesse largado a manga do jovem.

O rapaz tentou sair dali, mas a multidão cercava-o em números excessivos e ele foi obrigado a recuar para o outro lado da rua, em direção ao Hotel Columbian, onde um homem mais velho, de vestes respeitáveis, embora desalinhas, fora amarrado às grades que protegiam as janelas do piso inferior do hotel. O jovem ainda não era prisioneiro da turba, mas também não ficaria livre, a menos que fosse capaz de lhes saciar a curiosidade.

— Tens documentos? — gritou-lhe outro homem ao ouvido.

— Perdeste a voz, filho? — O hálito dos interrogadores era uma mistura fétida de uísque e tabaco. O jovem tentou mais uma vez abrir caminho por entre os perseguidores, mas estes eram demasiados e não conseguiu impedir que o encurralassem contra um poste para amarrar cavalos no passeio do hotel. Estava-se a meio da manhã de um dia ameno de primavera. Não havia nuvens no céu, embora o fumo negro da Siderurgia Tredegar, da Fiação Gallegoe, da Fábrica de Salamandras Asa Snyder, das fábricas de tabaco, da Fundação Talbott e da Refinaria City Gas se unisse para criar um véu fétido que enevoava o sol. Um negro que conduzia uma carroça vazia vinda do desembarcadouro da Fundação Samson e Pae observava, impassível, do cimo da boleia do carro. A turba impedira que o carreteiro desse meia-volta aos cavalos para sair de Shockoe Slip, mas o homem teve o discernimento de não protestar.

— De onde é que tu vens, rapaz? — O curtidor calvo aproximou mais o seu rosto do do jovem. — Como te chamas?

— Não lhe diz respeito. — O tom era de desafio.

— Então vamos descobrir! — O careca agarrou no maço de livros e tentou arrebatá-lo. Seguiu-se uma luta breve e infrutífera, após o que a corda puída que segurava os livros se partiu e os volumes espalharam-se pelo empedrado. O careca riu-se do acidente e o jovem esmurrou-o. Foi um golpe certo que apanhou o homem desprevenido, o que o desequilibrou e fez recuar, quase caindo.

Houve quem aplaudisse o rapaz, admirado com o espírito combativo. A multidão era composta por cerca de duas centenas de pessoas, com talvez outros cinquenta mirones que se mantinham algo afastados da cena e que as encorajavam à cautela. A turba em si parecia mais travessa do que maldosa, como crianças com uma folga inesperada da escola. A maioria

envergava a roupa de trabalho, o que revelava que se tinham aproveitado da notícia da queda do Forte Sumter como desculpa para se ausentarem das bancadas, dos tornos e das prensas. Queriam um pouco de excitação e os nortistas errantes encurralados nas ruas da cidade seriam o centro da agitação do dia.

O careca esfregou o rosto. Fora privado da sua dignidade à frente dos amigos e queria vingança.

— Fiz-te uma pergunta, rapazelho.

— E eu disse que não era da sua conta. — O jovem estava a tentar apanhar os livros, embora dois ou três já tivessem sido levados. O prisioneiro já amarrado às grades da janela do hotel observava em silêncio.

— Então e de onde vens, meu rapaz? — perguntou um indivíduo alto, mas desta vez com um tom conciliatório, como se apresentasse ao jovem a oportunidade de escapar com dignidade.

— Faulconer Court House. — O jovem percebera e aceitara o tom de conciliação. Imaginou que outros forasteiros tivessem já sido abordados por aquela multidão, depois interrogados e libertados. Se mantivesse o sangue-frio, talvez ele pudesse também ser poupado ao destino que aguardava o homem de meia-idade cingido às grades.

— Faulconer Court House? — repetiu o homem alto.

— Sim.

— E o teu nome?

— Baskerville. — Acabara de o ler na tabuleta de uma loja do outro lado da rua. “Bacon e Baskerville,” dizia a placa e o jovem apoderou-se do nome. — Nathaniel Baskerville. — Usou o verdadeiro nome de batismo para dar alguma cor à mentira.

— Não pareces virginiano, Baskerville — comentou o homem alto.

— Só por adoção. — A par dos livros que trouxera na mão, o vocabulário traía a formação do jovem.

— E o que fazes tu em Faulconer County, miúdo? — quis saber outro homem.

— Trabalho para Washington Faulconer. — O jovem voltava a falar com um tom de desafio, esperando que o nome servisse de talismã para o proteger.

— É melhor deixá-lo ir, Don! — exclamou alguém.

— Deixem-no estar! — interveio uma mulher. A dama não se interessava pelo facto de o jovem estar a reivindicar a protecção de um dos latifundiários mais abastados da Virgínia. Ficara, isso sim, comovida com o desalento nos olhos dele, bem como com o facto mais do que evidente de que o cativo daquela multidão era extremamente bem-apeado. As mulheres desde sempre reparavam depressa em Nathaniel, mesmo

sendo ele ainda demasiado inexperiente para se aperceber do interesse feminino.

— És um ianque, não és, rapaz? — confrontou-o o indivíduo mais alto.

— Já não sou.

— Então e há quanto tempo estás em Faulconer County? — Mais uma vez o curtidor.

— Há tempo suficiente. — A mentira começava já a perder a coesão. Nathaniel nunca estivera em Faulconer County, embora já se tivesse encontrado com o habitante mais rico da região, Washington Faulconer, cujo filho era o seu amigo mais chegado.

— Diz-me lá, qual é a povoação que fica a caminho de Faulconer Court House? — interrogou-o o curtidor, ainda sedento de vingança.

— Responde-lhe! — insistiu o alto.

Nathaniel deixou-se ficar em silêncio, traindo a sua ignorância.

— É um espião! — bradou uma mulher.

— Sacana! — O curtidor moveu-se rapidamente, numa tentativa de pontapear Nathaniel, mas o jovem apercebeu-se da intenção e chegou-se para o lado. Desferiu o punho contra o careca, raspando-lhe numa orelha, e depois acertou com a outra mão nas costelas do homem. Foi como bater numa carcaça de porco, pois não serviu de nada. Depois, uma dúzia de mãos começaram a maltratar e a espancar Nathaniel. Um punho acertou-lhe no olho e outro deixou-lhe o nariz ensanguentado, atirando-o contra a parede do hotel. O saco foi roubado, os livros acabaram por desaparecer e um homem abriu-lhe o casaco e arrancou-lhe a carteira. Nathaniel tentou impedir esse assalto, mas estava sobrepujado e indefeso. O sangue escorria-lhe do nariz e o olho inchava-lhe. O carroceiro negro observava, impávido, e não esboçou qualquer reação quando uma dúzia de homens agarraram a carroça e lhe exigiram que descesse da boleia. Os homens subiram para o veículo e bradaram que iam para Franklin Street, onde um grupo reparava a estrada. A multidão abriu alas para deixar que a carroça desse meia-volta, enquanto o negro, ignorado, chegou ao extremo do bando, altura em que fugiu.

Nathaniel fora empurrado contra as grades da janela e as mãos atadas com força aos ferros de pontas aguçadas. Viu um dos livros ir parar à sarjeta com um pontapé, a lombada rasgada e as folhas a voar. A multidão rasgou-lhe o saco, mas não encontrou nada de valor, além de uma navalha de barba e outros dois livros.

— De onde vem? — O homem de meia-idade que era camarada de cativo de Nathaniel deveria ter sido uma figura bastante digna antes de os arruaceiros o terem arrastado até às grades. Era um indivíduo robusto e calvo, que envergava um casaco de grande qualidade.

— Sou de Boston. — Nathaniel tentou ignorar uma mulher embriagada que dançava de forma zombeteira à frente dele, enquanto brandia a garrafa. — E o senhor?

— Filadélfia. Não tencionava ficar aqui mais do que algumas horas. Deixei a minha bagagem na estação de caminho-de-ferro e pensei em dar uma volta pela cidade. Interesse-me por arquitetura eclesiástica, bem vê, e queria conhecer a igreja episcopal de S. Paulo. — O homem abanou a cabeça, pesaroso, e depois arrepiou-se, quando voltou a olhar para Nathaniel. — Ficou com o nariz partido?

— Não me parece. — O sangue das narinas era salgado nos lábios de Nathaniel.

— Vai ter um belo olho negro, filho. Mas gostei de o ver a lutar. Posso saber a sua profissão?

— Sou estudante, cavalheiro. Na Universidade de Yale. Ou pelo menos era.

— Sou o doutor Morley Burroughs, dentista.

— Starbuck, Nathaniel Starbuck. — Nathaniel Starbuck não via necessidade de ocultar o nome do companheiro de prisão.

— Starbuck! — O dentista repetiu o nome com um tom que dava a entender reconhecimento. — Tem alguma coisa a ver?

— Sim.

— Nesse caso, só espero que eles não o descubram — comentou o dentista sombriamente.

— O que nos vão fazer? — Starbuck não acreditava que corresse perigo. Estava no centro de uma cidade americana, em plena luz do dia! Havia agentes da autoridade nas redondezas, magistrados, igrejas, escolas! Aquilo era a América, não estava no México, nem em Cataio.

O dentista forçou as cordas que o prendiam, descontraíu-se, voltou a puxar.

— Se tivermos em conta os comentários sobre os trabalhadores na estrada, filho, imagino que nos espere alcatrão e penas. Agora, se descobrirem que é um Starbuck? — O dentista soava quase esperançoso, como se a animosidade da multidão pudesse dirigir-se totalmente a Starbuck, deixando-o assim ileso.

A garrafa da mulher ébria partiu-se na estrada. Duas outras mulheres dividiam entre si as camisas imundas de Starbuck, enquanto um homenzinho de óculos folheava os papéis na carteira do jovem. Pouco dinheiro lá tinha, apenas quatro dólares, mas Starbuck não receava tal perda. Temia, isso sim, que lhe descobrissem o nome, escrito na dúzia de cartas que tinha na carteira. O homem encontrara uma das missivas, a qual abriu, leu, virou e voltou a ler. A epístola nada tinha de privado, limitando-se a confirmar

o horário de um comboio na Penn Central Road, mas o nome de Starbuck estava escrito em maiúsculas no cabeçalho e o indivíduo baixo tinha-o visto. Olhou para Starbuck, depois para a carta e, finalmente, mais uma vez para o jovem.

— Chamas-te Starbuck? — perguntou em voz alta.

Starbuck manteve o silêncio.

A multidão sentiu o cheiro da excitação e voltou-se para os prisioneiros. Um homem barbado, de faces avermelhadas, corpulento e ainda mais alto do que Starbuck, tomou as rédeas do interrogatório.

— O teu nome é Starbuck?

Starbuck olhou em seu redor, mas não havia sinais de auxílio. Os agentes da autoridade deixavam a multidão em paz e embora algumas pessoas de aspeto respeitável estivessem a observar pelas janelas das casas no extremo de Cary Street, ninguém fazia nada para impedir a perseguição. Algumas mulheres lançaram olhares compassivos a Starbuck, mas nada podiam fazer para o ajudar. Um ministro de sobrecasaca e cabeção cirandava à volta da turba, mas a rua estava demasiado inflamada com uísque e paixões políticas para que um homem de Deus conseguisse fazer fosse o que fosse, pelo que o sacerdote se contentava em soltar débeis gritos de protesto que eram facilmente abafados pelos agitadores.

— Fizeram-te uma pergunta, rapaz! — O homem de faces vermelhas tinha agarrado a gravata de Starbuck, torcendo-a de tal maneira que o laço duplo em torno do pescoço do jovem começou a apertar-se de forma horrível. — Chamas-te Starbuck? — O homem gritou-lhe a pergunta, salpicando o rosto do rapaz com saliva misturada com bebida e tabaco.

— Sim. — De nada valia negar. A carta era-lhe dirigida e muitos outros papéis na bagagem dele ostentavam o nome, tal como as camisas, com o epíteto fatal cosido nos colarinhos.

— E têm alguma coisa a ver um com o outro? — As faces do homem estavam vermelhas com as veias dilatadas. Tinha olhos leitosos e faltavam-lhe os dentes da frente. Um fio de suco de tabaco escorria-lhe pelo queixo e chegava-lhe à barba castanha. Forçou o aperto no pescoço de Starbuck. — Têm alguma coisa a ver, rapaz?

Mais uma vez, não havia como negar. Na carteira estava uma carta do pai de Starbuck, missiva essa que deveria ser encontrada em breve, pelo que o jovem não esperou que ela fosse revelada, limitando-se a assentir.

— Sou filho dele.

O homem largou a gravata de Starbuck e gritou como um pele-vermelha em palco.

— É o filho do Starbuck! — Bradou a vitória para a multidão. — Apanhámos o filho do Starbuck!

— Santo Jesus Cristo — resmungou o dentista —, que grande carga de trabalhos em que se meteu.

Starbuck estava, deveras, em apuros, pois haveria poucos nomes que fossem capazes de inflamar de tal maneira uma multidão sulista. A menção a Abraham Lincoln seria suficiente, e o nome de John Brown e de Harriet Beecher Stowe era quanto bastasse para enfurecer uma horda, mas à falta dessas luminárias, o nome do reverendo Elial Joseph Starbuck serviria para incandescer a fúria sulista.

Isso porque o reverendo Elial Starbuck era um famoso inimigo das ambições sulistas. Dedicara a vida à eliminação da escravatura e os seus sermões, tal como os editoriais, fustigavam sem perdão a escravocracia do Sul: zombando das suas pretensões, denegrindo a sua moral e desprezando os seus argumentos. A eloquência do reverendo Elial em defesa da causa da liberdade dos negros tornara-lhe o nome famoso, não só na América, mas onde quer que um cristão lesse jornais e rezasse a Deus. Naquele dia em que a notícia da captura do Forte Sumter tanto inspirara o Sul, uma turba em Richmond, na Virgínia, capturara um dos filhos do reverendo Elial Starbuck.

A bem da verdade, Nathaniel Starbuck detestava o pai. Queria poder não ter nada mais a ver com o progenitor, mas a multidão não tinha como sabê-lo, nem acreditariam em Starbuck, caso este lhes dissesse. O espírito da turba enegrecera com a necessidade de vingança contra o reverendo Elial Starbuck. Bradavam por essa vingança, ululavam por ela. A multidão ia igualmente crescendo, à medida que os habitantes da cidade ficavam a saber da notícia sobre a queda do Forte Sumter e se juntavam à agitação que celebrava a liberdade e o triunfo do Sul.

— Enforcuem-no! — gritou um homem.

— É um espião!

— Amante de pretos! — Um pedaço de bosta de cavalo voou na direção dos prisioneiros, falhando Starbuck, mas acertando no ombro do dentista.

— Porque é que não ficou em Boston? — queixou-se o dentista.

A multidão avançou na direção dos prisioneiros, após o que se deteve, sem saber ao certo o que queriam dos cativos. Um punhado de cabecilhas emergira do anonimato da turba, gritando que a multidão deveria ser paciente. Garantiram que a carroça requisitada fora enviada a buscar alcatrão dos trabalhadores que reparavam a estrada e, entretanto, chegara uma saca de penas, vinda de uma fábrica de colchões situada em Virginia Street, ali perto.

— Vamos dar uma lição a estes senhores! — vociferou o matulão barbado para os dois prisioneiros. — Julgam que são melhores do que os

Sulistas, não julgam, seus ianques? — Pegou numa mancheia de penas que fez voar junto ao rosto do dentista. — Pensam que são os melhores, não é?

— Cavalheiro, não passo de um mero dentista que pratica o ofício em Petersburg. — Burroughs tentava suplicar pela sua segurança com alguma dignidade.

— Ele é dentista! — bradou o indivíduo corpulento, deliciado.

— Arranquem-lhe os dentes!

Outra aclamação marcou o regresso da carroça, que trazia na caixa um grande barril negro de alcatrão fumegante. O carro parou com estrépito junto ao dois prisioneiros e o fedor do alcatrão sobrepôs-se ao cheiro a tabaco que cobria a cidade.

— Primeiro a cria do Starbuck! — gritou alguém. Todavia, as cerimónias pareciam estar destinadas a seguir a ordem de captura, ou então os líderes pretendiam guardar o melhor para o fim, já que Morley Burroughs, o dentista de Filadélfia, foi o primeiro a ser libertado das grades e arrastado na direção da carroça. Burroughs debateu-se, mas não estava à altura dos homens entroncados que o levaram para a caixa do carro que serviria de palco improvisado.

— A seguir és tu, ianque. — O homenzinho de óculos que descobrira a identidade de Starbuck colocara-se ao lado do nativo de Boston. — E o que estás tu aqui a fazer?

O tom do homem quase parecia amigável, pelo que Starbuck, julgando poder ter encontrado um aliado, respondeu-lhe com sinceridade.

— Vim acompanhar uma senhora à cidade.

— Uma senhora, dizes tu? Então e que tipo de senhora? — indagou o homem baixo. Uma rameira, pensou Starbuck, com amargura, uma vigarista mentirosa e uma cabra, mas por Deus, como se apaixonara por ela, como a venerara e como permitira que ela o manipulasse e lhe arruinasse a vida, deixando-o empobrecido e desalojado em Richmond. — Fiz-te uma pergunta — insistiu o homem.

— Uma senhora do Luisiana — respondeu calmamente Starbuck —, que queria ser acompanhada desde o Norte.

— É melhor rezares para ela te vir salvar rapidamente! — O homenzinho dos óculos riu-se. — Antes que o Sam Pearce te ponha as mãos em cima.

Era óbvio que Sam Pearce se tratava do homem barbado de faces coradas que se tornara mestre de cerimónias e que agora orientava o despojamento do dentista do seu casaco, colete, calças, sapatos, camisa e camisola interior, deixando Morley Burroughs humilhado ao sol, apenas de meias e um par de calções compridos, que lhe tinham sido deixados, em deferência

para com as senhoras presentes na assistência. Sam Pearce mergulhou uma concha de pega comprida no barril e retirou-a a escorrer alcatrão quente e espesso. A multidão aplaudiu.

— Dá-lhe, Sam!

— Dá-lhe com força!

— Esse ianque que aprenda uma lição, Sam!

Pearce voltou a mergulhar a concha no barril e mexeu lentamente o alcatrão, antes de retirar a concha cheia com a pegajosa substância preta e quente. O dentista tentou afastar-se, mas dois homens arrastaram-no para o barril e vergaram-no sobre a abertura fumegante, deixando-lhe as costas rosadas expostas a Pearce, de sorriso rasgado, que ergueu a brilhante massa fervente de alcatrão acima da vítima.

A multidão expectante silenciou-se. O alcatrão hesitou e depois escorreu da concha e bateu na nuca do dentista calvo. Burroughs gritou quando o alcatrão quente e espesso o queimou. Conseguiu desviar-se com um puxão, mas foi mais uma vez colocado em posição. Com a tensão quebrada pelo grito, a turba aplaudiu.

Starbuck observava, cheirando o fedor acre do alcatrão viscoso que escorria pelas orelhas do dentista até aos ombros pálidos e anafados. A substância fumegava no ar primaveril ameno. O dentista chorava; se pela ignomínia, se pela dor, era impossível dizer, mas a multidão não se importava. Sabiam apenas que um nortista estava em sofrimento e isso dava-lhes prazer.

Pearce retirou outra concha de alcatrão do barril. A horda gritou para que fosse despejado, os joelhos do dentista cederam e Starbuck arrepiou-se.

— A seguir és tu, rapaz. — O curtidor colocara-se ao lado de Starbuck. — És o próximo. — De repente esmurrou a barriga de Starbuck, arrancando-lhe explosivamente o ar dos pulmões e fazendo com que o jovem se torcesse para a frente contra as amarras que o prendiam. O curtidor riu-se. — Vais sofrer, fedelho, ah pois vais.

O dentista voltou a gritar. Um segundo homem saltara para cima da carroça, para ajudar Pearce a aplicar o alcatrão. O novo indivíduo serviu-se de uma pá de cabo curto para retirar do barril um pedaço de alcatrão negro.

— Guarda um bocado para o Starbuck! — alertou o curtidor.

— Ainda há aqui muito, pessoal! — O torturador mais recente espalhou a pazada de alcatrão sobre as costas do dentista. Burroughs contorceu-se e uivou. Depois puseram-no de pé e despejaram-lhe mais alcatrão contra o peito. A massa escorreu-lhe pela barriga até aos calções brancos imaculados. Gotas grossas da substância viscosa pingavam-lhe pelos lados da cabeça e corriam-lhe pelo rosto, pelas costas e coxas. Tinha a boca aber-

ta e contorcida, como se gritasse, mas já não havia som que de lá saísse. A multidão gargalhava com a cena. Uma mulher dobrava-se com o riso.

— Onde estão as penas? — indagou outra mulher.

— Faz dele uma galinha, Sam.

Foi despejado mais alcatrão, até que a parte superior do corpo do dentista ficou coberta pela substância negra cintilante. Os captores tinham-no largado, mas Burroughs estava demasiado abalado para tentar fugir. Além disso, os pés ainda de meias estavam presos em poças de alcatrão, nada mais podendo o dentista fazer do que tentar retirar a imundície dos olhos e da boca enquanto os torturadores acabavam o serviço. Uma mulher encheu o avental de penas e subiu para a caixa da carroça, onde, sob uma grande ovação, polvilhou com elas o dentista humilhado. Burroughs ali ficou, envolto na substância preta e nas penas, a fumegar, de boca aberta, com um ar patético. Em seu redor, a multidão ululava, ria-se e troçava. Alguns negros no passeio oposto riam-se à gargalhada e até o ministro que tão debilmente protestara contra a cena tinha dificuldade em reprimir um sorriso perante aquele espetáculo ridículo. Sam Pearce, o principal incitador, largou uma derradeira mancha de penas que se colaram ao alcatrão que ia solidificando, depois recuou e fez um floreado orgulhoso na direção do dentista. A multidão voltou a aplaudir.

— Ele que cacareje, Sam! Fá-lo cacarejar como uma galinha!

Deram toques ao dentista com a pá até que ele produziu a imitação patética do cacarejar de uma galinha.

— Mais alto! Mais alto!

O doutor Burroughs voltou a ser incitado e desta vez conseguiu fazer com que o som miserável fosse sonoro quanto bastasse para grande satisfação da turba. As gargalhadas ecoaram nas casas e ouviram-se na perfeição até ao rio, onde as barcas se atarefavam nos desembarcadouros.

— Traz o espião, Sam!

— Dá-lhe com força!

— Mostra-nos o bastardo do Starbuck!

Homens agarraram em Starbuck, soltaram-lhe as amarras e levaram-no na direção da carroça. O curtidor ajudou-os, sempre a esmurrar e a pontapear o indefeso Starbuck, cuspindo-lhe o ódio que sentia e provocando-o, antecipando a humilhação do rebento de Elial Starbuck. Pearce enfiara a cartola do dentista na grotesca cabeça do dono, ampliada pelo alcatrão e pelas penas. O dentista tremia e soluçava em silêncio.

Starbuck foi empurrado com violência contra a roda da carroça. Lá de cima estenderam-se mãos que lhe agarraram no colarinho e o puxaram. Alguns homens empurraram-no, o joelho embateu com força na carroça e, quando deu por si, estava caído na caixa, a mão suja por um pedaço de

alcatrão quente derramado. Sam Pearce puxou Starbuck para o pôr de pé e exibiu o rosto ensanguentado à multidão.

— Aqui está ele! O bastardo do Starbuck!

— Pinta-o, Sam!

— Empurra-o lá para dentro, Sam!

Pearce empurrou a cabeça de Starbuck para que ficasse por cima do barril, segurando-lhe o rosto a poucos centímetros do líquido malcheiroso. O tonel fora retirado das brasas, mas era grande e profundo o suficiente para manter quase todo o calor. Starbuck tentou afastar-se quando uma bolha se formou lentamente mesmo por baixo do nariz que lhe sangrava. O alcatrão rebentou e recuou vagarosamente, e Pearce voltou a endireitar Starbuck.

— Vamos lá a tirar a roupa, fedelho.

Mãos puxaram o casaco de Starbuck, rasgando-lhe as mangas e arrancando-o das costas do jovem.

— Deixa-o em pelota, Sam! — gritou excitadamente uma mulher.

— Dá ao pai dele um motivo para pregar! — Um homem saltitava ao lado da carroça. Junto a ele estava uma criança, de mão na boca, a fitar o que se passava com os olhos brilhantes. O dentista, agora ignorado, sentara-se na caixa da carroça, onde tentava, patética e inutilmente, arrancar o alcatrão quente da pele chamuscada.

Sam Pearce mexeu o conteúdo da tina. O curtidor ia cuspidando contra Starbuck, enquanto um homem de cabelo grisalho remexia na cintura de Starbuck, desabotoando-lhe as calças.

— Não te atrevas a mijar-me em cima, rapaz, ou ficas sem nada com que mijar. — Puxou as calças até aos joelhos de Starbuck, arrancando um grito agudo de satisfação por parte da turba.

Ao mesmo tempo ouviu-se um disparo.

O tiro quebrou o ar imóvel do cruzamento e fez esvoaçar um bando de pássaros dos telhados dos armazéns que ladeavam Shockoe Slip. A multidão virou-se. Pearce fez menção de puxar a camisa de Starbuck, mas um segundo disparo ecoou sonoramente nas casas distantes e fez com que a turba se silenciasse.

— Voltas a tocar no miúdo — alertou uma voz confiante e arrastada —, e és um homem morto.

— Ele é um espião! — Pearce tentou manter o controlo da situação.

— É meu convidado. — O orador montava um cavalo preto alto e usava um chapéu de abas largas, um casaco cinzento comprido e botas altas. Empunhava um revólver de cano comprido, que enfiou no coldre da sela. Fora um gesto de uma indiferença maravilhosa, que sugeria nada recear da turba. O rosto do homem estava oculto pelas sombras da aba do chapéu,

mas era óbvio que fora reconhecido, e quando fez avançar a montada, a multidão dividiu-se em silêncio para lhe abrir caminho. Foi seguido por um segundo cavaleiro, que guiava um cavalo sem ocupante.

O primeiro cavaleiro parou ao lado da carroça. Ergueu um pouco o chapéu com a ponta de um pingalim e depois fitou Starbuck, incrédulo.

— És o Nate Starbuck, não é verdade?

— Sou sim, senhor. — Starbuck tremia.

— Lembras-te de mim, Nate? Conhecemo-nos em New Haven, no ano passado.

— É claro que me lembro de si. — Starbuck tremia agora de alívio e não de receio. O seu salvador era Washington Faulconer, pai do melhor amigo de Starbuck e o homem cujo nome invocara havia pouco para se salvar da fúria da horda.

— Quer-me parecer que estás a ficar com uma imagem errada da hospitalidade virginiana — comentou tranquilamente Washington Faulconer. — Que vergonha! — Estas palavras foram dirigidas à multidão. — Não estamos em guerra com os forasteiros presentes na nossa cidade! Mas vocês são o quê, selvagens?

— Ele é um espião! — O curtidor tentava restaurar a supremacia sobre o bando.

Washington Faulconer falou com desprezo para o homem.

— E você é um idiota! Estão todos a comportar-se como Ianques! Os Nortistas talvez queiram uma oclocracia como governo, mas nós não! Quem é este homem? — Apontou com o pingalim para o dentista.

Burroughs não era capaz de falar, pelo que Starbuck, agora livre dos inimigos e com as calças de volta à segurança da cintura, respondeu pelo companheiro de infortúnio.

— O nome dele é Burroughs. É um dentista de passagem pela cidade.

Washington Faulconer olhou em seu redor até que viu dois homens que reconheceu.

— Levem o senhor Burroughs a minha casa. Faremos o possível por compensá-lo. — Feita a admoestação à horda embaraçada, voltou a olhar para Starbuck e apresentou o companheiro, um homem de cabelo escuro alguns anos mais velho do que Starbuck. — Este é o Ethan Ridley. — Ridley conduzia a montada sem cavaleiro, que era agora guiada paralela à caixa da carroça. — Toca a montar, Nate! — incitou Washington Faulconer.

— Sim, senhor. — Starbuck baixou-se para recuperar o casaco, apercebeu-se de que a peça de roupa não tinha salvação e voltou a endireitar-se, de mãos a abanar. Olhou para Sam Pearce, que encolheu os ombros ao de leve, como se sugerisse que não havia ressentimentos. No entanto é claro que havia e Starbuck, que nunca soubera como controlar o temperamento,

dirigiu-se rapidamente ao indivíduo corpulento e esmurrou-o. Sam Pearce tentou desviar-se, mas não foi a tempo e o golpe de Starbuck acertou-lhe na orelha. Pearce cambaleou, estendeu a mão para se salvar, mas só conseguiu mergulhá-la profundamente no barril de alcatrão. O homem gritou e libertou-se, mas tinha perdido o equilíbrio e agitou inutilmente os braços ao tropeçar no extremo da caixa da carroça e cair de cabeça na estrada. A mão de Starbuck doía-lhe, magoada pelo golpe atrapalhado, mas a multidão, agitada pela imprevisibilidade de uma horda movida pela paixão, começou de súbito a rir-se e a aplaudi-lo.

— Vamos embora, Nate! — Washington Faulconer exibia um sorriso rasgado perante a queda de Pearce.

Starbuck saiu da caixa do carro diretamente para o cavalo. Debateu-se para enfiar os pés nos estribos, agarrou nas rédeas e incitou a montada com os sapatos manchados de alcatrão. Imaginou que tivesse ficado sem os livros e as roupas, mas a perda não era de todo relevante. Os livros eram textos exegéticos dos seus estudos no Seminário Teológico de Yale e na melhor das hipóteses teria conseguido um dólar e meio por eles. As roupas valiam ainda menos, pelo que abandonou os pertences, seguindo, em vez disso, os seus salvadores para longe da multidão, Pearl Street acima. Starbuck continuava a tremer e ainda não acreditava que tivesse escapado à tortura da horda.

— Como sabia que eu ali estava? — perguntou a Washington Faulconer.

— Não me apercebi de que eras tu, Nate. Só fiquei a saber que um jovem que dizia conhecer-me estava prestes a ser enforcado pelo crime de ser ianque, por isso imaginei que fosse melhor dar uma vista de olhos. Foi um carroceiro que me contou, um indivíduo negro. Ouviu-te a dizer o meu nome, conhecia a minha casa e foi contar o que se passava ao meu intendente. Que me foi contar a mim, claro está.

— Estou em grande dívida para consigo.

— É verdade que estás em dívida para com o negro. Ou melhor, não estás, pois agradeci-lhe por ti com um dólar de prata. — Washington Faulconer virou-se e olhou para o companheiro desalinado. — O nariz dói-te?

— O normal para um nariz ensanguentado.

— Importas-te que te pergunte o que estás aqui a fazer, Nate? A Virgínia não me parece o lugar mais seguro para as deambulações de um homem do Massachusetts.

— Andava à sua procura. Pretendia dirigir-me a Faulconer Court House.

— E andar os cento e setenta quilómetros?! — Washington Faulconer riu-se. — O Adam não te disse que temos uma casa na cidade? O meu pai

era senador, por isso gostava de manter uma residência em Richmond onde guardar as coisas. Mas porque me procuravas? Ou será que é no Adam que estás interessado? Receio que ele se encontre no Norte. Anda a tentar impedir a guerra, mas parece-me que é um pouco tarde para isso. O Lincoln não quer a paz, por isso temo que tenhamos de lhe fazer a vontade e entrar em guerra. — Faulconer apresentou a mescla de perguntas e respostas com um tom bem-disposto. Era um homem de aspeto impressionante, de meia-idade e altura mediana, com as costas direitas e ombros largos. Tinha cabelo louro curto, barba espessa bem aparada, um rosto que parecia irradiar sinceridade e gentileza, e olhos azuis enrugados nos cantos, numa expressão de bondade divertida. Para Starbuck era em tudo semelhante ao filho, Adam, que Starbuck conhecera em Yale e que sempre vira como sendo o homem mais decente que já conhecera. — Mas o que estás aqui a fazer, Nate? — repetiu Faulconer a questão original.

— É uma longa história. — Starbuck raramente andava a cavalo e quando o fazia, não corria bem. Estava debruçado sobre a sela e saltava de um lado para o outro, estabelecendo um contraste terrível com os dois companheiros elegantes, que montavam com uma mestria descontraída.

— Gosto de histórias compridas — replicou Washington Faulconer alegremente —, mas guarda-a para quando estiveres limpo. Cá estamos. — Apontou com o pingalim para uma luxuosa casa de três andares de fachada de pedra, obviamente o lugar onde o pai guardara as coisas. — Esta semana não temos senhoras cá hospedadas, pelo que podemos andar à vontade. O Ethan vai arranjar-te roupas. Leva-o ao quarto do Adam, sim, Ethan?

Criados negros chegaram a correr do estábulo para cuidar dos cavalos e de súbito, depois de semanas de incertezas, riscos e humilhações, Starbuck sentiu-se rodeado por segurança e conforto. Quase podia chorar com o alívio. A América estava a mergulhar no caos, nas suas ruas tinham lugar tumultos, mas Starbuck estava em segurança.

— Já pareces mais humano, Nate! — Washington Faulconer recebeu Starbuck no estúdio. — E essas roupas não te ficam muito mal. Sentes-te melhor?

— Muito melhor, obrigado.

— O banho estava suficientemente quente?

— Perfeito.

— Esse olho parece dorido. Talvez devesses aplicar uma cataplasma antes de dormir? Tivemos de chamar um médico para o teu amigo de Filadélfia. Estão nos estábulos, a tentar depenar o pobre coitado. Claro que

agora, o meu problema é saber se devo comprar mil espingardas a doze dólares cada.

— Porque não haveríamos de as comprar? — Ethan Ridley, que instalara Starbuck no quarto de Adam e depois mandara preparar-lhe um banho e uma muda de roupas, estava agora num sofá junto à janela do estúdio de Washington Faulconer, onde se entretinha com um revólver de cano comprido, o qual apontava ocasionalmente aos pedestres que passavam na rua lá em baixo.

— Porque não quero ficar com as primeiras armas que me apareceram — explicou Washington Faulconer. — Daqui a um mês ou dois pode aparecer qualquer coisa melhor.

— Não há muito melhor do que a espingarda do Mississippi. — Ridley abateu em silêncio o condutor de uma caleche escarlata. — É o preço não vai descer. Com todo o respeito, o preço não vai baixar. Os preços nunca baixam.

— Imagino que assim seja. — Faulconer fez uma pausa, mas ainda parecia relutante em tomar uma decisão.

A um canto da divisão, um relógio tiquetaqueava sonoramente. O eixo de uma carroça gemeu na rua. Ridley acendeu um charuto fino e comprido, e sugou profundamente o fumo. Um cinzeiro de latão a seu lado estava cheio de cinza e de beatas. Voltou a dar um bafo, fazendo a ponta do charuto brilhar, e depois olhou para Starbuck.

— O Norte vai lutar? — quis saber, esperando, obviamente, que um ianque como Starbuck tivesse uma resposta pronta.

Claro que Starbuck não fazia ideia das intenções do Norte na sequência da queda do Forte Sumter. Passara as últimas semanas demasiado absorto para pensar em política. Agora, confrontado com a questão que animava toda a zona sul do país, não sabia o que responder.

— A bem da verdade, não interessa se eles vão combater ou não. — Washington Faulconer falou antes que Starbuck tivesse oportunidade de apresentar qualquer resposta. — Se não parecermos prontos a lutar, Ethan, nesse caso é garantido que o Norte nos vai invadir. Agora, se nos mantivermos firmes, pode ser que eles recuem.

— Nesse caso compre as armas — insistiu Ridley. Reforçou as palavras puxando o gatilho do revólver descarregado. Era um homem alto e magro, elegante com as suas botas de montar pretas, pantalonas pretas e casaco da mesma cor, manchado com restos de cinza de charuto. Tinha cabelo preto comprido, oleado para trás, e a barba aparada em ponta. No quarto de Adam, enquanto Starbuck se lavava, Ridley percorreria a divisão de um lado para o outro, dizendo a Starbuck que tencionava casar-se com Anna, a filha de Washington Faulconer, e como a iminência da guerra lhes atrasara

os planos de matrimónio. Ridley falara sobre a possível guerra mais como uma irritação do que como uma calamidade, e a pronúncia sulista, lenta e atraente, servira para deixar a confiança na voz ainda mais convincente.

— Lá se vão doze mil dólares! — exclamava agora Washington Faulconer, que assinava uma ordem de pagamento enquanto falava. — Compra-me as armas, Ethan, e faz-me um bom negócio. — Starbuck interrogava-se para que estaria Washington Faulconer a comprar tantas espingardas, mas não tinha dúvidas quanto à capacidade financeira para tal aquisição, já que sabia que o pai do amigo era um dos homens mais ricos da Virgínia, até mesmo de todos os precários Estados Unidos. Faulconer podia gabar-se de que o mais recente levantamento dos terrenos da família, em Faulconer County, fora levado a cabo por um jovem prospetor de seu nome George Washington e que desde então a família não perdera um único hectare, tendo, pelo contrário, acrescentado muitos mais. Entre os novos terrenos contava-se a terra onde se erguia atualmente a casa de Faulconer em Richmond — uma das mais imponentes construções de Clay Street, que tinha, nas traseiras, um vasto estábulo com casa para carruagens e acomodações para uma dúzia de criados, além de cocheiras para trinta cavalos. A casa possuía salão de baile, sala de música e aquela que era considerada a mais bela de todas as escadarias de Richmond, uma escada circular magnífica que contornava um vão dourado com retratos da família, o mais antigo dos quais fora trazido de Inglaterra no século XVII. Os livros no estúdio de Washington Faulconer tinham o brasão da família gravado a ouro nas capas de pele, tendo as secretárias, as cadeiras e as mesas sido fabricadas pelos melhores artesãos europeus, já que para um homem tão abastado como Washington Faulconer, tudo tinha de ser o melhor. Cada mesa ostentava flores, não só como decoração, mas também para tentar abafar o cheiro das fábricas de tabaco da cidade.

— Ora bem, Nate — disse Washington Faulconer alegremente depois de se ter decidido a comprar as armas de doze dólares —, prometeste-nos uma história. Temos aqui café, ou preferes alguma coisa mais forte? Bebés? Sim? Mas sem a bênção do teu pai, imagino. Ele não deve aprovar o álcool de todo, pois não? Será que além de abolicionista, o reverendo Elial também é proibicionista? E é mesmo! Que homem feroz ele deve ser. Senta-te. — Washington Faulconer transbordava energia e pareceu satisfeito em manter um diálogo consigo próprio enquanto se levantou, foi buscar uma cadeira para Starbuck, serviu café ao jovem e se instalou mais uma vez à secretária. — Ora então, conta-me lá! Não devias estar no seminário?

— Sim, é verdade. — Starbuck sentiu-se repentinamente inibido, embaraçado com a sua história e com a condição patética em que se encon-

trava. — É uma história muito comprida. — Tentou esquivar-se perante Washington Faulconer.

— Quanto maior, melhor. Vamos lá, conta-nos!

Starbuck não teve assim outra alternativa que não narrar a sua história patética de obsessão, amor e crime: o enredo infame de como a *Mademoiselle* Dominique Demarest, de Nova Orleães, convencera Nathaniel Starbuck, de Yale, de que a vida tinha mais a oferecer do que palestras sobre a didática da teologia, a literatura sagrada e as artes do sermão.

— Uma vilã! — exclamou Washington Faulconer com um prazer inegável assim que Starbuck a mencionou. — Todas as histórias têm de contar com uma vilã.

Starbuck vira pela primeira vez a *Mademoiselle* Dominique Demarest no Lyceum Hall, em New Haven, onde a companhia de teatro itinerante do major Ferdinand Trabell ia apresentar a *Única Versão Dramática Autorizada de A Cabana do Pai Tomás, Contando com Sabujos Verdadeiros*. A companhia de Trabell fora a terceira a visitar New Haven com a história do Pai Tomás nesse inverno, sendo que cada uma afirmava estar a apresentar a única versão dramática autorizada da grande obra. Contudo, a produção do major Trabell fora a primeira a que Starbuck se atrevera a assistir. No seminário tivera lugar uma discussão apaixonada sobre a correção de assistir a um espetáculo teatral, mesmo sendo esse dedicado à instrução moral e à abolição da escravatura, mas Starbuck quisera ir por causa dos sabujos mencionados no cartaz. O excelente trabalho da senhora Beecher Stowe não incluía sabujos, mas Starbuck imaginava que os animais serviriam para acrescentar peso dramático à história. Dirigira-se então ao Lyceum, onde vira, maravilhado, um verdadeiro anjo que desempenhava o papel da escrava fugitiva Eliza a percorrer as massas de gelo falso, perseguida por um par de cães letárgicos e babosos que poderiam, ou talvez não, ser sabujos.

Não que Starbuck estivesse interessado na raça dos cães. Preocupava-se apenas com o anjo, que tinha um rosto comprido, olhos tristonhos, faces escurecidas, boca larga, cabelo negro como a noite e uma voz gentil. Apaixonara-se instantânea e furiosamente e, segundo lhe parecia, para todo o sempre. Regressara ao Lyceum na noite seguinte e nas duas após essa. Acontece que essa fora a última exibição em New Haven do grandioso épico e, no dia seguinte, Starbuck oferecera-se para ajudar o major Trabell a dismantelar e empacotar o cenário. O major, que recentemente fora abandonado pelo único filho, precisando, por isso mesmo, de um substituto para desempenhar os papéis de Augustine St. Clair e de Simon Legree, e reconhecendo o belo aspeto físico de Starbuck e a sua presença imponente, oferecera-lhe quatro dólares por semana, pensão completa e a tutela do próprio major Trabell nas artes de palco. Nem sequer tais aliciamentos te-

riam convencido Starbuck a abandonar o seminário, não fosse pelo facto de a *Mademoiselle* Dominique Demarest ter juntado as suas súplicas às do empregador. Assim, agindo por impulso e graças à adoração que sentia por Dominique, Starbuck tornara-se um ator itinerante.

— Desististe de tudo e acompanhaste-os? Assim, sem mais nem menos? — indagou Washington Faulconer, obviamente divertido, até mesmo com alguma admiração.

— Sim, senhor. — Claro que Starbuck não confessara até onde se rendera a Dominique, ao ponto da humilhação. Admitira ter estado ao serviço do teatro noite após noite, mas não descrevera como se demorara nas ruas, à espera de um vislumbre do seu anjo, ou como escrevera vezes sem conta o nome dela nos cadernos, nem como tentara capturar a lápis a delicadeza do rosto comprido e enganadoramente etéreo, ou como ansiara por reparar os danos espirituais que tinham sido causados a Dominique pela sua história de vida assombrosa.

A narrativa fora publicada no jornal de New Haven que anunciara a representação do *Tomás* por parte da companhia e revelava que embora a *Mademoiselle* Demarest parecesse ser tão branca como qualquer outra senhora responsável, ela, na verdade, era uma mestiça de dezanove anos de idade que fora escrava de um cavalheiro selvagem de Nova Orleães, cujo comportamento se equiparava ao de Simon Legree. O pudor impedia o jornal de entrar em pormenores quanto ao comportamento do dito senhor, salvo para dizer que o proprietário de Dominique ameaçara a virtude da jovem, obrigando assim Dominique a fugir para norte, em busca de liberdade e da protecção da sua pureza, numa viagem que rivalizava com o drama da fuga ficcional de Eliza. Starbuck tentou imaginar a sua bela Dominique a fugir desesperadamente pela noite do Luisiana, perseguida por tratantes ululantes, cães a uivar e um dono libidinoso.

— Fugi, uma ova! Nunca fui uma escrava, nunca! — contou Dominique a Starbuck no dia seguinte, quando seguiam nas carroças para Hartford, onde a peça estaria em cena durante seis noites, no Touro Hall. — Não tenho sangue de preta, nem uma gota. Mas essa história vende bilhetes, pois vende, e os bilhetes dão dinheiro, e é por isso que o Trabell diz aos jornais que sou mestiça.

— Queres dizer que isso é tudo mentira? — Starbuck estava horrorizado.

— É claro que é mentira! — Dominique parecia indignada. — Já te disse, isso só serve para vender bilhetes, e os bilhetes são dinheiro. — Explicou que as únicas verdades na fábula eram o facto de ter dezanove anos de idade e de ter sido criada em Nova Orleães, mas numa família branca, que ela afirmava ter antecedentes franceses impecáveis. O pai tinha dinheiro,

embora Dominique se tivesse mostrado vaga quanto ao processo exato que levava a filha de um comerciante abastado do Luisiana à representação do papel de Eliza na companhia itinerante do major Ferdinand Trabell. — Não que o Trabell seja um major a sério — confiou Dominique a Starbuck —, ele só finge que combateu no México. Diz que ficou coxo numa batalha por causa de uma baioneta, mas acho que o mais provável é que tenha sido esfaqueado por uma puta em Filadélfia. — Riu-se. Era dois anos mais nova do que Starbuck, mas parecia incomensuravelmente mais velha e bastante mais experiente. Parecia também gostar de Starbuck, que retribuía o sentimento com uma adoração cega e não se importava de todo que ela não fosse uma escrava foragida. — Quanto é que ele te paga? — perguntou Dominique a Starbuck.

— Quatro dólares por semana.

Dominique soltou uma gargalhada trocista.

— Está a roubar-te!

Ao longo dos dois meses seguintes, Starbuck aprendeu com toda a satisfação o ofício dramático, enquanto venerava o altar que era a virtude da menina Demarest. Gostava de subir ao palco e o facto de ser filho do reverendo Elial Starbuck, o famoso abolicionista, servia para engrossar tanto o público como as receitas de Trabell. Deu igualmente a conhecer a nova profissão de Nathaniel ao pai, que numa fúria imensa mandou que James, o irmão mais velho de Starbuck, levasse o pecador à contrição.

A missão de James falhara redondamente e, duas semanas depois, Dominique, que até então ainda não permitira qualquer liberdade a Starbuck que não o dar-lhe a mão, prometeu-lhe por fim como recompensa saciar-lhe os desejos do coração, caso a ajudasse a roubar os lucros da semana ao major Trabell.

— Ele deve-me dinheiro — explicou Dominique, adiantando que o pai lhe escrevera a dizer que a esperava em Richmond, na Virgínia, e que sabia que o major Trabell não lhe pagaria os seis meses de salários que lhe devia. Precisava, assim, da ajuda de Starbuck para furtar aquilo que, afinal de contas, já era dela por direito. Pela recompensa que a jovem oferecia, Starbuck teria ajudado Dominique a roubar a Lua, mas contentou-se com os oitocentos e sessenta e quatro dólares que encontrou na mala do major Trabell. A quantia foi desviada enquanto, no quarto ao lado, o major tomava um banho com uma jovem que ansiava por uma carreira no palco, tendo-se prontificado a ser inspecionada e avaliada profissionalmente por Trabell.

Starbuck e Dominique fugiram nessa mesma noite, tendo chegado a Richmond apenas dois dias mais tarde. O pai de Dominique deveria estar à espera deles no Spotswood House Hotel, na Main Street, mas no seu lugar encontraram um jovem alto, quando muito um ano mais velho do que

Starbuck, que aguardava no átrio do hotel e que se riu de alegria quando Dominique apareceu. O jovem era Jefferson, o filho do major Trabel, que se afastara do pai e que agora dispensava Starbuck com dez dólares paternalistas.

— Põe-te a andar, rapaz — dissera —, antes que te pendurem como festim para os corvos. Hoje em dia, os Nortistas não são muito populares por estas bandas. — Jefferson Trabel usava pantalonas de pele de gamo, botas de cano alto, colete de cetim e um casaco escarlate. Tinha olhos escuros intensos e suíças estreitas, as quais estavam oleadas como azeviche, à semelhança do longo cabelo preto. O plastrão estava preso com um grande alfinete de pérola e o revólver no coldre tinha apliques de prata polida no punho. Foi a arma, e não o ar de dândi do jovem alto, que convenceu Starbuck de que não valeria a pena tentar exigir a promessa devida pela *Made-moiselle* Dominique Demarest.

— Quer dizer que ela te abandonou ali? — perguntou Washington Faulconer, incrédulo.

— Sim, senhor. — A recordação vergonhosa deixava Starbuck num estado miserável.

— Sem sequer lhe dar boleia para algum lado? — Ethan Ridley pôs o revólver descarregado ao fazer a pergunta e, embora a questão lhe merecesse um olhar reprovador de Washington Faulconer, era, ao mesmo tempo, óbvio que o homem mais velho também pretendia ouvir a resposta. Starbuck não disse nada, mas também não precisava. Dominique usara-o a seu bel-prazer e a tolice do jovem ficara bem patente.

— Ah, Nate, coitado! — Washington Faulconer estava divertido. — O que vais fazer agora? Voltar a casa? O teu pai não estará satisfeito! E o major Trabel? Deve estar com vontade de te esganar, não achas? Isso e recuperar o dinheiro! É sulista?

— É da Pensilvânia, mas o filho dele finge ser do Sul.

— Então e onde está o filho? Continua no Spotswood?

— Não, senhor. — Starbuck passara a noite numa pensão em Canal Street e pela manhã, ainda indignado, dirigira-se ao Spotswood House Hotel para confrontar Dominique e o amante dela. Em vez disso, um funcionário dissera-lhe que o senhor e a senhora Jefferson tinham acabado de sair para a Estação de Richmond e Danville. Starbuck seguira-os, mas acabou por descobrir que os pombinhos tinham levantado voo e o comboio fumegava já em direção a sul, com a locomotiva a cuspir um fumo acre para o ar primaveril, carregado com a notícia da capitulação do Forte Sumter.

— Mas que bela história, Nate, que bela história! — Washington Faulconer riu-se. — Não fiques assim. Não foste o primeiro jovem a deixar-se levar por uma saia, nem vais ser o último. E de certeza que o major Trabel é

um escroque de primeira. — Acendeu um charuto e deitou o fósforo usado para um escarrador. — Muito bem, o que vamos nós fazer contigo? — A leveza patente no tom da pergunta parecia dar a entender que tudo o que Starbuck desejasse poderia ser concretizado facilmente. — Queres voltar a Yale?

— Não, senhor. — A voz de Starbuck denotava a sua lástima.

— Não?

Starbuck abriu as mãos.

— Não sei se deveria estar no seminário. Nem sequer sei se o devia ter começado a frequentar. — Fitou os nós dos dedos, feridos e com cicatrizes, e mordeu o lábio enquanto pensava na resposta. — Já não posso ser um pastor, agora que me tornei ladrão. — E pior ainda do que ladrão, pensou Starbuck. Lembrava-se do quarto capítulo da primeira carta a Timóteo, onde S. Paulo profetizara como nos últimos tempos alguns homens apostatariam, cedendo a espíritos sedutores e às doutrinas dos demónios, e Starbuck sabia que concretizara essa profecia. Essa consciência encheu-lhe a voz de uma angústia terrível. — Não sou merecedor do sacerdócio.

— Merecedor? — exclamou Washington Faulconer. — Merecedor! Por Deus, Nate, não dirias isso se viesses os malandros que sobem aos nossos púlpitos! Ora, temos um indivíduo na Igreja de Rosskill que prega bêbado todos os domingos de manhã. Não é verdade, Ethan?

— No ano passado, o desgraçado caiu para dentro de uma cova — acrescentou Ridley, divertido. — Era suposto enterrar alguém e quem quase acabou enterrado foi ele.

— Por isso, no teu lugar, não me preocupava em ser merecedor — concluiu Faulconer, com um tom de desprezo. — Mas sim, imagino que em Yale não estejam muito dispostos a receber-te de volta, Nate, depois de teres abandonado a instituição atrás de um devaneio do coração. E pelos vistos, agora também és um homem procurado pela lei, não é? Um ladrão, ainda por cima! — Era óbvio que, para Faulconer, essa ideia era extremamente divertida. — Se voltares ao Norte, vão enfiar-te na prisão, não será assim?

— Receio que sim.

Washington Faulconer soltou um grito de prazer.

— Por Deus, Nate, estás mesmo enterrado no esterco. Até ao pescoço! E o que fará o teu santo pai se voltares a casa? Dá-te umas vergastadas antes de te entregar aos agentes da lei?

— É o mais provável, sim.

— Quer dizer que o reverendo Elial é violento? Gosta de bater?

— Gosta, sim senhor.

— Não posso permitir tal coisa. — Washington Faulconer levantou-se e dirigiu-se a uma janela com vista para a rua. No estreito jardim da frente

da casa, uma magnólia estava em flor, enchendo a saliência da janela com um aroma doce. — Nunca acreditei na disciplina física. O meu pai não me batia e eu nunca bati nos meus filhos. Deixa-me que te diga, Nate, que nunca toquei nos meus filhos, nem nos meus criados, só nos meus inimigos. — As palavras tinham um tom sentencioso, como se estivesse habituado a justificar o seu comportamento bizarro. A bem da verdade, as suas ações eram estranhas, já que havia menos de dez anos, Washington Faulconer tornara-se famoso por ter libertado todos os seus escravos. Durante um breve período, os jornais nortistas tinham elogiado Faulconer como sendo o precursor do esclarecimento sulista, reputação que o tornara bastante impopular na sua Virgínia natal, mas a animosidade dos vizinhos esmorecera quando se recusara a encorajar outros sulistas a seguir o seu exemplo. Afirmava que a decisão tomada fora estritamente pessoal. Agora, com esse furor bem enterrado no passado, Faulconer sorria a Starbuck. — O que é que vamos fazer contigo, Nate?

— Já fez bastante, senhor Faulconer — retorquiu Starbuck, embora, na verdade, esperasse que ainda se pudesse fazer muito mais. — Aquilo que tenho de fazer é encontrar trabalho. Tenho de pagar ao major Trabell.

Faulconer sorriu ante a seriedade de Starbuck.

— O único trabalho por estas bandas é como soldado raso, Nate, e não me parece que seja um ofício que sirva para pagar dívidas com celeridade. Não, acho que tens de estabelecer objetivos mais altaneiros. — Faulconer parecia estar bastante divertido com a resolução do problema de Starbuck. Sorriu e fez um gesto que abarcou a divisão luxuosa. — Talvez queiras considerar a possibilidade de aqui ficares, Nate. Comigo. Preciso de alguém que possa servir de meu secretário pessoal e também que proceda a algumas aquisições.

— Senhor Faulconer! — Ethan Ridley sentou-se muito direito no sofá, o tom irado da voz a revelar que o emprego que estava a ser oferecido a Starbuck era tido como garantido.

— Ora, Ethan, então? Detestas servir de meu secretário! Nem sequer sabes escrever devidamente! — admoestou gentilmente Faulconer o futuro genro. — Além disso, com as armas compradas, a tua tarefa principal ficou concluída. Pelo menos por agora. — Sentou-se e pensou durante alguns instantes, após o que estalou os dedos. — Já sei, Ethan. Volta a Faulconer County e dá início à recruta. Faz soar o grito de guerra em meu nome. Se não organizarmos o condado, haverá quem o faça por nós e não quero os homens de Faulconer County a combater em outros regimentos da Virgínia. Além disso, será que não queres passar tempo com a Anna?

— É claro que quero. — No entanto, Ridley não pareceu muito entusiasmado com a oportunidade de ficar perto da sua prometida.

Washington Faulconer voltou a dirigir-se a Starbuck.

— Vou organizar um regimento, Nate, uma legião. A Legião Faulconer. Esperava que tal não viesse a ser necessário, tinha esperança que o bom senso prevalecesse, mas parece que o Norte quer lutar. Pois bem, por Deus, se eles insistem na guerra, vamos dar-lha. Será que a tua lealdade ficaria ofendida se me ajudasses?

— Não, senhor Faulconer. — Parecia uma resposta absolutamente inadequada, pelo que Starbuck deu mais entusiasmo à voz. — Sentir-me-ia orgulhoso de o ajudar.

— Já começámos — indicou Faulconer, com modéstia. — O Ethan tem vindo a comprar equipamento e agora encontrámos as armas, tal como ouviste, mas a papelada já está a tornar-se insuportável. Achas-te capaz de tratar de alguma da minha correspondência?

Se Starbuck seria capaz de tratar de correspondência? Nathaniel Starbuck trataria de toda a correspondência de Washington Faulconer desde aquele momento até que os mares secassem. Nathaniel Starbuck faria tudo o que aquele homem maravilhoso, gentil, decente e absolutamente altruísta lhe pedisse.

— É claro que posso ajudar, senhor Faulconer. Seria um privilégio.

— Mas, senhor Faulconer...! — Ethan Ridley esboçou um derradeiro protesto patriótico. — Não pode confiar assuntos militares a um nortista.

— Que disparate, Ethan! O Nate é um apátrida! É um fora-da-lei. Não pode voltar a casa, a menos que queira ser preso, por isso vai ter de ficar aqui. Estou a torná-lo um virginiano honorário. — Faulconer fez uma vénia a Starbuck, em reconhecimento de tão elevado estatuto. — Bem-vindo ao Sul, Nate.

Ethan Ridley pareceu espantado com a gentileza quixótica do futuro sogro, mas Nathaniel Starbuck não se preocupou com isso. Tinha aterrado de pé, a sorte invertera-se e estava seguro na terra dos inimigos do pai. Starbuck fora para sul.

Os primeiros dias de Starbuck em Richmond foram passados a acompanhar Ethan Ridley aos armazéns onde se guardavam os abastecimentos e os apetrechos que equipariam a Legião Faulconer. Ridley tratara da compra do equipamento e agora, antes de partir para a recruta em Faulconer County, garantia que Starbuck seria capaz de assumir todas as responsabilidades.

— Não que tenha de se preocupar com as finanças, Reverendo — descansou-o Ridley, usando a alcunha meio trocista, meio provocadora que adotara para o nortista —, mas vou deixá-lo tratar do transporte. — Starbuck ficava depois sozinho em enormes armazéns cavernosos, ou em escritórios poeirentos, enquanto Ridley discutia os seus negócios em salas privadas, surgindo ocasionalmente para atirar mais ordens a Starbuck. — Aqui o senhor Williams vai ter seis caixotes prontos durante a próxima semana. Na quinta-feira, Johnny?

— Está tudo pronto na quinta-feira, senhor Ridley. — O armazém de Williams iria vender à Legião Faulconer um milhar de pares de botas, enquanto outros comerciantes venderiam espingardas, fardas, fulminantes, botões, baionetas, pólvora, cartuchos, revólveres, tendas, caçarolas, mochilas, cantis, canecas metálicas, fio de cânhamo, cinturões: todas as necessidades imagináveis da parafernália militar, e tudo com origem em armazéns privados, pois Washington Faulconer recusava-se a lidar com o governo virginiano.

— Reverendo — explicou Ridley a Starbuck —, é bom que entenda que

o senhor Faulconer não gosta do novo governador e o sentimento é recíproco. O senhor Faulconer julga que o governador vai deixar que ele pague a Legião, para depois a roubar. Por isso, não podemos ter nada a ver com o governo estatal. Não os devemos encorajar, percebe? Assim sendo, não podemos comprar bens aos armazéns do Estado, o que dificulta um pouco a vida. — No entanto, era óbvio que Ethan Ridley ultrapassara muitas dessas dificuldades, já que o caderno de Starbuck estava a encher-se com listas de caixotes, caixas, barris e sacas que teriam de ser levantadas e entregues na povoação da Faulconer Court House. — Dinheiro — revelou-lhe Ridley —, é essa a chave, Reverendo. Andam por aí mil e um indivíduos a tentar comprar equipamento e há falta de tudo um pouco, por isso precisamos de bolsos bem fundos. Vamos tomar uma bebida.

Ethan Ridley sentia um prazer perverso em apresentar a Starbuck os bares da cidade, em especial as tabernas sombrias e detestáveis, ocultas entre as fiações e os albergues da margem norte do rio James.

— Isto não é de todo como a igreja do seu pai, pois não, Reverendo? — perguntava Ridley sobre um qualquer antro infestado de ratazanas, ao que Starbuck replicava que a taberna nada tinha, com efeito, a ver com a sua educação regrada em Boston, onde a limpeza fora uma marca da graça divina e a abstinência uma garantia da salvação.

Era óbvio que Ridley pretendia saborear o prazer de chocar o filho do reverendo Elial Starbuck, mas, contudo, até mesmo a mais imunda das tabernas de Richmond apelava à sensibilidade de Starbuck por ser profundamente díspar da tristeza calvinista do pai. Não que Boston carecesse de bares tão miseráveis como qualquer um dos que se podiam encontrar em Richmond, mas Starbuck nunca entrara nas tabernas de Boston, sentindo assim uma grande satisfação com as visitas diurnas de Ridley aos becos malcheirosos de Richmond. As aventuras pareciam-lhe uma prova de que conseguira fugir à influência gelada da família. Todavia, o prazer evidente de Starbuck fazia com que Ridley se esforçasse cada vez mais por tentar chocá-lo.

— Sabe, Reverendo, se o abandonasse neste sítio — ameaçou Ridley numa taberna de marinheiros que fedia ao esgoto que pingava para o rio de um cano ferrugento a menos de três metros da destilaria —, cortavam-lhe o pescoço em menos de cinco minutos.

— Por ser do Norte?

— Por estar calçado.

— Não me acontecia nada — gabou-se Starbuck. Não tinha armas e a dúzia de homens presentes na taberna pareciam capazes de cortar toda uma congregação de pescoços respeitáveis sem o mínimo peso na consciência, mas Starbuck não se permitiria mostrar receio na presença de Ethan Ridley. — Se quiser, pode deixar-me aqui ficar.

— Não se atrevia a ficar aqui sozinho — contestou Ridley.

— Pode ir. Veja se me importo. — Starbuck virou-se para o balcão e estalou os dedos. — Mais um copo para aqui. Só um! — Não passava de bravata, pois Starbuck praticamente não bebia álcool. Dava pequenos goles no uísque, mas Ridley esvaziava sempre o copo. Starbuck sentia-se atormentado pelo terror do pecado, sendo exatamente esse terror que dava sabor às excursões às tabernas, e a bebida era um dos maiores pecados com cuja tentação Starbuck ora brincava, ora resistia.

Ridley soltou uma gargalhada com a provocação de Starbuck.

— Permita-me que lhe diga que tem muita coragem, Starbuck.

— Então deixe-me aqui.

— O senhor Faulconer não me perdoava se o deixasse morrer. O Reverendo é o novo cachorrinho de estimação dele.

— Cachorrinho? — Starbuck empertigou a cabeça ao ouvir essas palavras.

— Não se ofenda, Reverendo. — Ridley pisou a beata de um charuto terminado e acendeu imediatamente outro. Era um homem de apetites impacientes. — O Faulconer é um homem solitário e os homens solitários gostam de ter cachorrinhos. É por isso que é um adepto tão fervoroso da secessão.

— Por ser solitário? — Starbuck não compreendia.

Ridley abanou a cabeça. Estava de costas para o balcão e olhava por uma janela rachada imunda para um navio de dois mastros que atracava num desembarcadouro fluvial em ruínas.

— O Faulconer apoia a rebelião porque julga que isso o vai tornar popular junto dos velhos amigos do pai. Vai revelar-se um sulista mais fervoroso do que todos eles, pois, de certa forma, ele não é sulista de todo, se é que me está a entender.

— Não.

Ridley carregou o cenho, como se não tivesse vontade de se explicar, mas acabou por tentar.

— Ele é dono de terras, Reverendo, mas não as usa. Não as cultiva, não as planta, nem sequer as usa como pasto. Limita-se a tê-las e a olhar para elas. Não tem pretos, pelo menos como escravos. O dinheiro dele vem do caminho-de-ferro e do papel, e o papel vem de Nova Iorque, ou de Londres. É provável que se sinta mais à vontade na Europa do que aqui em Richmond, mas isso não o impediu de querer pertencer ao Estado. Quer ser sulista, mas não é. — Ridley soprou uma nuvem de fumo pela sala, após o que dirigiu o olhar sombrio e sardónico a Starbuck. — Vou dar-lhe um conselho.

— Faça favor.

— Não deixe de concordar com ele — declarou Ridley, com seriedade. — A família pode discordar do Washington, razão pela qual ele não passa lá grande tempo, mas os secretários pessoais, como o Reverendo e como eu, não podemos ir contra ele. O nosso trabalho é admirá-lo. Está a perceber?

— Seja como for, ele é admirável — argumentou Starbuck, com lealdade.

— Imagino que todos sejamos admiráveis — enunciou Ridley, divertido —, desde que encontremos um pedestal suficientemente alto para onde subirmos. O pedestal do Washington é o dinheiro que tem, Reverendo.

— E o seu também é? — indagou Starbuck, num tom beligerante.

— O meu não, Reverendo. O meu pai perdeu todo o dinheiro da família. O meu pedestal, Reverendo, são os cavalos. Sou o melhor cavaleiro que encontra neste lado do Atlântico. Já que falamos nisso, que encontra seja onde for. — Ridley sorriu com a sua própria falta de modéstia e depois esvaziou o copo de uísque. — Vamos ver se aqueles sacanas da Boyle e Gamble encontraram os binóculos que me prometeram na semana passada.

À noite, Ridley desaparecia nos aposentos do meio-irmão, em Grace Street, deixando Starbuck regressar sozinho à casa de Washington Faulconer por ruas cheias de criaturas de aspeto estranho, vindas das profundezas do Sul. Viam-se homens de pernas magras e rostos encovados do Alabama, cavaleiros de cabelo longo e pele curtida do Texas, e voluntários barbados e rudes do Mississippi, todos armados como flibusteiros e prontos a beber até caírem em acessos de fúria. As prostitutas e os vendedores de bebida faziam pequenas fortunas, as rendas na cidade subiam cada vez mais e, mesmo assim, os comboios continuavam a trazer voluntários novos para Richmond. Tinham chegado todos, sem exceção, para proteger dos Ianques a nova Confederação embora, à primeira vista, parecesse que essa nova Confederação se deveria proteger dos seus próprios defensores. Depois, obedecendo às ordens insistentes do recém-nomeado comandante militar estatal, todos os voluntários desalinados eram levados para os terrenos da Feira Central da cidade, onde cadetes do Instituto Militar da Virgínia lhes dariam a recruta básica.

O novo comandante da milícia virginiana, o major-general Robert Lee, também fez questão de visitar Washington Faulconer. Este desconfiava que a visita proposta seria uma artimanha por parte do novo governador da Virgínia para assumir o controlo da Legião. No entanto, e apesar das suas reticências, Faulconer não podia obstar-se a receber um homem proveniente de uma família virginiana tão antiga e destacada como a dele. Ethan Ridley deixara Richmond na véspera da visita de Lee, pelo que Starbuck recebeu ordens para estar presente no encontro.

— Quero que registes tudo o que for dito — alertou-o Faulconer, num

tom sombrio. — O Letcher não é o tipo de homem que permite que um patriota organize um regimento. Atenta no que te digo, Nate, ele enviou o Lee para me retirar a Legião.

Starbuck instalou-se a um lado do estúdio, com um caderno aberto em cima dos joelhos, embora não se tivesse discutido nada de grande importância. Lee, um homem de meia-idade vestido com roupas civis e acompanhado por um jovem capitão com farda da milícia estatal, começou por trocar amabilidades com Faulconer, após o que de modo formal, quase apologeticamente, explicou que o governador Letcher lhe ordenara que comandasse as forças armadas do Estado, sendo a sua primeira tarefa recrutar, equipar e treinar essas forças, e que tinha chegado ao seu conhecimento que o senhor Faulconer estaria a organizar um regimento em Faulconer County.

— Uma legião — corrigiu-o Faulconer.

— Ah sim, com efeito, uma legião. — Lee pareceu genuinamente desconcertado com o termo.

— E nem uma das suas armas, canhões e selas, nenhum abotoador ou cantil, nem uma única peça de equipamento, Lee, irá pesar na despesa do Estado — declarou Faulconer, orgulhoso. — Sou eu que vou pagar tudo, até ao último atacador.

— Imagino que se trate de um empreendimento dispendioso, Faulconer. — Lee franziu o cenho, como se estivesse confuso com a generosidade de Faulconer. A reputação do general precedia-o e os habitantes de Richmond sentiam-se reconfortados por ele ter regressado ao seu Estado natal, em vez de ter aceitado o comando dos exércitos nortistas de Abraham Lincoln. Contudo, Starbuck, que observava o homem calmo e elegante, de barba grisalha, não via grandes indícios do suposto génio do oficial. Lee parecia reticente ao ponto da timidez e era completamente abafado pela energia e pelo entusiasmo de Washington Faulconer.

— Referiu canhões e cavalaria — comentou Lee, num tom acanhado. — Isso quer dizer que o seu regimento, ou melhor, a sua legião, vai consistir de armas completas?

— Armas completas? — Washington Faulconer não estava familiarizado com a expressão.

— A Legião não irá consistir apenas de infantaria? — explicou Lee, com cortesia.

— Ah sim, sim. Desejo fornecer à Confederação uma unidade treinada, equipada e bastante útil. — Faulconer fez uma pausa para avaliar a pertinência das palavras seguintes, mas acabou por decidir que uma declaração bombástica não ficaria deslocada. — Prevejo que a Legião será equivalente às tropas de elite de Bonaparte. Uma guarda imperial para a Confederação.

— Ah, deveras. — Era difícil perceber se Lee estaria impressionado ou

horrorizado com o conceito. Hesitou por alguns segundos e depois adiantou calmamente que ansiava pelo dia em que tal Legião fosse incorporada nas forças estatais. Era exatamente o que Faulconer mais receava — a tentativa desfaçada por parte do governador John Letcher de assumir o comando da Legião Faulconer, reduzindo-a assim a um mero componente da milícia estatal. A visão de Faulconer era muito mais grandiosa do que a ambição tépida do governador. Em defesa dessa visão, não teceu comentários às palavras de Lee. O general franziu o cenho. — Imagino que compreenda, senhor Faulconer, que é essencial que tenhamos ordem e disposição.

— Disciplina. Será isso que quer dizer.

— É o termo correto. Temos de ter disciplina.

Washington Faulconer assentiu com graciosidade e depois perguntou a Lee se o Estado gostaria de assumir a despesa de aprovisionamento e equipamento da Legião Faulconer. Deixou a arriscada questão em suspenso durante alguns segundos, após o que sorriu.

— Tal como lhe deixei bem claro, Lee, o meu desejo é garantir à Confederação um produto concluído, uma legião treinada, mas se por acaso o Estado intervier — queria dizer *interferir*, mas mostrou tato suficiente para não empregar o termo —, creio que será justo que o Estado avance com os fundos necessários e até que me reembolse pelas verbas já empregues. O meu secretário, o senhor Starbuck, poderá apresentar-lhe os valores totais.

Lee recebeu a ameaça sem alterar a expressão plácida e um tanto ou quanto ansiosa. Olhou para Starbuck, pareceu curioso quanto ao olho negro do jovem, mas não teceu comentários. Em vez disso voltou a dirigir a atenção a Washington Faulconer.

— Mas pretende colocar a Legião sob a autoridade competente?

— Com certeza, quando estiver preparada. — Faulconer riu-se. — Não pretendo, de todo, travar uma guerra privada contra os Estados Unidos.

Lee não sorriu com a piada, parecendo, isso sim, um pouco abatido. A Starbuck, no entanto, aparentava ser estrondosamente claro que Washington Faulconer obtivera a vitória pretendida sobre o representante do governador Letcher e que a Legião Faulconer não seria assimilada pelos novos regimentos que estavam a ser organizados à pressa um pouco por todo o Estado.

— A sua recruta está a correr bem? — quis saber Lee.

— Tenho um dos meus melhores oficiais a tratar do processo. Estamos apenas a levantar recrutas no condado, sem ir mais longe. — Não era exatamente verdade, mas Faulconer acreditava que o Estado respeitaria os seus direitos de proprietário em Faulconer County, ao passo que se recrutasse soldados de forma demasiado óbvia nos territórios circundantes, o Estado poderia argumentar que Faulconer estaria a cometer uma ilegalidade.

Lee pareceu ficar satisfeito com a garantia.

— E quanto à formação? — indagou. — Ficarà a cargo de mãos competentes?

— Muito competentes — respondeu Faulconer com entusiasmo, mas sem acrescentar qualquer dos pormenores que Lee pretendia saber. Na ausência de Faulconer, o treino da Legião seria orientada pelo segundo comandante, o major Alexander Pelham, vizinho de Faulconer e veterano da Guerra de 1812. Pelham encontrava-se agora na casa dos setenta anos, mas Faulconer afirmava que era tão capaz e vigoroso como um homem com metade dessa idade. Pelham era também o único oficial associado à Legião com alguma experiência de guerra, pesasse embora o facto, comentado de forma maliciosa por Ethan Ridley com Starbuck, de essa experiência se ter limitado a uma única ação, especificamente a derrota em Bladensburg.

A visita de Lee terminou com uma troca inconsequente de ideias sobre como a guerra deveria ser travada. Faulconer insistiu na necessidade de capturar a cidade de Washington, enquanto Lee frisou a urgência em assegurar as defesas da Virgínia. Em seguida, os dois homens separaram-se com garantias mútuas de boa vontade. Washington Faulconer esperou que o general descesse a famosa escadaria curva e desabafou então com Starbuck.

— Com idiotas como aquele à frente das tropas, não temos qualquer hipótese. Ah, Nate, sabe Deus que precisamos de homens mais jovens, de homens enérgicos, de homens impetuosos, não de tolos gastos e cautelosos! — Percorreu vigorosamente o estúdio, incapaz de expressar a sua frustração na totalidade. — Eu sabia que o governador ia tentar apoderar-se da Legião! Mas vai ter de enviar alguém com garras mais afiadas do que este general! — Fez um gesto de desprezo na direção da porta por onde Lee saíra.

— Os jornais dizem que é o soldado que provoca mais admiração em toda a América. — Starbuck foi incapaz de reprimir o comentário.

— E é admirado por que motivo? Por não ter sujado as mãos no México? A haver guerra, Nate, não será uma mera incursão contra um bando de mexicanos mal armados! Ouviste o homem! “A necessidade imperiosa de impedir que as forças nortistas ataquem Richmond.” — Faulconer fez uma imitação bastante boa do tom tranquilo de Lee, após o que o arrasou com críticas. — Defender Richmond não é imperioso! O essencial é vencer a guerra. Para isso temos de os atacar rápida e decisivamente. Temos de atacar, atacar, atacar! — Olhou para uma mesa de apoio com mapas da zona ocidental da Virgínia ao lado de um horário dos comboios de Baltimore e Ohio. Apesar de ter negado pretender levar a cabo uma guerra privada contra o Norte, Washington Faulconer planeava um ataque à linha ferroviária que fornecia fornecimentos e recrutas dos Estados ocidentais para a cidade

de Washington. Ainda estava a desenvolver as ideias para o ataque, mas imaginava uma pequena força rápida de soldados montados que incendiariam dormentes, fariam descarrilar locomotivas e arrancariam carris. — Só espero que o tolo não tenha visto aqueles mapas — comentou, subitamente preocupado.

— Tapei-os com mapas da Europa antes de o general Lee chegar, senhor Faulconer — descansou-o Starbuck.

— Bem pensado, Nate, muito expedito! Graças a Deus tenho jovens como tu, e não os cretinos de West Point do Lee. É por isso que o devemos admirar? Por ter sido um bom supervisor em West Point? Sabes o que isso faz dele? Torna-o um mestre-escola! — O desprezo de Faulconer era palpável. — Sei bem como são os mestres-escola, Nate! O meu cunhado é mestre-escola e nem serve para orientar um refeitório, mas mesmo assim insiste que tenho de fazer dele um oficial da Legião. Nunca! O Pica-pau é um tolo! Um cretino! Um idiota! Um pagão! Uma matrona em versão masculina. É isso que o meu cunhado é, Nate, um homem feito matrona!

Algo na tirada enérgica de Washington Faulconer fez Starbuck recordar as histórias divertidas que Adam gostava de contar acerca do tio, um mestre-escola excêntrico.

— Ele foi o tutor do Adam, não foi, senhor Faulconer?

— Foi tutor tanto do Adam como da Anna. Agora é diretor da escola do condado e a Miriam quer que faça dele major. — Miriam era a esposa de Washington Faulconer, uma mulher que permanecia retirada no campo e que sofria de uma série debilitante de maleitas misteriosas. — Fazer do Pica-pau um major! — Faulconer ululou com uma gargalhada trocista ao considerar a ideia. — Meu Deus, nem pensar em pôr o tolo à frente de um galinheiro, quanto mais de um regimento de soldados! É um familiar infeliz, Nate. É isso que ele é, Nate, um familiar infeliz. Ora, ao trabalho!

Havia bastante trabalho. A casa foi invadida por visitas, algumas em busca de apoio monetário para desenvolver uma arma secreta que juravam poder garantir uma vitória imediata para o Sul, outras pretendendo uma comissão como oficial na Legião. Bastantes destes indivíduos eram soldados profissionais europeus na reserva dos seus exércitos, mas a todos os pretendentes foi dito que a Legião Faulconer só recrutaria homens locais como oficiais, e que os adidos de Faulconer seriam igualmente virginianos.

— Exceto tu, Nate, é claro — indicou Washington Faulconer a Starbuck —, se quiseres servir comigo, logicamente.

— Seria uma honra, senhor Faulconer. — Starbuck sentiu um acesso de gratidão pela gentileza e pela confiança que Faulconer lhe demonstrava.

— Será que não vais ter dificuldade em lutar contra os teus, Nate? — perguntou Faulconer, solícito.

— Sinto-me mais em casa aqui, senhor Faulconer.

— E assim deve ser. O Sul é que é a verdadeira América, Nate, não é o Norte.

Menos de dez minutos depois, Starbuck teve de recusar uma reunião a um oficial de cavalaria austríaco que afirmava ter combatido em meia dúzia de batalhas ferozes, na Itália setentrional. Ao saber que apenas virginianos seriam admitidos no comando da Legião, o homem perguntou sarcasticamente como poderia chegar a Washington.

— Porque se ninguém me quer aqui, nesse caso, *Gott in Himmel*, irei combater pelo Norte!

No início de maio soube-se que os navios de guerra do Norte tinham iniciado um bloqueio à costa confederada. Jefferson Davis, o novo presidente do Governo Provisório dos Estados Confederados da América, retaliou, assinando uma declaração de guerra contra os Estados Unidos, embora o Estado da Virgínia estivesse dividido quanto a essa guerra. As tropas estatais foram retiradas de Alexandria, uma cidade fronteira a Washington, do outro lado do rio Potomac, um gesto que Washington Faulconer condenou, com azedume, como sendo típico da timidez sofista de Letcher.

— Sabe o que é que o governador quer? — perguntou a Nate.

— Ficar-lhe com a Legião, senhor Faulconer?

— Ele quer que o Norte invada a Virgínia, pois isso vai aliviar-lhe a pressão política sem que tenha de tomar uma decisão sozinho. Ele nunca foi grande adepto da secessão. É um oportunista, Nate, sempre foi esse o problema dele, ser um oportunista. — No entanto, o dia que se seguiu trouxe consigo a notícia de que em vez de aguardar letargicamente que o Norte restaurasse a União, Letcher ordenara que tropas virginianas ocupassem a povoação de Harper's Ferry, oitenta quilómetros a montante de Washington. O Norte abandonara a vila sem resistir, deixando para trás toneladas de equipamento para fabrico de armas no arsenal federal. Richmond festejou a notícia, embora Washington Faulconer parecesse lamentoso. Acarinhara a ideia de um ataque à linha de Baltimore e Ohio, que atravessava o Potomac em Harper's Ferry, mas agora, com a vila e a ponte seguras em mãos sulistas, já não parecia haver necessidade de uma incursão contra a linha, mais a ocidente. A notícia da ocupação da povoação ribeirinha também levou a que se especulasse quanto a um ataque iminente do outro lado do Potomac e, receando que a sua Legião em franco crescimento pudesse ver negado o seu lugar em tal invasão vitoriosa, Faulconer decidiu que teria de estar em Faulconer Court House, onde poderia apressar o treino da Legião. — Levo-te para Faulconer County assim que puder — prometeu Faulconer a Starbuck enquanto montava a cavalo para a viagem de cento e dez quilómetros até à propriedade. — Escreve ao Adam por mim, está bem?

— Com certeza, senhor Faulconer.

— Diz-lhe que regresse a casa. — Faulconer levantou a mão enluvada à laia de despedida e depois encaminhou o grande cavalo preto na direção da estrada. — Diz-lhe que regresse a casa! — gritou, enquanto se afastava.

Starbuck assim fez, prontamente, endereçando a missiva à Igreja de Chicago que reencaminhava a correspondência de Adam. Este, à semelhança de Starbuck, abandonara os estudos em Yale, mas ao passo que Starbuck o fizera devido à obsessão por uma rapariga, Adam fora para Chicago para se juntar à Comissão Cristã para a Paz, a qual tentava voltar a unir as duas facções americanas através da oração, de opúsculos e de testemunhas.

Starbuck não teve resposta de Chicago, mas cada entrega trazia-lhe novas exigências urgentes de Washington Faulconer. “De quanto tempo precisa o Shaffers para fazer as fardas dos oficiais?” “Já definimos as insígnias dos oficiais? Isto é importante, Nate! Confirma junto da Mitchell e Tylers.” “Dirige-te à Boyle e Gambles e pergunta sobre os modelos de sabres.” “Na minha secretária, na terceira gaveta a contar de cima, está um revólver feito por Le Mat. Envia-o com o Nelson.” Nelson era um dos dois criados negros que transportavam a correspondência entre Richmond e Faulconer Court House.

— O Coronel anda muito ansioso pelas fardas — confidenciou Nelson a Starbuck. “O Coronel” era Washington Faulconer, que começara a assinar as cartas como “Coronel Faulconer” e Starbuck tinha o cuidado de se dirigir a Faulconer com a patente a que ele se promovera. O Coronel encomendara papel impresso com a legenda “Legião Faulconer, Quartel-General de Campanha, Coronel Washington Faulconer, Estado da Virgínia, Comando,” e Starbuck usou as provas para dar ao Coronel a boa notícia de que as fardas novas deveriam ficar prontas na sexta-feira, e para lhe prometer que as enviaria para Faulconer County de imediato.

Na manhã dessa sexta-feira, Starbuck estava a atualizar os livros de contas quando a porta de acesso à sala de música se abriu de rompante, revelando um estranho alto de olhar zangado. Era um homem magro de grande estatura, de cotovelos ossudos e pernas compridas com joelhos proeminentes. Parecia estar no início da meia-idade, tinha barba preta salpicada de grisalho, nariz afilado, maçãs do rosto em cunha e cabelo negro desgrenhado, e vestia um fato puído sobre botas de trabalho castanhas gastas. O conjunto revelava uma figura de espantalho que sobressaltara Starbuck.

— Deves ser o Starbuck, não?

— Sou, sim senhor.

— Certa vez ouvi o teu pai a pregar. — O curioso indivíduo entrou para a sala, em busca de um lugar onde pousar a mala, o guarda-chuva, a bengala, o casaco, o chapéu e o saco com livros. Não encontrando um des-

tino adequado, continuou agarrado a tudo. — Era apaixonado, é verdade, mas torturava a lógica. Ele é sempre assim?

— Receio não entender aquilo a que se refere. E o senhor é...?

— Foi em Cincinatti. No velho Salão Presbiteriano, aquele na Quarta Avenida, ou seria na Quinta? O que interessa é que foi em '56, ou talvez em '55? Desde então, o salão já foi destruído por um incêndio, mas não é grande perda para a arquitetura naquilo que resta da República. Na minha opinião, não se trata de um edifício interessante. É claro que nenhum dos palermas na audiência se apercebeu da lógica do teu pai. Só queriam aplaudir tudo o que ele dizia. Abaixo a escravocracia! Vivam os nossos irmãos ebâneos! Aleluia! O mal encontra-se entre nós! Que desdouro para esta nação tão grandiosa! Bah!

Mesmo antipatizando com o pai, Starbuck sentiu-se na obrigação de o defender.

— O senhor deu a conhecer essa sua oposição ao meu pai? Ou pretende apenas dar início a uma querela com o filho dele?

— Querelas? Oposição? Não me oponho às ideias do teu pai! Concorro com todas elas. A escravatura, Starbuck, é uma ameaça à nossa sociedade. Só não concordo com a lógica desprezível do teu pai! Não basta rezar pelo fim de uma determinada instituição. Temos de propor uma solução prática para a sua abolição. Será que os donos de escravos devem ser resarcidos pela sua perda pecuniária? E se assim for, quem lhes deve pagar? O governo federal? Através de uma venda de obrigações? E quanto aos Negros? Repatriamo-los para África? Instalamo-los na América do Sul? Ou eliminamos a sua negritude através da miscigenação forçada, um processo que, permite-me que te diga, já está em pleno andamento graças aos nossos donos de escravos. O teu pai não abordou qualquer um destes tópicos, limitando-se a recorrer à indignação e à oração, como se rezar alguma vez tivesse servido para resolver fosse o que fosse!

— O senhor não acredita na oração?

— Acreditar na oração! — O indivíduo ficou escandalizado com a simples menção de tal conceito. — Se a oração resolvesse alguma coisa, não haveria infelicidade no mundo, pois não? As mulheres estariam a sorrir, em vez de estarem a gemer! Não haveria doenças, nem fome, nem crianças horrendas com o dedo enfiado nos narizes ranhosos nas nossas salas de aulas, nem me levavam bebés cheios de birras para eu os admirar. Porque haveria eu de admirar esses rebentos lamuriosos, vomitadores e nojentos? Não gosto de crianças! Há catorze anos que declaro ao Washington Faulconer esse simples facto! Catorze anos! Mesmo assim, o meu cunhado parece incapaz de entender uma simples frase em inglês correto e faz questão que lhe dirija a escola. Mas eu não gosto de crianças, nunca gostei de crianças

e espero nunca vir a gostar de crianças. Será assim tão difícil de entender? — Mesmo esperando pela resposta de Starbuck, o homem continuou agarado à bagagem incômoda.

De repente, Starbuck percebeu quem era aquele homem mal-humorado e desorganizado. Era a matrona em versão masculina, o familiar infeliz, o cunhado de Faulconer.

— O senhor é Thaddeus Bird — proclamou Starbuck.

— É claro que sou o Thaddeus Bird! — Bird pareceu furioso por a sua identidade precisar de confirmação. Mirou Starbuck, irritado e de olhos brilhantes. — Por acaso ouviste alguma coisa daquilo que eu disse?

— Estava a dizer-me que não gosta de crianças.

— Animaizinhos imundos. No Norte educamos as crianças de outra forma, note-se. Lá, não temos medo de lhes dar disciplina. Nem de lhes bater, verdade seja dita! Mas aqui no Sul, temos de diferenciar as crianças dos escravos, por isso espancamos estes e destruimos aquelas com bondade.

— Segundo me parece, o senhor Faulconer não bate nem a uns nem às outras.

Bird estacou, fitando Starbuck como se o jovem tivesse proferido a mais extraordinária das profanidades.

— Pelo que vejo, o meu cunhado esteve a fazer alarde das qualidades dele. As únicas qualidades que ele tem, Starbuck, são os dólares. Ele compra afeição, adulação e admiração. Sem dinheiro, ele seria tão vazio como um púlpito numa noite de terça-feira. Além disso, ele não precisa de espancar nem os criados nem os filhos, porque a minha irmã espanca-os por vinte.

Starbuck ficou ofendido com o ataque ingrato ao seu protetor.

— O senhor Faulconer libertou os escravos, não foi?

— Libertou vinte escravos domésticos, seis jardineiros e quem ele tinha nos estábulos. Nunca teve escravos nos campos porque nunca precisou deles. A fortuna do Faulconer não se baseia em algodão, nem em tabaco, mas sim nas heranças, no caminho-de-ferro e nos investimentos, pelo que se tratou de um gesto indolor, Starbuck, e aposto que, acima de tudo, o fez para irritar a minha irmã. É provável que tenha sido a única boa ação que o Faulconer alguma vez levou a cabo, e estou a referir-me ao despeito, e não ao ato de manumissão. — À falta de lugar onde pousar os seus pertences, Bird limitou-se a abrir os braços e a deixá-los cair, desordenados, no soalho de parquê da sala de música. — O Faulconer quer que entregues as fardas.

Starbuck ficou surpreendido, até que se apercebeu de que o tema mudara repentinamente para as roupas novas do Coronel.

— Ele quer que eu as leve a Faulconer Court House?

— É claro que quer! — Bird quase gritou a Starbuck. — Será preciso explicar-te o óbvio? Se digo que o Faulconer quer que lhe entregues as

fardas, será que primeiro tenho de definir fardas? E depois identificar Washington Faulconer? Ou o Coronel, tal como agora temos de nos lembrar de o tratar? Por Deus, Starbuck, e dizes tu que frequentaste Yale?

— O seminário.

— Ah! Isso explica tudo. Não será de esperar que alguém cuja mente deposita confiança nos balidos dos professores de Teologia vá entender uma frase em inglês simples. — Para Thaddeus Bird, o insulto terá obviamente soado muito divertido, pois começou a rir-se, ao mesmo tempo que acenava com a cabeça para trás e para a frente, num movimento tão semelhante a um pica-pau que de imediato revelou a origem da alcunha. No entanto, tivesse Starbuck a responsabilidade de batizar aquele homem magro, anguloso e desagradável, e a alcunha não seria Pica-pau, mas sim Aranha, pois algo em Thaddeus Bird fazia com que Starbuck pensasse num peludo aracnídeo de pernas longas, uma criatura imprevisível e malévola. — O Coronel mandou-me tratar de alguns assuntos em Richmond enquanto vais a Faulconer Court House — prosseguiu Pica-pau Bird, com um tom categórico e trocista, reminescente do que poderia usar com uma criança pequena que não devesse grande coisa à inteligência. — Não tenhas medo de me interromper se a tua cabecinha formada em Yale tiver dificuldade em entender as indicações que se seguem. Vais à Faulconer Court House, onde o Coronel — Bird fez uma pausa para executar uma continência zombeteira — aguarda pela tua companhia, mas só se os alfaiates já tiverem acabado as fardas. Vais ser o transportador oficial das ditas fardas e dos numerosos saiotos da filha dele. Atenta na magnitude da tua responsabilidade.

— Saiotes? — exclamou Starbuck.

— Roupa interior feminina — explicou Bird, com alguma malícia, após o que se sentou ao piano de cauda de Washington Faulconer, onde tocou um arpejo rápido e impressionante, antes de dar início à melodia de “John Brown’s Body,” ao som da qual cantarolou descontraidamente, sem ligar à escansão e ao tom. — Para que precisa a Anna de tantos saiotos? Especialmente já tendo a minha sobrinha mais peças do que as que um homem razoável consideraria suficientes para o conforto de uma mulher, mas o bom senso e as senhorinhas nunca se deram bem. Mas para que quer ela o Ridley? Também não tenho resposta. — Parou de tocar, com uma expressão carregada. — Embora ele seja um artista extremamente talentoso.

— O Ethan Ridley? — indagou Starbuck, que se esforçava por acompanhar as alterações sinuosas na conversa de Bird.

— Extraordinariamente talentoso — confirmou Bird, com um certo anelo, como se invejasse a competência de Ridley —, mas preguiçoso, claro está. Um talento natural desperdiçado, Starbuck. Atirado à rua! Não de-

senvolve o talento. Prefere casar-se com o dinheiro a fazê-lo. — Vincou a avaliação feita com um acorde sombrio. Depois franziu o cenho. — É um escravo da natureza — comentou, olhando, expectante, para Starbuck.

— E um filho do inferno? — A segunda metade do insulto shakespeariano assomou à mente de Starbuck.

— Sempre leste mais qualquer coisa além dos teus textos sagrados. — Bird pareceu desapontado, mas depois recuperou a malevolência ao baixar o tom de voz para um sibilo conspirativo. — Mas deixa-me que te diga, Starbuck, que o escravo da natureza vai casar-se com a filha do Coronel! Porque será que aquela família contrai tais matrimónios? Só Deus sabe, mas esse não diz nada a ninguém, embora neste momento, ouve bem o que digo, o jovem Ridley não esteja propriamente nas boas graças do Coronel. Não conseguiu recrutar o Truslow! Ah-ah! — Bird produziu uma dissonância celebrativa e demoníaca no piano. — Não há Truslow! O Ridley devia ter-se precavido, não achas? O Coronel não ficou nada satisfeito.

— Quem é Truslow? — perguntou Starbuck, quase em desespero.

— Truslow! — exclamou Bird ominosamente, ao que fez uma pausa para tocar algumas notas graves agourentas. — Truslow, Starbuck, é o assassino da nossa zona! O nosso fora-da-lei! O nosso demónio vindo das montanhas! O nosso animal, a nossa criatura das trevas, o nosso vilão! — Bird gargalhou com a bela listagem de epítetos, após o que se virou no banco do piano para encarar Starbuck. — Thomas Truslow é um malfeitor e o meu cunhado, o Coronel, a quem lhe falta um pouco de juízo, pretende recrutar Truslow para a Legião porque, segundo diz, Truslow serviu no México como soldado. E assim é, mas o verdadeiro motivo, e atenta bem nas minhas palavras, Starbuck, é o facto de o meu cunhado acreditar que, ao recrutar-lo, pode usar a reputação de Truslow para enaltecer a glória da Legião ridícula que está a preparar. Resumindo, Starbuck, o grande Washington Faulconer deseja obter a sanção do assassino. O mundo é um lugar muito estranho. Vamos então comprar os saiotos?

— Diz que Truslow é um assassino?

— Exatamente. Roubou a mulher de outro homem e matou o indivíduo para a conseguir. Depois ofereceu-se como voluntário para a Guerra Mexicana para fugir aos agentes da lei, mas a seguir à guerra continuou no ponto onde ficara. O Truslow não é um homem que ignore os talentos, entendes? Matou um homem que lhe insultou a mulher e cortou o pescoço a outro que tentou roubar-lhe o cavalo, o que se trata de uma grande ironia, acredita, pois o Truslow deve ser o maior ladrão de cavalos deste lado do Mississippi. — Bird tirou um charuto fino e muito escuro de um dos bolsos puídos. Fez uma pausa para arrancar a ponta do charuto, que depois cuspiu

para o outro lado da sala, mais ou menos na direção de um escarrador de porcelana. — E detesta ianques. Odeia-os! Se te encontrar na Legião, Starbuck, é provável que aperfeiçoe ainda mais os talentos homicidas! — Bird acendeu o charuto, soprou fumo e gargalhou a sua satisfação, acenando a cabeça para trás e para a frente. — Já te saciei a curiosidade, Starbuck? Já chega de bisbilhotices? Ótimo. Então vamos ver se as fardas do Coronel já estão prontas e depois vamos adquirir os saiotes para a Anna. Para a guerra, Starbuck, para a guerra!

Thaddeus Bird começou por atravessar a cidade até ao enorme armazém da Boyle e Gamble, onde fez uma encomenda de munições.

— Balas minié. A Legião nascente dispara-as mais depressa do que as fábricas as conseguem produzir. Precisamos de mais, cada vez mais. Podem fornecer balas minié?

— Com certeza, senhor Bird.

— Não sou o senhor Bird! — anunciou Bird com grandiloquência. — Sou o major Bird, da Legião Faulconer. — Bateu os calcanhares e executou uma vénia perante o vendedor idoso.

Starbuck deixou-se fitar Bird. Major Bird? Aquele homem ridículo que Washington Faulconer garantira nunca vir a ser promovido a oficial? Um homem, segundo afirmara Faulconer, que não servia nem para ficar à frente de uma messe? Um homem, se Starbuck bem recordava, que apenas seria promovido por cima do cadáver de Faulconer? E Bird seria elevado a major, enquanto soldados profissionais europeus, veteranos de guerras reais, estavam a ser recusados como simples tenentes?

— E precisamos de ainda mais fulminantes — Bird mostrava-se alheio ao espanto de Starbuck —, milhares desses sacaninhas. Envie-os para o Acampamento da Legião Faulconer, em Faulconer County. — Assinou a ordem de encomenda com um floreado: Major Thaddeus Caractacus Evillard Bird. — Avós — explicou brevemente os apelidos grandiosos a Starbuck —, dois galeses, dois franceses, já desaparecidos; vamos embora. — Abriu caminho para o exterior do armazém e colina abaixo, em direção a Exchange Alley.

Starbuck acompanhou as longas passadas de Bird e abordou o difícil tema.

— Permita-me que o felicite pela sua promoção, major Bird.

— Quer dizer que os teus ouvidos funcionam, não é? Que boa notícia, Starbuck. Um jovem deve estar na posse de todas as suas faculdades antes que a idade, a bebida e a estupidez as apaguem. Sim, com efeito. A minha irmã saiu do seu leito de enfermidade e levou a melhor sobre o Coronel,

conseguindo que me elevasse a major na Legião dele. Não sei ao certo com que autoridade o Coronel Brigadeiro General Capitão Tenente Almirante Lorde Executor Faulconer procedeu a tal nomeação, mas talvez não precisemos de autoridade nos dias de rebelião em que vivemos. Afinal de contas, não passamos de Robison Crusoes encalhados numa ilha desprovida de autoridade, tendo por isso mesmo de nos servir do que vamos encontrando. O meu cunhado encontrou no âmago dele o poder de me elevar a major, portanto é isso que sou agora.

— Desejava tal nomeação? — perguntou Starbuck com toda a educação, já que não era capaz de imaginar que aquele homem extraordinário pretendesse ser um soldado.

— Se o desejava? — Pica-pau Bird deteve-se abruptamente no passeio, obrigando uma senhora a fazer um desvio exagerado para contornar o obstáculo que ele criara de repente. — Se o desejava? É uma questão pertinente, Starbuck, tal como poderíamos esperar de um jovem de Boston. Se o desejava? — Bird enrolou a barba nos dedos enquanto pensava numa resposta. — A minha irmã desejava-o, isso é certo, já que é tola quanto baste para acreditar que uma patente militar garante automaticamente a respeitabilidade, qualidade que ela julga faltar-me. Mas se eu desejava a nomeação? Sim, desejava. Tenho de admitir que sim, e porquê?, poderás interrogar-te. Porque em primeiro lugar, Starbuck, as guerras são habitualmente conduzidas por tolos, podendo eu oferecer-me como antídoto para essa triste realidade. — O mestre-escola adiantou tal imodéstia chocante com uma aparente sinceridade e num tom de voz que cativou a atenção divertida de vários transeuntes. — E em segundo lugar vai afastar-me da sala de aulas. Sabes como desprezo crianças? Como as detesto? Como até as vozes delas me fazem querer gritar em protesto? As maldades delas são cruéis, a sua presença aviltante e as conversas que têm são entediantes. São esses os meus motivos principais. — De súbito, e de forma tão abrupta como se detivera, o major Thaddeus Caractacus Evillard Bird recomeçou a descida da colina com as suas passadas longas e irregulares.

— É claro que havia argumentos contra a aceitação da patente — prosseguiu Bird, assim que Starbuck o alcançou. — Em primeiro lugar, a necessária proximidade do meu cunhado, mas bem feitas as contas, isso é preferível à companhia de crianças, e, em segundo, o desejo expresso pela minha querida prometida, que receia que eu possa tombar no campo de batalha. Isso seria trágico, Starbuck, trágico! — Bird acentuou a enormidade da tragédia, gesticulando com violência com a mão direita e quase fazendo voar o chapéu de um transeunte. — Mas a minha querida Priscilla compreende que neste momento um homem não pode deixar de cumprir o seu dever

patriótico, pelo que consentiu, embora com a mais doce das reservas, que me apresentasse como soldado.

— O senhor está noivo?

— Tal circunstância parece-te extraordinária? — quis saber Bird, com veemência.

— Parece-me motivo para lhe dar novamente os parabéns.

— O teu tato sobrepõe-se à tua sinceridade — gargalhou Bird, após o que guinou para a entrada dos alfaiates Shaffer, onde as três fardas idênticas, feitas por medida, do Coronel Faulconer já estavam, com efeito, prontas, a par da roupa muito mais barata que Faulconer encomendara para Starbuck. Pica-pau Bird insistiu em examinar a farda do Coronel e depois encomendou uma igual para si, à exceção, segundo concedeu, da estrela única de major no colarinho, por oposição às três estrelas douradas que decoravam as abas da gola do Coronel. — Ponha a farda na conta do meu cunhado — indicou Bird num tom grandioso, enquanto dois alfaiates lhe tiravam as medidas ao corpo ossudo e desajeitado. Insistiu que a farda deveria ter todos os aprestos possíveis, todas as borlas, plumas e decorações imagináveis. — Entrarei vistoso em combate — declarou Bird, ao que se virou, quando a sineta da porta da loja anunciou a entrada de mais um cliente. — Delaney! — Bird cumprimentou alegremente um homem baixo e rotundo que, com o seu rosto redondo, olhou à volta, em busca da origem da saudação entusiástica.

— Bird? És tu? Abriram-te a gaiola? Bird! És mesmo tu! — Os dois homens, um esgaldado e desalinhado, o outro anafado e elegante, cumprimentaram-se com um prazer confesso. Ficou de imediato patente que, embora não se encontrassem havia meses, estavam a retomar uma conversa repleta de insultos coloridos dirigidos aos conhecimentos mútuos, sendo que os melhores eram considerados meros palermas, ao passo que os piores eram absolutamente inanes. Esquecido, Starbuck ali ficou, a remexer nos pacotes que continham as três fardas do Coronel, até que Thaddeus Bird, recordando-se subitamente dele, lhe fez sinal para avançar.

— Tens de conhecer Belvedere Delaney, Starbuck. O senhor Delaney é meio-irmão de Ethan, mas não deixes que essa circunstância infeliz te tolde o julgamento.

— Starbuck — exclamou Delaney, fazendo uma breve vénia. Era pelo menos trinta centímetros mais baixo do que o alto Starbuck, e muito mais elegante. O casaco preto, as pantalonas e a cartola de Delaney eram de seda, as botas altas brilhavam, e a camisa enfunada no peito era de um branco imaculado, estando o plastrão preso com uma pérola engastada em ouro. Tinha um rosto míope redondo, de aspeto malicioso e bem-humorado. — Estará a pensar que não sou nada parecido com o meu caro Ethan —

acusou Delaney. — Interroga-se como poderão um abutre e um cisne ter eclodido do mesmo ovo, não é verdade?

— De todo, cavalheiro — mentiu Starbuck.

— Trate-me por Delaney. Temos de ser amigos. O Ethan disse-me que frequentou Yale.

Starbuck interrogava-se quanto ao que mais Ethan teria divulgado.

— Estive no seminário, sim.

— Não deixarei que isso afete o que penso de si, conquanto não se importe que eu seja advogado. Mas não bem-sucedido, apresso-me a explicar, pois gosto de encarar o Direito como sendo uma diversão e não uma profissão, querendo com isso dizer que faço algumas homologações testamentárias quando esses trabalhos se tornam inescapáveis. — Delaney estava a ser deliberadamente modesto, pois a sua prática florescente era acompanhada por uma grande sensibilidade política e por uma discrição quase jesuíta. Belvedere Delaney não gostava de lavar a roupa suja dos clientes em tribunal, pelo que levava a cabo o seu trabalho discreto nos gabinetes sossegados do Capitólio, nos clubes da cidade, ou nas elegantes salas de visitas das grandes casas de Grace Street e de Clay Street. Conhecia os segredos de metade dos legisladores da Virgínia e era considerado um poder em ascensão na capital virginiana. Explicou a Starbuck que conhecera Thaddeus Bird na Universidade da Virgínia e que eram amigos desde então. — Têm de vir os dois jantar comigo — insistiu Delaney.

— Pelo contrário — argumentou Bird —, és tu que vais jantar comigo.

— Meu estimado Bird! — Delaney fingiu sentir-se horrorizado. — Não sou capaz de comer com o salário de um mestre-escola do campo! Os horrores da secessão estimularam-me os apetites e a minha constituição delicada requer os alimentos mais ricos e os melhores vinhos. Não, não! Vais comer comigo, tal como o senhor Starbuck, pois desejo ficar a conhecer os pecados secretos do seu pai. Ele bebe? Entrega-se a mulheres maléficas na sacristia? Imploro-lhe que me esclareça quanto a esses tópicos.

— Vais jantar comigo — declarou Bird —, e vais ter o melhor vinho da adega do Spotswood, caro Delaney, porque não sou eu que vou pagar, mas sim Washington Faulconer.

— Vamos comer por conta do Faulconer? — indagou Delaney, deliciado.

— Deveras — garantiu Bird, deleitado.

— Nesse caso, o assunto que tenho a tratar com os Shaffer vai esperar por amanhã. Leva-me para o refeitório! Leva-me, caro Bird, leva-me! Vamos armar-nos em glutões, vamos redefinir a gula, vamos consumir alimentos como nunca foram consumidos até hoje, vamos chafurdar nos vinhos de França e vamos bisbilhotar. Acima de tudo, vamos bisbilhotar.

— Eu devia ir comprar saiotos — objetou Starbuck.
— Imagino que fique melhor de calças — contrapôs Delaney, com severidade — e, além disso, os saiotos, tal como o dever, podem esperar por amanhã. O prazer espera-nos, Starbuck, o prazer espera-nos. Renda-mo-nos ao seu chamamento.

Seven Springs, a casa de Washington Faulconer em Faulconer County, era tudo o que Starbuck sonhara ser, tudo o que Adam lhe dissera que seria e tudo o que Starbuck imaginava poder querer numa casa. Mal a viu, naquela manhã de domingo de finais de maio, decidiu que era simplesmente perfeita.

Seven Springs era um vasto edifício branco apenas de primeiro andar, salvo onde uma torre de relógio branca encimava um portão de estábulo e onde um zimbório frágil, coroado com um cata-vento, adornava o telhado central. Starbuck esperara algo bastante mais pretensioso, qualquer coisa com colunas altas e pilastras elegantes, com pórticos arqueados e frontões triangulares. Em vez disso, a enorme construção mais parecia uma casa de quinta sumptuosa que ao longo dos anos se espalhara, multiplicara e reproduzira inconscientemente até se tornar um emaranhado de telhados inclinados, reentrâncias sombreadas e paredes cobertas de trepadeiras. O centro da casa era feito de pedra espessa, as alas exteriores eram de madeira e as janelas de portadas pretas e varandas de ferro recebiam a sua sombra de árvores altas sob as quais se encontravam bancos pintados de branco, ba-loiços compridos e mesas vastas. Outras árvores mais pequenas brilhavam com os botões vermelhos e brancos, que ao cáirem formavam manchas de cor no relvado bem aparado. A casa e o seu jardim albergavam a promessa de uma domesticidade calorosa e de confortos simples.

Recebido por um criado negro no salão de entrada, Starbuck começara por entregar os embrulhos com as fardas novas de Washington Faul-

coner, após o que um segundo criado levou o saco de lona com a farda de Starbuck e, por fim, uma criada de turbante fora buscar os dois pesados embrulhos com saíotes, pendurados desajeitadamente no arção da sela de Starbuck.

Depois aguardou. Um grande relógio de sala, em cujo mostrador pintado orbitavam luas, estrelas e cometas, tiquetaqueava sonoramente a um canto do átrio de entrada ladrilhado. As paredes estavam revestidas com papel de padrão floral e apresentavam quadros de molduras douradas de George Washington, Thomas Jefferson, James Madison e Washington Faulconer. O retrato de Faulconer mostrava-o montado no seu imponente cavalo negro, *Saratoga*, apontando para o que Starbuck imaginou ser a propriedade em torno de Seven Springs. Na grelha do átrio estavam as cinzas de um lume, o que sugeria que as noites continuavam frias naquela zona de terras altas. Em cima de uma mesa estava uma jarra com flores frescas, ao lado de dois jornais dobrados, cujos cabeçalhos celebravam a secessão formal da Carolina do Norte para a causa confederada. A casa cheirava a goma, a lixívia e a maçãs. Starbuck aguardou, sentindo-se inquieto. Não sabia ao certo o que esperavam dele. O Coronel Faulconer fizera questão que Starbuck levasse as três fardas novas diretamente para a casa de Faulconer Court, mas continuava sem saber se viria a ser um hóspede da casa, ou se teria de procurar uma camarata no acampamento da Legião. A incerteza deixava-o nervoso.

O arrastar de passos nas escadas fê-lo virar-se. Uma jovem loura, vestida de branco e entusiasmada, apareceu a correr no primeiro lance e deteve-se no último degrau, com a mão apoiada no pilar pintado de branco. Observou Starbuck com solenidade.

— O senhor é Nate Starbuck? — acabou por perguntar.

— Com efeito, ‘nha senhora. — Fez uma breve vénia desajeitada.

— Nada de “senhora” comigo. Sou a Anna. — Desceu para o piso do átrio. Era uma mulher pequena, com pouco mais de um metro e meio de altura, de rosto menino tão ansiosamente pálido que se Starbuck não soubesse que se tratava de uma das filhas mais abastadas da Virgínia, talvez pensasse que fosse órfã.

Starbuck familiarizara-se com o rosto de Anna graças ao retrato da casa de Richmond, mas por mais fiel que a imagem fosse, representando na perfeição a cabeça estreita e o sorriso tímido, o pintor não captara a essência da jovem. Para Starbuck, essa essência era estranhamente deplorável. Apesar da beleza, Anna parecia denotar um nervosismo infantil, quase aterroizado, como se esperasse que o mundo troçasse dela, a engolissem e cuspissem como sendo inútil. A sugestão de estrabismo no olho esquerdo não ajudava a expressão de timidez profunda, embora, se existisse, fosse muito leve. —

Fico muito satisfeita por ter vindo — declarou —, pois estava à procura de uma desculpa para não ir à igreja. Agora posso falar consigo.

— Recebeu os saiotos? — perguntou Starbuck.

— Os saiotos? — Anna fez uma pausa, de sobranceira franzida, como se o termo lhe fosse desconhecido.

— Trouxe-lhe os saiotos que pediu — explicou Starbuck, sentindo-se como se estivesse a falar com uma criança um tanto ou quanto lenta.

Anna abanou a cabeça.

— Os saiotos não eram para mim, senhor Starbuck, eram para o papá, embora não faça ideia para que ele os pode querer. Talvez julgue que a disponibilidade fique em causa devido à guerra. A mamã diz que temos de fazer reservas de medicamentos por causa da guerra. Ela encomendou uma boa carga de cânfora, e sabe-se lá também quanto papel de nitrato e sais amoniacais. O sol está muito quente?

— Não.

— Sabe, não posso apanhar sol muito forte, porque, caso contrário, queimo-me. Mas diz que não está muito forte? — A questão foi apresentada com bastante veemência.

— Não, não está.

— Nesse caso, vamos dar um passeio? Gostaria de me acompanhar? — A jovem cruzou o átrio, levou a mão ao braço de Starbuck e puxou-o na direção da grande porta de entrada. O gesto impetuoso pareceu estranhamente íntimo para uma jovem tão tímida, no entanto, Starbuck assumiu-o como sendo um apelo patético por companheirismo. — Queria muito conhecê-lo — afirmou Anna. — Não devia ter chegado ontem?

— As fardas atrasaram-se — mentiu Starbuck. Na verdade, a refeição com Thaddeus Bird e com o sedutor Belvedere Delaney prolongara-se desde o início da tarde até já tarde na noite, pelo que os saiotos só foram comprados ao final da manhã de sábado, mas não parecia delicado admitir tais frivolidades.

— Bem, agora já cá está — concluiu Anna enquanto arrastava Starbuck para o sol — e fico muito satisfeita. O Adam falou muito de si.

— Ele falava habitualmente de si — replicou Starbuck educadamente, mesmo que com pouca sinceridade, pois na verdade era raro Adam comentar a irmã e nunca o fazia com grande ternura.

— É uma surpresa. O Adam costuma passar tanto tempo a analisar a consciência que mal repara na existência de outras pessoas. — Mesmo revelando ter uma mente mais arguta do que Starbuck esperara, Anna enrubescou, quase apologética pela aparente dureza das palavras. — O meu irmão é um verdadeiro Faulconer — explicou a jovem. — Não é muito prático.

— Mas o seu pai, pelo contrário, imagino que seja uma pessoa prática.
— É um sonhador — contrapôs Anna —, um romântico. Ele acredita que se possuímos esperança suficiente, tudo de bom acaba por se tornar realidade.

— Claro que esta casa não foi construída só com esperança. — Starbuck fez um gesto que abarcou a vasta fachada de Seven Springs.

— Gosta da casa? — Anna parecia surpreendida. — A mamã e eu estamos a tentar convencer o papá a demoli-la para que possa construir algo mais grandioso. Algo de estilo italiano, talvez, com colunas e uma cúpula. Gostava de ter um templo apilarado no cimo de um monte, no jardim. Uma construção cercada por flores e muito grandiosa.

— Acho que a casa é muito bonita tal como está — declarou Starbuck.

Anna fez uma careta que manifestava o seu desgosto pelo gosto de Starbuck.

— Foi o nosso trisavô Adam que a construiu, ou pelo menos grande parte. Esse sim era um homem prático, mas depois o filho casou-se com uma senhora francesa e, a partir daí, o sangue da família tornou-se etéreo. É o que a mamã diz e ela também não é forte, pelo que o sangue dela não ajudou.

— O Adam não parece etéreo.

— Ah, mas é — garantiu Anna, ao que sorriu a Starbuck. — Gosto tanto das vozes nortistas. Soam tão mais inteligentes do que a nossa pronúncia do campo. Permite-me que lhe pinte o retrato? Não sou tão boa pintora como o Ethan, mas esforço-me mais. Pode sentar-se à frente do rio Faulconer e ficar com um ar melancólico, como um exilado junto às águas da Babilónia.

— Deseja que pendure a harpa nos salgueiros? — gracejou Starbuck toscamente.

Anna recuperou o braço e bateu palmas, deliciada.

— A sua companhia vai ser maravilhosa. Os outros são todos tão chatos. O Adam anda a ser pio no Norte, o papá está obcecado com a vida militar e a mamã passa o dia envolta em gelo.

— Em gelo?

— Gelo de Wenham, vindo do seu Estado natal do Massachusetts. Imagino que se houver uma guerra, o gelo deixe de estar disponível e então teremos de nos sujeitar ao produto local. Mas o doutor Danson diz que o gelo pode curar a nevralgia da mamã. A cura de gelo teve origem na Europa, por isso deve ser eficaz. — Starbuck nunca ouvira falar de nevralgias e não pretendia inquirir quanto à sua natureza, para o caso de se revelar mais uma das vagas e indescritíveis maleitas femininas que frequentemente abalavam a mãe e a irmã mais velha, mas Anna adiantou que o problema

era moderno e consistia naquilo a que chamou de “dores de cabeça faciais”. Starbuck murmurou a sua comiseração. — Mas o papá acredita que ela o inventa para o irritar — prosseguiu Anna com a sua voz tímida e sumida.

— De certeza que isso não é verdade — retorquiu Starbuck.

— Acho que pode ser — admitiu Anna, com um tom muito triste. — Por vezes interrogo-me se os homens e as mulheres têm sempre de se irritar mutuamente.

— Pois, não sei.

— Não é uma conversa muito divertida, pois não? — indagou Anna com uma certa ansiedade, e num tom que sugeria que todas as conversas a que se dedicava acabavam por mergulhar na melancolia. Parecia afundar cada vez mais no desespero e Starbuck recordou as narrativas maliciosas de Belvedere Delaney sobre a profunda aversão do meio-irmão por aquela jovem, contraposta pela absoluta necessidade por parte de Ridley do dote dela. Starbuck esperava que isso não passasse de um boato maldoso, pois o mundo seria deveras cruel, pensou, para vitimizar uma rapariga tão etérea e melindrada como Anna Faulconer. — O papá disse mesmo que os saíotes eram para mim? — perguntou de repente a jovem.

— O seu tio assim garantiu.

— Ah, o Pica-pau — exclamou Anna, como se isso explicasse tudo.

— Realmente foi um pedido muito estranho — admitiu Starbuck educadamente.

— Há tanta coisa estranha a acontecer hoje em dia — lamentou-se Anna — e não me atrevo a pedir explicações ao papá. Ele não anda satisfeito, bem vê.

— Não?

— A culpa é do coitado do Ethan. Sabe, ele não conseguiu encontrar o Truslow e o papá meteu na cabeça que tem de o recrutar. Já ouviu falar de Truslow?

— Sim, o seu tio contou-me sobre ele. Fez com que Truslow parecesse temível.

— Mas ele é temível. É assustador! — Anna deteve-se e ergueu o olhar para o rosto de Starbuck. — Posso abrir-me consigo?

Starbuck interrogou-se quanto à nova história de terror que estava prestes a ouvir acerca do receado Truslow.

— Será uma honra ser seu confidente, menina Faulconer — garantiu, com toda a formalidade.

— Trate-me por Anna, por favor. Quero que sejamos amigos. E assim lhe digo, confidencialmente, claro está, que não acredito que o pobrezinho do Ethan se tenha aproximado do covil de Truslow. Acho que o Ethan tem muito medo de Truslow. Todos têm medo de Truslow, até o papá, mesmo

que ele diga que não. — A voz baixa de Anna soava ominosa. — O Ethan diz que foi lá, mas não me parece que isso seja verdade.

— Tenho a certeza de que será.

— Eu não. — Voltou a levar o braço ao cotovelo de Starbuck e retomou a marcha. — Talvez o senhor Starbuck devesse ir ao encontro de Truslow.

— Eu? — exclamou Starbuck, horrorizado.

O tom da voz de Anna imbuu-se de uma animação súbita.

— Pense nisso como sendo uma demanda. Todos os jovens cavaleiros do meu pai têm de cavalgar até às montanhas e desafiar o monstro. Aquele que o trouxer será o melhor, mais nobre e galante de todos os cavaleiros. O que lhe parece essa ideia, senhor Starbuck? Gostaria de partir numa demanda?

— Parece-me uma sugestão aterradora.

— Tenho a certeza que o papá ficaria muito reconhecido, caso o senhor Starbuck fosse — garantiu Anna, mas à falta de resposta por parte de Starbuck, a jovem limitou-se a suspirar e a puxá-lo na direção da lateral da casa. — Quero mostrar-lhe os meus três cães. Vai dizer-me se não são os animai-zinhos mais bonitos do mundo. Depois vamos buscar o cesto das pinturas, descemos até ao rio e pode pendurar esse pobre chapéu nos salgueiros. Só que não temos salgueiros, pelo menos eu acho que não. Não sou muito boa no que diz respeito a árvores.

No entanto, não haveria encontro com os três cães, nem expedição de pintura, pois, de repente, a porta de Seven Springs abriu-se e o Coronel Faulconer saiu para o sol.

Anna arquejou de admiração. O pai vestia uma das fardas novas e tinha um aspeto grandioso. Parecia ter nascido para vestir aquela farda e para liderar até à vitória homens livres sobre campos verdes. A casaca cinzenta estava carregada de passamanes dourados e amarelos, dobrados e entretecidos de maneira a criar uma bainha larga nos extremos da casaca, sendo as mangas ricamente bordadas com tranças em círculo que subiam desde os punhos até aos cotovelos. Tinha um par de luvas amarelas de pelica enfiadas no cinto preto brilhante, por baixo do qual cintilava uma faixa de seda vermelha enfeitada com borlas. As botas altas reluziam, a bainha do sabre fora polida como um espelho e a pluma amarela no chapéu agitava-se ao de leve na brisa morna. Washington Faulconer estava obviamente maravilhado consigo próprio enquanto se observava no reflexo de uma das janelas altas.

— E então, Anna? — perguntou.

— É magnífico, papá! — exclamou Anna, com o máximo de admiração, imaginou Starbuck, com que ela seria capaz de impregnar o tom de

voz. Da casa tinham saído dois criados negros que acenaram a sua concórdia.

— Estava à espera das fardas para ontem, Nate. — A frase de Faulconer era dirigida a Starbuck, num tom de meia acusação, meia pergunta.

— A Shaffer's atrasou-se um dia — a mentira saiu-lhe tranquilamente —, mas apresentaram as maiores desculpas.

— Estão perdoados, tendo em conta a excelência do trabalho. — Washington Faulconer parecia incapaz de afastar os olhos do reflexo na vidraça. A farda cinzenta era rematada com esporas douradas e correntes da bainha também douradas. Tinha um revólver num coldre de cabedal macio, estando a coronha da arma presa ao cinto com mais uma corrente dourada. Fitas entrançadas brancas e amarelas decoravam a bainha exterior das calças, enquanto as dragonas da casaca eram forradas a amarelo e enfeitadas com anéis dourados. Desembainhou o sabre de punho de marfim, quebrando a calma da manhã com o raspar metálico do aço na bainha. A luz do Sol refulgiu na lâmina curva e meticulosamente polida. — É francês — explicou a Starbuck. — Foi uma oferta de Lafayette ao meu avô. Agora vai ser empunhado numa cruzada pela liberdade.

— É deveras impressionante, senhor Faulconer — garantiu Starbuck.

— Enquanto for preciso usar farda para combater, estes trapos devem servir — proclamou o Coronel com falsa modéstia, após o que brandiu o sabre no ar. — A viagem deixou-te exausto, Nate?

— Não, senhor Faulconer.

— Então larga a minha filha e vamos encontrar-te o que fazer.

Anna, por seu lado, não queria libertar Starbuck.

— Trabalhar, papá? Mas é domingo.

— E tu devias ter ido à igreja, minha querida.

— Está demasiado calor. Além disso, o Nate autorizou-me a pintá-lo, e por certo o papá não me vai negar esse pequeno prazer.

— Vou sim, minha querida. O Nate chegou com um dia de atraso e há trabalho a fazer. E se fosses ler à tua mãe?

— Ela está às escuras, a submeter-se à cura de gelo do doutor Danson.

— O Danson é um idiota.

— Contudo é o único idiota certificado em Medicina de que dispomos — argumentou Anna, exibindo mais uma vez um vislumbre da vivacidade que a sua atitude ocultava. — Vai mesmo levar-me o Nate, Papá?

— Com efeito, minha querida. — Anna soltou o cotovelo de Starbuck e ofereceu-lhe um acanhado sorriso de despedida. — Ela sente-se enfadada — explicou o Coronel, assim que entrou com Starbuck na casa. — É capaz de passar o dia inteiro à conversa, acima de tudo sobre absolutamente nada. — Abanou a cabeça num gesto de desaprovação, enquanto levava Starbuck

por um corredor em cujas paredes estavam pendurados bridas e rédeas, bridões e freios, retrancas e gamarras. — Tiveste dificuldade em encontrar uma cama ontem à noite?

— Não, senhor Faulconer. — Starbuck hospedara-se numa taberna em Scottsville, onde ninguém se mostrara curioso quanto à sua pronúncia nortista, nem exigira ver o salvo-conduto que o Coronel Faulconer lhe confiara.

— Imagino que não haja notícias do Adam — indagou o Coronel, com um leve tom de esperança.

— Receio que não, mas eu escrevi-lhe.

— Pois. Os correios nortistas devem estar atrasados. É um milagre que a correspondência ainda nos chegue de todo. Vamos — abriu a porta do estúdio —, tenho de te encontrar uma arma.

O estúdio era uma divisão extremamente vasta, edificada na extremidade ocidental da casa. Tinha janelas ladeadas por trepadeiras em três paredes e uma lareira funda na quarta. Nas pesadas vigas do telhado estavam penduradas antigas espingardas de pederneira, baionetas e mosquetes, nas paredes viam-se paisagens de batalha e no lintel da lareira amontoavam-se pistolas de coronha de latão e espadas com punho de pele de cobra. Quando Faulconer entrou, um labrador preto bateu com a cauda à laia de boas-vindas, mas era obviamente demasiado velho e doente para se pôr de pé. Faulconer baixou-se e afagou as orelhas do animal.

— Lindo menino. Este é o *Joshua*, Nate. Costumava ser o melhor cão de caça deste lado do Atlântico. Foi o pai do Ethan que o criou. Pobre velhote. — Starbuck não sabia ao certo se fora o cão, ou o pai de Ethan a merecer o comentário, mas as palavras seguintes do Coronel sugeriram que não era *Joshua* a ser lamentado. — A bebida é uma coisa muito má — sentenciou o Coronel, enquanto abria uma gaveta larga que se revelou estar cheia de armas de mão. — O pai do Ethan bebeu até perder as terras da família. A mãe morreu com febre do leite quando ele nasceu e há um meio-irmão que ficou com o dinheiro da mãe. Hoje em dia é advogado em Richmond.

— Eu conheci-o — informou Starbuck.

Washington Faulconer virou-se e franziu o cenho a Starbuck.

— Conheceste o Delaney?

— O senhor Bird apresentou-mo na Shaffer's. — Starbuck não pretendia revelar como essa apresentação levava a dez horas da melhor comida e bebida do Spotswood House Hotel, tudo posto na conta de Faulconer, ou como acordara na manhã de sábado com uma dor de cabeça monumental, a boca seca, o estômago às voltas e a vaga memória de ter jurado amizade eterna ao divertido e malicioso Belvedere Delaney.

— É uma má rês, esse Delaney. — O Coronel parecia desiludido com Starbuck. — Julga-se demasiado esperto.

— Foi um encontro breve, senhor Faulconer.

— Demasiado esperto. Conheço advogados que gostariam de ter uma corda, uma árvore alta e o senhor Delaney, com os três elementos presos uns aos outros. Ficou com o dinheiro todo da mãe e o coitado do Ethan não viu nem um cêntimo do património. Não é justo, Nate, não é nada justo. Se o Delaney tivesse um pingo de decência, cuidaria do Ethan.

— Ele alguma vez comentou que Ethan é um artista excelente? — indagou Starbuck, na esperança de que o elogio ao futuro genro devolvesse o bom humor ao Coronel.

— É verdade, mas isso não põe comida na mesa, pois não? Um homem até pode tocar piano muito bem, como o Pica-pau. Eu digo-lhe aquilo que o Ethan é, Nate. Ele é um dos melhores caçadores que já vi e provavelmente será o melhor cavaleiro do condado. Além disso, é um excelente agricultor. Tem vindo a gerir o que restou da terra do pai nestes últimos cinco anos e duvido que outra pessoa se saísse tão bem. — O Coronel concluiu o generoso elogio a Ridley, após o que pegou num revólver de cano comprido e girou o tambor, decidindo que não se tratava da arma certa. — O Ethan tem muito valor, Nate, e vai ser um bom soldado, um excelente soldado, embora tenha de admitir que não se revelou o melhor dos recrutadores. — Faulconer virou-se e lançou um olhar penetrante a Starbuck. — Já ouviste falar de Truslow?

— A Anna referiu-o, senhor Faulconer. E o senhor Bird também.

— Quero o Truslow, Nate. Preciso dele. Se o Truslow vier para a Legião, vai trazer com ele cinquenta homens duros das montanhas. Bons homens, lutadores por natureza. Todos eles malfeitores, é certo, mas se o Truslow lhes disser para obedecerem, é isso que farão. E o que acontece se ele não se juntar à Legião? Metade dos homens do condado vão recer deixar o gado desprotegido. Percebes agora o motivo por que preciso dele.

Starbuck pressentiu o que se avizinhava e sentiu a confiança a despenhar-se. Truslow odiava ianques, era um assassino, um demónio das colinas agrestes.

O Coronel fez girar o tambor de outro revólver.

— O Ethan diz que o Truslow está ausente, a roubar cavalos, e só deve voltar daqui a dias, talvez semanas, mas quer-me parecer que o Truslow se limitou a evitar o Ethan. Viu-o a chegar, sabia o que ele pretendia e por isso escondeu-se. Preciso de alguém que o Truslow não conheça. Alguém que possa falar com o homem e descobrir o preço dele. Não há ninguém que não tenha um preço, especialmente um canalha como o Truslow. — Voltou a guardar o revólver e escolheu outra arma de aspeto ainda mais mortífero.

— O que pensas de ires tu, Nate? Não vou fingir que se trata de uma tarefa simples, pois o Truslow não é propriamente um homem dócil, e se me disseres que não queres essa responsabilidade, não falamos mais no assunto. Mas e que tal? — O Coronel deixou o convite em suspenso.

Confrontado com a decisão, Starbuck apercebeu-se de súbito de que queria ir. Queria provar que era capaz de atrair o monstro para fora do seu covil.

— Teria todo o gosto, senhor Faulconer.

— A sério? — O Coronel pareceu um tanto ou quanto surpreendido.

— Sim, a sério.

— Que bom para ti, Nate. — Faulconer puxou o cão do revólver de aspeto mortífero, pressionou o gatilho e decidiu que aquela arma também não era a mais indicada. — É claro que vais precisar de uma arma. A maior parte dos homens naquela montanha não gosta de ianques. Tens o teu salvo-conduto, é verdade, mas é rara a criatura por aquelas bandas que sabe ler. Dizia-te para vestires a farda, mas as pessoas como o Truslow associam as fardas a cobradores de impostos, pelo que estarás mais seguro com roupas normais. Se fores intimado, vais ter de os convencer a deixarem-te passar, e se isso não resultar, terás de abater um deles. — Faulconer riu-se e Starbuck arrepiou-se ao pensar na tarefa que se avizinhava. Ainda nem há seis meses era um aluno da Faculdade de Teologia de Yale, mergulhado no complicado estudo da doutrina paulina da expiação, e agora tinha de abrir caminho aos tiros numa terra de sulistas ferrenhos analfabetos, em busca do mais temido ladrão de cavalos e assassino da zona? Faulconer deverá ter sentido a premonição, pois ofereceu-lhe um sorriso. — Não te preocupes. Ele não te mata, a menos que lhe queiras ficar com a filha, ou pior, com o cavalo.

— É um alívio saber disso, senhor Faulconer — disse Starbuck, num tom seco.

— Vou escrever uma carta para lhe lewares, embora só Deus saiba se ele aprendeu a ler. Vou explicar que és um sulista honorário e faço-lhe uma proposta. Digamos, cinquenta dólares como prémio de recruta? Não lhe ofereças mais, e pelo amor de Deus, não o leves a pensar que pretendo que seja um oficial. Truslow pode tornar-se um bom sargento, mas não o queremos de todo como companhia à mesa. A mulher dele morreu, pelo que não será um problema, mas ele tem uma filha que se poderá revelar um incómodo. Diz-lhe que se ele a quiser instalada, encontro-lhe um cargo em Richmond. Deve ser uma mulher reles, mas de certeza que saberá costurar, ou vender numa loja. — Faulconer pousara na secretária uma caixa de noqueira, que virou para que o fecho da tampa ficasse virado para Starbuck. — Não me parece que seja adequado para ti, Nate, mas olha só para ele. É muito bonito.

Starbuck levantou a tampa de nogueira, revelando um belo revólver de punho de marfim, aninhado num compartimento especial, forrado com veludo azul. Outros espaços forrados a veludo continham o polvorinho revestido a prata, o molde para as balas e o alicate. A etiqueta de letras douradas no interior da tampa dizia “R. Adams, Patenteador do Revólver, 79 King William Street, Londres EC.”

— Comprei-o em Inglaterra há dois anos. — O Coronel pegou na arma e acariciou-lhe o cano. — É lindo, não é?

— É sim, senhor Faulconer. — A arma parecia realmente bela à luz suave da manhã que entrava através dos cortinados brancos. A forma da arma tinha um equilíbrio maravilhoso com a funcionalidade, sendo um casamento tão perfeito entre a engenharia e o desenho que, durante alguns segundos, Starbuck chegou a esquecer-se ao certo da função da peça.

— Muito belo — afirmou Washington Faulconer com reverência. — Daqui a algumas semanas vou levá-lo para a Baltimore e Ohio.

— A Baltimore... — começou Starbuck a repetir, após o que se deteve, quando se apercebeu de que não tinha ouvido mal. Com que então, o Coronel ainda queria liderar um ataque contra o caminho-de-ferro? — Mas, senhor Faulconer, pensei que as nossas tropas em Harper’s Ferry tivessem bloqueado a linha.

— E assim é, Nate, mas descobri que as carruagens ainda chegam a Cumberland, a partir de onde transportam os suprimentos por estrada, ou pelos canais. — Faulconer guardou o belo revólver *Adams*. — Além disso, quer-me parecer que a Confederação está a ser demasiado calma, demasiado receosa. Temos de atacar, Nate. Não podemos ficar à espera que seja o Norte a atacar-nos. É preciso incentivar o Sul com uma vitória! Temos de mostrar ao Norte que somos homens e não vermes cobardes. Precisamos de uma vitória rápida e absoluta que seja publicitada em todos os jornais da América! Algo que inscreva o nosso nome nos livros de História! Uma vitória que dê início à história da Legião! — Sorriu. — O que te parece?

— Parece-me maravilhoso, senhor Faulconer.

— E tu vens connosco, Nate, garanto-te. Traz-me o Truslow e depois nós dois atacamos a linha e abrimos umas quantas cabeças. Claro que primeiro vais precisar de uma arma, portanto, que tal este monstro? — O Coronel entregou a Starbuck um feio e grosseiro revólver de cano comprido, com um punho antiquado recurvado, cão também curvo e dois gatilhos. O Coronel explicou que o gatilho inferior fazia girar o tambor e engatilhava o cão, enquanto o de cima disparava a carga. — Não é fácil de disparar — admitiu Faulconer — até apanharmos o jeito de soltar o gatilho inferior antes de pressionarmos o superior. Mas é uma arma robusta. Pode levar uma

pancada ou duas e continuar a matar. É pesada, o que dificulta a pontaria, mas vais habituar-te a ela. Além disso, faz borrar qualquer um a quem a apontes. — A pistola era um *Savage* de fabrico americano, de quilo e meio de peso e mais de trinta centímetros de comprimento. O belo *Adams*, com o cano de brilho azulado e punho branco macio, era mais pequeno e leve, e disparava munições do mesmo calibre, mas não tinha um aspeto tão ameaçador como o *Savage*.

O Coronel voltou a guardar o *Adams*, depois deu meia-volta e enfiou a chave no bolso.

— Ora bem, vejamos, é meio-dia. Vou buscar-te um cavalo fresco, dou-te a carta e alguma comida, e podes ir à tua vida. A viagem não é longa. Deves lá chegar por volta das seis, talvez antes. Vou escrever-te a carta e podes ir à caça do Truslow. Ao trabalho, Nate!

O Coronel acompanhou Starbuck durante o primeiro trecho da viagem, nunca deixando de o encorajar a assumir uma melhor postura a cavalo.

— Calcanhares para baixo, Nate! Calcanhares para baixo! Costas direitas! — O Coronel divertia-se com a forma de montar de Starbuck, decididamente atroz, ao passo que Faulconer era um excelente cavaleiro. Montava o seu garanhão preferido. Com a farda nova e altaneiro na montada brilhante, era maravilhosamente imponente. Levou Starbuck através da povoação de Faulconer Court House, passando pela azenha e pela cocheira de aluguer, pela estalagem e pelo tribunal, pelas igrejas batista e episcopal, pela Greeley's Tavern e pelo ferreiro, pelo banco e pela cadeia da povoação. Uma rapariga de chapéu descolorido sorriu ao Coronel a partir do alpendre da escola. O Coronel acenou-lhe, mas não parou para conversar.

— É a Priscilla Bowen — indicou a Nate, que não fazia ideia de como se recordar da enxurrada de nomes que lhe eram atirados. — É bonitinha, se gostares delas rechonchudas, mas só tem dezanove anos, e a palerma pretende casar-se com o Pica-pau. Mas louvado seja Deus, ela bem podia arranjar melhor! E já lhe disse isso mesmo. Não estive com meias-palavras, mas não serviu de nada. O Pica-pau tem o dobro da idade dela, o dobro! Quer dizer, uma coisa é levá-las para a cama, Nate, mas não é preciso casar com elas! Será que te ofendi?

— Não, senhor Faulconer.

— Esqueço-me sempre das tuas crenças. — O Coronel soltou uma gargalhada divertida. Tinham atravessado a povoação, que pareceu a Starbuck uma comunidade tranquila e confortável, e muito maior do que o esperado. A Legião estava acampada a oeste da vila, enquanto a casa de Faulconer ficava a norte. — O doutor Danson achou que o som das atividades militares

seria prejudicial à Miriam — explicou Faulconer. — Ela é delicada, como deves compreender.

— A Anna comentou esse facto comigo, senhor Faulconer.

— Estava a pensar em mandá-la para a Alemanha assim que a Anna se casar. Dizem que os médicos germânicos são excelentes.

— Também me constou.

— A Anna poderia acompanhá-la. Ela também é uma menina delicada, sabes? O Danson diz que ela precisa de ferro, sabe Deus o que isso quer dizer. Mas se no outono a guerra tiver chegado ao fim, elas podem ir as duas. Aqui estamos, Nate! — O Coronel apontou para um prado onde quatro filas de tendas desciam em direção a um ribeiro. Era o acampamento da Legião, coroadado pela bandeira de três faixas e sete estrelas da nova Confederação. Na outra margem do regato via-se uma mata cerrada, a povoação erguia-se atrás e o acampamento transmitia a sensação de um circo itinerante. A zona mais plana do prado apresentava já uma depressão em forma de diamante de campo de basebol, enquanto os oficiais tinham criado uma pista de obstáculos ao longo da margem do curso de água. Raparigas da povoação estavam sentadas num barranco íngreme que compunha a fronteira oriental do prado, e a presença de carruagens paradas ao longo da estrada mostrava como os habitantes das zonas limítrofes transformavam o acampamento em destino de visita. Os homens que descansavam, que se divertiam ou que andavam pelo acampamento não mostravam um grande sentido de objetivo, e Starbuck sabia bem que essa indolência tinha origem na filosofia militar do Coronel Faulconer, que declarava que treinos excessivos embotavam a sede de cada homem pelo combate. Na presença daqueles sulistas, o Coronel ficou bastante mais alegre. — Só precisamos de mais duas ou três centenas de homens, Nate, e a Legião será imbatível. Se me trouxeres o Truslow, vai ser um bom ponto de partida.

— Darei o meu melhor, senhor Faulconer — garantiu Starbuck, interrogando-se porque concordara em enfrentar o demónio que era Truslow. A apreensão que sentia acentuou-se ao ver Ethan Ridley, montado num cavalo castanho agitado, aparecer subitamente na entrada principal do acampamento. Starbuck recordou a crença de Anna Faulconer de que Ridley não se atrevera a encarar Truslow e isso deixou-o ainda mais nervoso. Ridley estava fardado, embora a túnica de lã cinzenta parecesse apagada ao lado da roupa nova do Coronel.

— O que me dizes do trabalho da Shaffer's, Ethan? — perguntou o Coronel ao futuro genro.

— É soberbo, senhor Faulconer — respondeu Ridley prontamente, após o que cumprimentou Starbuck com um aceno de cabeça. A égua de Starbuck dirigira-se à berma da estrada e baixara a cabeça para pastar a

erva, enquanto Washington Faulconer e Ridley falavam. O Coronel dizia que descobrira dois canhões que poderiam ser comprados e perguntava se Ridley se importaria de ir a Richmond tratar da aquisição e desencantar algumas munições. A visita a Richmond implicava que Ridley não poderia acompanhar a incursão contra a Linha de Baltimore e Ohio, e o Coronel lamentava-se por negar ao futuro genro o prazer de participar na expedição. Ridley, contudo, parecia não se importar. A bem da verdade, o rosto moreno de barba bem aparada chegou mesmo a parecer alegre com a perspectiva de voltar a Richmond.

— Entretanto, o Nate vai à procura de Truslow. — O Coronel trazia assim Starbuck de volta à conversa.

A expressão de Ridley tornou-se subitamente cautelosa.

— Está a perder o seu tempo, Reverendo. Esse homem anda a roubar cavalos.

— Se calhar ele só te evitou, Ethan — aventou Faulconer.

— Talvez — o tom de Ridley pareceu mesquinho —, mas mesmo assim aposto que o Starbuck vai estar a perder tempo. O Truslow não suporta ianques. Atribui as culpas da morte da mulher a um ianque. Ele vai desfazê-lo, Starbuck.

Obviamente afetado pelo pessimismo de Ridley, Faulconer franziu a sobrancelha na direção de Starbuck.

— A escolha é tua, Nate.

— É claro que vou, senhor Faulconer.

Ridley carregou o cenho.

— Vai desperdiçar o seu tempo, Reverendo — repetiu, com um pouco de insistência a mais.

— Vinte dólares em como não desperdiço — ouviu-se Starbuck a dizer, arrependendo-se de imediato do desafio como sendo uma exibição tola de bravata. Além de ser uma idiotice, pensou, era também um pecado. Starbuck aprendera que todas as apostas eram um pecado aos olhos de Deus, mas não sabia como retirar a proposta impulsiva.

Também não tinha a certeza de querer voltar atrás, pois Ridley hesitava, e tal hesitação parecia confirmar a suspeita de Anna de que o noivo poderia ter-se esquivado à procura pelo temível Truslow.

— Parece-me uma aposta justa — interveio alegremente o Coronel.

Ridley fitou Starbuck e este julgou detetar um traço de receio no olhar de Ridley. Temeraria que Starbuck lhe expusesse a mentira? Ou estaria apenas com medo de perder vinte dólares?

— Ele mata-o, Reverendo.

— Vinte dólares em como o trago antes do final do mês — ofereceu Starbuck.

— No final da semana — desafiou Ridley, vendo uma forma de se escapar à aposta.

— Cinquenta dólares? — Starbuck elevou irrefletidamente a aposta.

Washington Faulconer riu-se. Cinquenta dólares não era nada para ele, mas tratava-se de uma fortuna para jovens falidos como Ridley e Starbuck. Cinquenta dólares era o ordenado mensal de um trabalhador, o preço de um cavalo de carruagem decente, o custo de um bom revólver. Cinquenta dólares transformavam a demanda quixótica de Anna numa prova difícil. Ethan Ridley hesitou, após o que terá sentido que se estaria a rebaixar com essa hesitação, pelo que estendeu a mão enluvada.

— Tem até sábado, Reverendo, nem mais um minuto.

— Combinado — disse Starbuck e apertou a mão de Ridley.

— Cinquenta dólares! — exclamou Faulconer, deliciado, depois de Ridley se ter afastado. — Espero que te sintas com sorte, Nate.

— Darei o meu melhor, senhor Faulconer.

— Não deixes que Truslow te intimide. Responde-lhe, estás a ouvir?

— Assim farei, senhor Faulconer.

— Boa sorte, Nate. E mantém os calcanhares em baixo! Calcanhares para baixo!

Starbuck cavalgou para ocidente, na direção das montanhas sombreadas com tons azulados. Estava um dia agradável, com o céu praticamente sem nuvens. A montada fresca de Starbuck, uma égua forte chamada *Pocahontas*, trotava, incansável, pela beira relvada da estrada de terra, que ia subindo além da pequena povoação, passando por pomares e prados cercados, entrando num território irregular de pequenas fazendas, erva verde e ribeiros agitados. Aqueles contrafortes virginianos não eram adequados ao tabaco, e muito menos para as famosas reservas sulistas de anileira, arroz e algodão, mas garantiam boas nogueiras e maçãs, além de manterem o gado bem alimentado e darem bastante milho. As fazendas, embora pequenas, pareciam bem cuidadas. Viam-se celeiros grandes, prados férteis e vastas manadas de vacas, cujos badalos soavam languidamente no calor do meio do dia. À medida que a estrada ia subindo, as fazendas foram-se tornando cada vez mais pequenas, até que algumas pouco mais eram do que recortes de milho arrancados aos bosques omnipresentes. Os cães das fazendas dormiam ao lado da estrada, acordando para morder as patas do cavalo à passagem de Starbuck.

Starbuck foi ficando cada vez mais apreensivo à medida que ia subindo as colinas. Tinha a despreocupação e a arrogância da juventude, acreditando-se capaz de tudo aquilo em que se empenhasse, mas quando o Sol começou a descer, passou a ver Thomas Truslow como sendo a grande barreira que lhe definia todo o futuro. Se a cruzasse, a vida voltaria a ser

simples; se a deixasse detê-lo, nunca mais seria capaz de se respeitar quando se olhasse ao espelho. Tentou endurecer-se contra qualquer recepção que Truslow pudesse preparar-lhe, caso Truslow se encontrasse de todo nas colinas, e depois tentou imaginar o sabor do triunfo se o infame Truslow o acompanhasse docilmente para se juntar à Legião. Pensou na satisfação de Faulconer e na contrariedade de Ridley, e depois interrogou-se como seria capaz de pagar a dívida, caso perdesse. Starbuck não tinha dinheiro e embora o Coronel lhe tivesse proposto um salário de vinte e seis dólares mensais, ainda não vira um único cêntimo.

A meio da tarde, a estrada de terra estreitara-se e assumira a forma de um carreiro irregular que acompanhava um curso de água rápido a espumar contra as pedras, que corria por entre pedregulhos e passava sobre árvores caídas. A mata estava cheia de botões vermelhos, as colinas eram íngremes e a vista espetacular. Starbuck passou por duas cabanas desertas e chegou a sobressaltar-se com o ressoar de cascos, virando-se enquanto tentava sacar do revólver carregado, mas só viu um veado de cauda branca que se afastava a galopar por entre as árvores. Começara a apreciar a paisagem e esse prazer fê-lo interrogar-se se o seu destino estaria nos territórios ocidentais, onde os Americanos se esforçavam por arrancar um país novo às garras dos selvagens pagãos. Por Deus, pensou, nunca deveria ter concordado em iniciar os estudos para o sacerdócio! À noite era constantemente assaltado pela sensação de culpa por ter abandonado essa carreira, mas ali, à luz do dia, com uma arma à cintura e uma aventura pela frente, Starbuck estava pronto a enfrentar o Diabo em pessoa. De súbito, as palavras *rebelde* e *traição* já não lhe pareciam assim tão más. Disse para consigo que queria ser rebelde. Queria saborear os frutos proibidos contra os quais o pai pregava. Queria conhecer o pecado de perto, queria deambular pelo vale da morte, pois era esse o rumo em direção aos sonhos de um jovem.

Chegou a uma serração em ruínas, a partir de onde um carreiro se encaminhava para sul. O caminho era íngreme, o que obrigou Starbuck a descer de *Pocahontas*. Faulconer mencionara a existência de outra estrada mais fácil, mas aquele percurso era mais direto e iria deixá-lo de imediato nos terrenos de Truslow. O dia aquecera e as gotas de suor rebentavam na pele de Starbuck. Os pássaros piavam com estrépito por entre as folhas tenras.

Ao final da tarde chegou à cumeada, onde voltou a montar e fitou o vale pontilhado de vermelho onde Truslow vivia. Era um local, segundo lhe dissera o Coronel, onde, ao longo dos anos, os fugitivos e os tratantes tinham procurado abrigo, uma terra sem lei onde homens robustos e as suas esposas duras retiravam a subsistência de um solo que era infértil, era verdade, mas um solo alegremente livre de um governo. Era um vale alta-

neiro famoso pelos seus ladrões de cavalos, onde os animais roubados nas ricas terras baixas virginianas eram mantidos em currais, antes de serem levados para norte e para oeste, onde eram vendidos. Era um lugar sem nome, onde Starbuck teria de enfrentar o demónio das colinas inóspitas, cuja aprovação era tão importante para o grande Washington Faulconer. Virou-se e olhou para trás, vendo a grande extensão de terreno verde que se alongava na direção do horizonte brumoso, após o que voltou a dar atenção ao ocidente, onde algumas plumas de fumo indicavam as casas ocultas no meio das árvores.

Incitou *Pocahontas* pelo carreiro indistinto que serpenteava por entre o arvoredo. Starbuck interrogou-se que tipo de árvores seriam. Era um jovem urbano e não sabia distinguir uma olaia de um ulmo, nem um carvalho de um cornizo. Não seria capaz de matar um porco, de caçar um veado, nem sequer de ordenhar uma vaca. Naquela terra de pessoas competentes, sentia-se um tolo, um homem privado de talento e com demasiada educação. Questionou-se se uma infância passada na cidade tornaria um homem incapaz de guerrear e se os habitantes do campo, com a sua familiaridade com a morte e o seu conhecimento da paisagem, seriam soldados por natureza. Depois, como tantas vezes lhe acontecia, Starbuck afastou-se dos seus ideais românticos de guerra e deixou-se envolver por uma repentina sensação de horror ante o conflito iminente. Como poderia estar prestes a ter lugar uma guerra naquela terra maravilhosa? Eram os Estados Unidos da América, o auge da busca humana por uma governação perfeita e por uma sociedade devota. Os únicos inimigos que alguma vez se viram naquela terra feliz tinham sido os Britânicos e os Índios, e ambos os oponentes foram derrotados, graças à providência divina e à perseverança americana.

Não, pensou, tais ameaças de guerra não poderiam ser reais. Não passariam de meras agitações, políticas que tinham azedado, uma febre primaveril que acabaria por passar com o outono. Os Americanos poderiam lutar contra selvagens pagãos dos ermos bravios, e chacinavam sem pejo os mercenários de um monarca estrangeiro traiçoeiro, mas por certo nunca se voltariam uns contra os outros! O bom senso prevaleceria, seria alcançado um compromisso, Deus protegeria o país por Ele escolhido e o Seu povo. Embora talvez, assim esperava Starbuck, com muitos remorsos, ainda houvesse tempo para uma aventura — uma incursão de bandeiras garridas, sabres brilhantes e o estrépito de cascos contra comboios derrubados e pontes em chamas.

— Dá mais um passo e rebento-te com os miolos, rapaz — disse subitamente a voz oculta.

— Ai, Cristo! — Starbuck ficou tão sobressaltado que não foi capaz de

reprimir a blasfêmia, mas reteve faculdades quanto bastassem para puxar as rédeas. A égua, bem treinada, estacou.

— Ou talvez te rebente à mesma com a cabeça. — A voz era tão grave e afiada como uma lima a raspar em metal ferrugento que mesmo sem ter visto quem falava, Starbuck imaginou que tivesse encontrado o assassino. Descobriria Truslow.

O reverendo Elial Starbuck chegou-se à frente no púlpito e agarrou a borda com tanta força que os nós dos dedos embranqueceram. Alguns dos elementos da congregação, sentados mais perto do grande homem, julgaram que a madeira iria quebrar-se, com toda a certeza. Os olhos do reverendo estavam fechados e o rosto comprido e ossudo, com a sua barba branca, contorceu-se com paixão, enquanto ele procurava o termo exato com que inflamar os ouvintes e encher a igreja com uma proibidade vingativa.

O edifício alto estava em silêncio. Todas as filas estavam cheias e cada banco na galeria estava ocupado. A igreja era quadrada, um edifício tão simples e funcional como o evangelho que era pregado a partir do púlpito branco. Havia um coro de vestes negras, um harmónio novo e janelas altas de vidro transparente. A iluminação era providenciada por candeeiros a gás e uma grande salamandra preta garantia um calor tímido no inverno, embora esse pequeno conforto não viesse a ser necessário durante vários meses. Estava quente no interior do templo. Não como ficaria no pino do verão, altura em que a atmosfera estaria sufocante, mas aquele domingo de primavera estava ameno quanto bastasse para que os fiéis abanassem o rosto com leques. Contudo, à medida que o silêncio dramático do reverendo Elial se foi prolongando, um a um, os leques de papel detiveram-se, até que cada pessoa no vasto interior despido da igreja ficou tão imóvel como uma estátua.

Esperaram, mal se atrevendo a respirar. O reverendo Elial, de cabelo

branco, barba grisalha, olhos penetrantes e rosto chupado, manteve o silêncio enquanto saboreava a palavra que tinha em mente. Decidira que encontrara o termo correto, uma boa palavra, uma palavra amadurecida, uma palavra do seu texto, por isso respirou fundo e levantou a mão vagarosa até parecer que cada coração presente naquele edifício alto cessara de bater.

— Vômito! — bradou o reverendo Elial, e uma criança na galeria chorou com receio do poder explosivo do termo. Algumas mulheres arquejaram.

O reverendo Elial Starbuck bateu com o punho direito na borda do púlpito, esmurrando-a com tanta força que o som ecoou pela igreja como um tiro. No final de um sermão, as mãos costumavam ficar escuras com as nódoas negras, enquanto a potência da pregação quebrava a lombada de pelo menos meia dúzia de Bíblias todos os anos.

— A escravocracia tem tanto direito a denominar-se cristã como um cão tem direito a considerar-se um cavalo! Ou um macaco um homem! Ou um homem um anjo! Pecado e perdição! Pecado e perdição! A escravocracia está maculada pelo pecado, poluída pela perdição! — O sermão chegara ao ponto em que deixava de ter de fazer sentido, pois agora a lógica da exposição podia dar lugar a uma série de lembretes emotivos que enterrariam a mensagem no fundo do coração dos ouvintes e os deixaria prontos a enfrentar mais uma semana de tentações terrenas. O reverendo Elial pregava há uma hora e um quarto, e continuaria durante pelo menos outra meia hora, mas ao longo dos dez minutos que se seguiriam, queria deixar a congregação num frenesim de indignação.

A escravocracia, segundo lhes disse, estava condenada às profundezas do Inferno, a ser lançada ao lago de enxofre ardente onde sofreria os tormentos de uma dor indescritível durante toda a eternidade. O reverendo Elial Starbuck desde cedo pregava sobre as descrições do Inferno e recordou durante cinco minutos os horrores desse lugar, enchendo a igreja com tamanha repulsa que alguns dos irmãos mais fracos pareceram à beira do desmaio. Uma secção da galeria era composta por escravos sulistas libertados, todos eles, de alguma forma, apoiados pela Igreja, e os negros fizeram eco das palavras do reverendo, repetindo-as e embelezando-as a tal ponto que o edifício pareceu encher-se com o Espírito.

O reverendo Elial continuou a levar as emoções cada vez mais ao rubro. Disse aos ouvintes como à escravocracia se oferecera a amizade nortista, e estendeu a mão magoada, como que a ilustrar a pura bondade da oferta.

— Foi oferecida de bom grado! Foi oferecida com toda a justiça! Foi oferecida honestamente! Foi oferecida com amor! — A mão esticou-se cada vez mais na direção dos fiéis, enquanto o reverendo pormenorizava a generosidade dos Estados nortistas. — E o que fizeram eles com a nossa

oferta? O que fizeram? O que fizeram? — A derradeira repetição da pergunta surgira num grito agudo que imobilizou a congregação. O reverendo Elial fitou a igreja à sua volta, desde as filas ricas à frente até aos bancos pobres ao fundo das galerias, e depois olhou para a fila da sua própria família, onde James, o filho mais velho, estava sentado na sua farda azul nova. — O que fizeram eles? — O reverendo Elial cortou o ar ao responder à sua pergunta. — Voltaram às mesmas loucuras! “Como o cão que volta ao seu vômito, assim é o insensato que repete as suas loucuras.” — Fora esse o texto do reverendo Elial Starbuck, retirado do décimo primeiro versículo do vigésimo sexto capítulo do Livro de Provérbios. Abanou a cabeça com tristeza, fez recuar a mão e repetiu a terrível palavra num tom de resignação e de espanto. — Vômito, vômito, vômito.

A escravocracia, explicou, estava atolada no seu próprio vômito. Chafurdava nele. Só havia uma opção para os cristãos nos dias tristes que se viviam, declarou o reverendo Elial Starbuck. Os cristãos tinham de se proteger com o escudo da fé, armar-se com as armas da justiça e depois marchar para sul, para limpar a terra dos cães sulistas que lambiam o próprio vômito. E os elementos da escravocracia são cães, lembrou mais uma vez aos ouvintes, e têm de ser vergastados como cães, castigados como cães e obrigados a ganir como cães.

— Aleluia! — bradou uma voz na galeria, enquanto no banco dos Starbuck, mesmo por baixo do púlpito, James Starbuck sentiu uma pontada de satisfação pia ao pensar que ia fazer o trabalho do Senhor no exército do seu país, após o que foi assolado pelo receio de a escravocracia talvez não vir a aceitar o castigo de forma tão passiva como um cão assustado. James Elial MacPhail Starbuck tinha vinte e cinco anos de idade, mas o cabelo preto que começava a rarear e a perpétua expressão de angústia fazia com que parecesse uma década mais velho. Encontrava consolo para a calvície na barba espessa que combinava na perfeição com a estrutura corpulenta e elevada. As feições bebiam mais no lado materno da família, embora na sua devoção ao trabalho fosse bem filho de seu pai, já que mesmo tendo terminado havia apenas quatro anos a Faculdade de Direito Dinamarquês de Harvard, James era já tido como uma estrela em ascensão na Comunidade de Massachusetts, e tal reputação, a par das petições do famoso pai, tinha-lhe conseguido um lugar no estado-maior do general Irvin McDowell. Aquele sermão seria o último que James escutaria da boca do pai durante várias semanas, pois pela manhã partiria para Washington, onde assumiria o novo cargo.

— O Sul tem de ser obrigado a ganir como os cães que lambem o próprio vômito! — O reverendo Elial deu início ao resumo, que por sua vez levaria à conclusão ferosa e dramática do sermão, mas um dos fiéis não

esperou pela pirotecnia de encerramento. Por baixo da galeria, ao fundo da igreja, a porta de uma das fileiras de bancos abriu-se e um jovem saiu. Percorreu em bicos de pés os breves passos até à porta das traseiras e depois entrou para o vestíbulo. As poucas pessoas que se aperceberam da saída partiram do princípio de que ele não se estaria a sentir bem, embora, a bem da verdade, Adam Faulconer não estivesse fisicamente indisposto, mas sim desolado. Fez uma pausa nos degraus de acesso à rua e respirou fundo, enquanto, atrás dele, o tom de voz do pregador subia e descia, abafado agora pelas paredes de granito da alta igreja.

Adam era extraordinariamente parecido com o pai. Tinha os mesmos ombros largos, a mesma constituição robusta e o mesmo rosto decidido, com o cabelo louro, olhos azuis e barba direita que lembravam os do pai. Era um rosto confiante e de confiança, embora naquele momento fosse também um rosto perturbado.

Adam fora para Boston depois de receber uma carta do pai, onde Washington Faulconer descrevera a chegada de Starbuck a Richmond. O Coronel esboçara os problemas de Nate, após o que continuara: “Em consideração por ti, vou oferecer-lhe abrigo e hospitalidade. Parto do princípio de que ele ficará o tempo que precisar, e, mais ainda, que essa necessidade seja permanente, mas imagino que seja apenas o receio que sente da família que o vai manter na Virgínia. Talvez, se puderes dispensar algum tempo dos teus empreendimentos,” e Adam apercebera-se do rancor do pai com a escolha do termo, “possas informar a família do Nate de que o filho deles está em penitência, humilhado e dependente de caridade, e com isso obter-lhe votos de perdão?”

Adam pretendia visitar Boston. Sabia que se tratava da mais influente cidade do Norte, um lugar de erudição e piedade, onde esperava encontrar quem lhe oferecesse uma esperança de paz, mas também almejava encontrar alguma paz para Nate Starbuck, tendo por isso procurado a casa do reverendo Elial Starbuck, mas este, ao ficar ao corrente do assunto de Adam, negara-se a recebê-lo. Agora, Adam escutara o pai do amigo a pregar e imaginava que restasse tão pouca esperança para a América como a que estava destinada a Nate. À medida que o veneno ia escorrendo do púlpito, Adam percebera que enquanto tal ódio permanecesse insatisfeito, não poderia haver qualquer harmonização. A Comissão Cristã para a Paz tornara-se irrelevante, pois as igrejas americanas seriam tão capazes de obter a paz como a chama de uma vela poderia derreter o lago Wenham em pleno inverno. A América, a terra abençoada de Adam, teria de entrar em guerra. Nada disso fazia sentido para Adam, pois não compreendia como poderiam homens decentes julgar que a guerra seria uma melhor solução do que a razão e a boa vontade. No entanto, mesmo

que com alguma relutância, Adam começava a entender que a boa vontade e a razão não eram as impulsionadoras da humanidade, sendo, pelo contrário, a paixão, o amor e o ódio os combustíveis que faziam avançar cegamente a História.

Adam percorreu as ruas ordeiras da zona residencial de Boston, por baixo de árvores carregadas de folhas novas e passando pelas casas altas e limpas, decoradas de forma garrida com bandeiras e estandartes patrióticos. Até as carruagens que aguardavam pelos fiéis, para os levar de regresso aos seus lares confortáveis, ostentavam bandeiras americanas. Adam venerava essa bandeira, e por vezes ficava de olhos marejados de lágrimas com tudo aquilo que ela representava, mas agora reconhecia nas estrelas brilhantes e nas faixas largas um emblema tribal que se desfraldava para o ódio, e sabia que tudo aquilo por que ele trabalhara estava prestes a fundir-se no cadinho. A guerra ia rebentar.

Thomas Truslow era um homem baixo, de cabelo escuro; uma criatura de rosto duro e olhos amargos, com a pele imunda e as roupas brilhantes de gordura. O cabelo preto era comprido e revoltado, tal como a barba espessa que lhe emanava belicosamente do rosto tisonado pelo sol. Usava botas de pele de vaca de solas grossas, um chapéu de abas largas, calças de ganga encardidas e uma camisa de fabrico caseiro com as mangas rasgadas que mostravam os músculos cordados dos braços. Tinha um coração tatuado no antebraço direito, com a bizarra palavra *Emly* escrita por baixo, e Starbuck precisou de alguns segundos até se aperceber de que provavelmente se trataria de *Emily* mal escrito.

— Andas perdido, rapaz? — A criatura antipática começava a desafiar Starbuck. Truslow empunhava um velho mosquete de pederneira, com um cano desoladoramente escurecido, apontado com firmeza à cabeça de Starbuck.

— Procuo o senhor Thomas Truslow — explicou Starbuck.

— O Truslow sou eu. — O cano não vacilou, nem os olhos estranhamente claros. O que mais o assustava eram os olhos. Seria possível limpar o homem, aparar-lhe a barba, esfregar-lhe o rosto e vestir-lhe um fato de domingo, e mesmo assim os olhos continuariam a transmitir a mensagem aterradora de que Thomas Truslow nada tinha a perder.

— Trago-lhe uma carta de Washington Faulconer.

— Faulconer! — O nome foi cuspidado na forma de uma gargalhada sem qualquer humor. — Quer que eu seja soldado, não é?

— Sim, senhor Truslow, é verdade. — Starbuck esforçava-se por manter um tom neutro e por não deixar transparecer o receio causado por

aqueles olhos e pela ameaça de violência que se desprendia de Truslow, algo tão espesso como o fumo de um lume feito com madeira verde. Era como se a qualquer momento um mecanismo pudesse ser disparado naquele cérebro sombrio por trás dos olhos claros, libertando uma onda esmagadora de destrutividade. Era uma ameaça que parecia horrivelmente próxima da loucura e bastante distante do mundo razoável de Yale, de Boston e da magnífica casa de Washington Faulconer.

— Demorou o seu tempo a vir à minha procura, não foi? — indagou Truslow, desconfiado.

— O senhor Faulconer tem estado em Richmond. Mas na semana passada enviou um homem chamado Ethan Ridley ao seu encontro.

A referência ao nome de Ridley fez com que Truslow atacasse como uma cobra esfomeada. Estendeu a mão esquerda, agarrou no casaco de Starbuck e puxou-o, deixando-o precariamente inclinado na sela. Conseguia sentir o cheiro a tabaco rançoso no hálito de Truslow e ver os restos de comida presos nos fios pretos da barba. Os olhos alucinados fitaram o rosto de Starbuck.

— Ridley esteve aqui?

— Segundo consta, ele visitou-o, sim. — Starbuck esforçava-se por ser cortês e até mesmo digno, embora se recordasse de que, em tempos, o pai tentara pregar a alguns estivadores imigrantes meio embriagados que trabalhavam nos desembarcadouros do Porto de Boston, e que até o impressionante reverendo Elial se debatera por manter a compostura perante tal grosseria maníaca. A educação e a criação, pensou Starbuck, de pouco valiam para enfrentar a natureza no estado puro. — Ele diz que o senhor não estava cá.

Truslow largou subitamente o casaco de Starbuck, ao mesmo tempo que produzia um ronco que tinha tanto de ameaça como de espanto.

— Eu não estava cá — admitiu, embora com um tom distante, como se tentasse dar algum sentido a uma informação nova e importante —, mas também ninguém me disse que ele cá tinha vindo.

Starbuck endireitou o casaco e abriu discretamente o coldre do grande revólver *Savage*.

— Tal como lhe estava a dizer, senhor Truslow, tenho uma carta do Coronel Faulconer para si...

— Quer dizer que agora é coronel? — Truslow riu-se. Passara à frente de Starbuck, obrigando o nortista a segui-lo para uma clareira ampla onde ficava, obviamente, a casa de Truslow. Legumes sujos cresciam em courelas longas, havia um pequeno pomar cujas árvores ostentavam a glória dos botões alvos, e a casa era uma cabana térrea, encimada por uma robusta chaminé de pedra, de onde saía um fio de fumo. A habitação era decrepita

e estava rodeada por pilhas irregulares de lenha, carros partidos, cavaletes e barris. Ao ver Starbuck, um cão malhado correu furioso até ser detido pela corrente que o prendia, espantando um bando de galinhas aterradas que andavam a esgaravatar a terra. — Desce do cavalo, rapaz — atirou Truslow a Starbuck.

— Não o quero incomodar, senhor Truslow. Tenho aqui a carta do senhor Faulconer. — Starbuck levou a mão ao interior do casaco.

— Eu disse-te para desceres do rai's parta do cavalo! — Truslow vociferou a ordem com tamanha rispidez que até o cão, à primeira vista mais selvagem do que o dono, se silenciou de repente e regressou, de rabo entre as pernas, para a sombra do alpendre danificado. — Tenho trabalho para fazeres, rapaz — acrescentou Truslow.

— Trabalho? — Starbuck deslizou da sela, interrogando-se quanto ao inferno em que entrara.

Truslow agarrou as rédeas do cavalo e atou-as a um poste.

— Estava à espera do Roper — ofereceu, à laia de explicação indecifrável —, mas até que chegue, vais ter de servir. Anda cá, rapaz. — Apontou para uma vala funda, um pouco além de um dos montes de carros partidos. Era uma vala de serragem, talvez com dois metros e meio de fundo, sobre a qual estava atravessado um tronco de árvore, começado já a cortar com um serrote enorme de cabo duplo.

— Salta lá para dentro, rapaz! Vais trabalhar no fundo — ordenou Truslow.

— Senhor Truslow! — Starbuck tentou atalhar a loucura com um apelo à razão.

— Salta, rapaz! — O tom de voz faria o Diabo pôr-se em sentido e Starbuck chegou a dar um passo involuntário na direção da borda do buraco, mas depois a sua teimosia inata assumiu o controlo.

— Não estou aqui para trabalhar.

Truslow exibiu um sorriso rasgado.

— Tens uma arma, rapaz, por isso acho bem que estejas disposto a usá-la.

— Vim entregar-lhe esta carta. — Starbuck tirou o envelope de um bolso no interior do casaco.

— Com essa pistola eras capaz de matar um búfalo, rapaz. Queres usá-la contra mim? Ou queres trabalhar comigo?

— Quero que leia esta carta...

— Ou trabalhas ou lutas, rapaz. — Truslow aproximou-se de Starbuck. — Estou-me a cagar para o que escolheres, mas não vou passar o dia à espera que te decidas.

Havia alturas para lutar, pensou Starbuck, e alturas para decidir que

seria o homem no fundo de uma vala de serragem. Saltou para o buraco, aterrando numa mistela de lama, serradura e lascas de madeira.

— Despe o casaco, rapaz, e tira também essa pistola.

— Senhor Truslow! — Starbuck fez uma derradeira tentativa para manter uma réstia de controlo naquele encontro. — Importa-se de ler a carta?

— Ouve-me, rapaz, essa tua carta só tem palavras, e as palavras nunca encheram a barriga a ninguém. O teu coronel janota está a pedir-me um favor e tu vais ter de trabalhar para pagares uma resposta. Estás a perceber? Se fosse o Washington Faulconer a estar aqui, mandava-o para dentro do buraco à mesma, por isso acaba lá com as choraminguices, despe o casaco, agarra nesse cabo e começa a trabalhar.

Starbuck acabou então com as choraminguices, despiu o casaco, agarrou no cabo e começou a trabalhar.

Starbuck sentia-se enterrado numa cova, por baixo de um demónio vingativo que se ria à gargalhada. O grande serrote ia atravessando o tronco e era constantemente empurrado na direção de Starbuck, numa chuva de serradura e lascas que lhe feriam os olhos e lhe enchiam a boca e as narinas. No entanto, sempre que largava a serra para tentar limpar o rosto, Truslow vociferava uma reprimenda.

— O que é que foi, rapaz? Estás a ficar mole? Trabalha!

O buraco tinha por cima um tronco de pinheiro que, a julgar pela sua dimensão, seria mais antigo do que a República. A contragosto, Truslow informara Starbuck de que estava a cortar o tronco em tábuas, prometidas para um soalho novo que estava a ser instalado no armazém geral de Hankey's Ford.

— Este tronco e mais dois devem chegar — anunciou Truslow antes mesmo de chegarem a meio do primeiro corte, altura em que os músculos de Starbuck já ardiam como fogo e as mãos lhe doíam. — Puxa, rapaz, puxa! — gritava Truslow. — Não consigo cortar a direito se estiveres com disparates! — O serrote tinha mais de dois metros e meio de comprimento e deveria ser impulsionado de modo equivalente pelos homens em cima e em baixo, embora Thomas Truslow, empoleirado no tronco com as suas botas com espigões, estivesse a fazer o grosso do trabalho. Starbuck tentava acompanhá-lo. Compreendeu que o seu papel era puxar para baixo com força, pois era esse movimento que garantia a maior parte da força de corte, e se tentasse empurrar para cima com demasiada força, arriscava-se a torcer a serra, pelo que era melhor deixar que Truslow puxasse a grande lâmina de metal do fundo da cova. No entanto, mesmo concedendo esse movimento

ascendente uma fração de segundo de alívio a Starbuck, ele dava de imediato lugar ao baixar brutal e crítico da serra. O suor escorria por Starbuck.

Podia ter parado. Podia ter-se recusado a trabalhar mais um momento que fosse e, em vez disso, largado o grande cabo de madeira e gritado àquele homem desprezível que o Coronel Faulconer lhe oferecia, inexplicavelmente, um prémio de cinquenta dólares para que se alistasse como soldado. Todavia, parecia-lhe que Truslow o estava a testar e, de súbito, sentiu-se ressentido com aquela atitude sulista, em que partiam do princípio de que se tratava de um nortista frágil, demasiado erudito para ter algum uso prático e demasiado mole para que lhe confiassem o trabalho de um verdadeiro homem. Fora ludibriado por Dominique, condenado como religioso por Ethan Ridley e agora estava a ser ridicularizado por aquele tratante imundo, barbado e sujo de tabaco, o que fazia com que a fúria de Starbuck o levasse a puxar a serra vezes sem conta, fazendo a grande lâmina ressoar através da madeira como um sino de igreja.

— Agora já lhe estás a apanhar o jeito! — resmungou Truslow.

— E maldito seja, maldito seja — exclamou Starbuck, embora em voz baixa. Era de uma ousadia extraordinária estar a usar tais imprecações, mesmo em surdina, pois embora o demónio acima dele não ouvisse o praguejar, o anjo observador do Paraíso ouvia-o e Starbuck tinha noção de que acabara de juntar mais um pecado à grande lista que lhe estava atribuída. Praguejar contava-se entre os piores pecados, sendo quase tão mau como roubar. Starbuck fora educado para odiar as blasfémias e para desprezar quem imprecava, e nem as semanas profanas que passara com a companhia desbocada do *Tomás* do major Trabell lhe mitigara a consciência pesada quanto às pragas. No entanto, naquele momento sentia que tinha de desafiar Deus, além de Truslow, pelo que continuou a cuspir a palavra para manter a força.

— Espera! — gritou subitamente Truslow e por momentos, Starbuck receou que as imprecações sussurradas pudessem ter sido ouvidas, mas, em vez disso, a ordem fora dada apenas para que o trabalho fosse ajustado. A serra cortara até ficar a alguns centímetros da beira da cova, pelo que o tronco tinha de ser deslocado. — Segura, rapaz! — Truslow atirou lá para baixo um ramo sólido que terminava num suporte. — Empurra isso contra a ponta e levanta quando te disser.

Starbuck assim fez, movendo com esforço o enorme tronco centímetro a centímetro, até que a madeira ficou na sua nova posição. Seguiu-se mais uma breve pausa, enquanto Truslow martelava cunhas na porção já serrada.

— Então, o que é que o Faulconer tem para me oferecer? — quis saber Truslow.

— Cinquenta dólares. — Starbuck respondeu-lhe do fundo da vala e interrogou-se como Truslow teria adivinhado que lhe estaria a ser oferecida alguma coisa. — Quer que lhe leia a carta?

— Estás a insinuar que não sei ler, rapaz?

— Deixe-me entregar-lhe a carta.

— Com que então, cinquenta? Ele julga que me pode comprar, é isso? O Faulconer acha que pode comprar o que quiser, quer seja um cavalo, um homem, ou uma puta. Mas ele acaba sempre por se fartar daquilo que compra, e no meu caso não vai ser diferente.

— Ele não me está a comprar — argumentou Starbuck, e a mentira foi recebida com um silêncio trocista por parte de Truslow. — O Coronel Faulconer é um bom homem — insistiu Starbuck.

— Sabes porque é que ele libertou os pretos? — indagou Truslow.

Pica-pau Bird contara a Starbuck que a emancipação tivera como objetivo atingir a esposa de Faulconer, mas o jovem não acreditava nessa história, nem tampouco a iria repetir.

— Porque era a coisa mais acertada a fazer — ofereceu, num tom de desafio.

— Talvez fosse — concedeu Truslow —, mas ele fez isso por outra mulher. O Roper conta-te a história. Era uma rapariga da igreja que veio de Filadélfia para dizer aos Sulistas como viver a nossa vida, e o Faulconer deixou-a pisá-lo. Imaginou que tinha de libertar os pretos dele antes de conseguir ir com ela para a cama, mas ela acabou por não ir. — Truslow riu-se ante o exemplo de um tolo que se deixa enganar. — Fez pouco dele à frente da Virgínia toda, e é por isso que o Faulconer anda a organizar esta Legião dele, para recuperar o orgulho. Julga que vai ser um grande herói guerreiro da Virgínia. Agora agarra-te à serra, rapaz.

Starbuck sentia-se na obrigação de defender o seu herói.

— Ele é um bom homem!

— Ele tem meios para ser bom. A fortuna dele é maior do que o juízo. Agora agarra-te à serra, rapaz, ou será que tens medo de trabalhar a sério? Deixa-me que te diga, rapaz, o trabalho tem de ser duro. O pão nunca sabe bem quando chega com facilidade. Por isso agarra-te. O Roper deve estar a chegar não tarda nada. Ele prometeu, e o Roper nunca falta à palavra. Mas tu vais ter de servir até ele chegar. — Starbuck agarrou-se à serra, retesou-se, puxou e o ritmo infernal recomeçou. Não se atrevia a pensar nas bolhas que lhe estavam a ser criadas nas mãos, nem nos músculos das costas, dos braços e das pernas que lhe ardiam. Limitou-se a concentrar-se cegamente no movimento descendente, arrastando os dentes da serra pela madeira amarela e fechando os olhos para se proteger da chuva constante de serradura. Em Boston, pensou, tinham grandes serras circulares a vapor,

capazes de transformar uma dúzia de troncos em tábuas no mesmo tempo que levavam a fazer um único corte com aquele serrote manual. Por Deus, porque seria que ainda havia quem usasse serras assim?

Fizeram mais uma pausa quando Truslow martelou novas cunhas na parte cortada do tronco.

— Então e qual é o motivo para esta guerra, rapaz?

— Direitos dos Estados — foi tudo quanto Starbuck conseguiu dizer.

— Mas que raio quer isso dizer?

— Quer dizer, senhor Truslow, que a América não concorda com a forma como os Estados Unidos deveriam ser governados.

— Eras capaz de encher um balde com a maneira como falas, rapaz, mas isso tudo junto não dá uma panela de nabos. Pensava que tínhamos uma Constituição que nos diz como nos governarmos.

— Parece óbvio que a Constituição nos deixou ficar mal, senhor Truslow.

— Estás a dizer que não estamos a lutar para ficarmos com os nossos pretos?

— Ai, santo Deus — suspirou baixinho Starbuck. Em tempos prometera solenemente ao pai que nunca permitiria que tal palavra fosse dita na sua presença, mas desde que conhecera Dominique Demarest que vinha a ignorar a promessa. Starbuck sentiu toda a sua bondade, toda a sua honra aos olhos de Deus a escorrer-lhe como areia por entre os dedos.

— Então, rapaz? Estamos a lutar pelos nossos pretos, ou não?

Starbuck estava apoiado na parede de terra da vala e mexeu-se para responder.

— Uma facção do Norte gostaria bastante de abolir a escravatura, é verdade. Outros apenas desejam impedir que se espalhe para ocidente, mas a maioria limita-se a acreditar que os Estados esclavagistas não devem ditar as políticas a seguir pelo resto da América.

— O que querem os lanques saber dos pretos? Eles não têm nenhuns.

— Trata-se de uma questão de moralidade, senhor Truslow — explicou Starbuck, enquanto tentava limpar dos olhos a serradura empapada em suor com a manga coberta de pó da madeira.

— A Constituição diz alguma coisa que valha um cagalhoto de castor sobre a moralidade? — perguntou Truslow num tom de genuína curiosidade.

— Não, senhor. Não, senhor, receio que não.

— Sempre me quis parecer que quando alguém fala sobre moral, não faz ideia do que está a dizer. A menos que seja um pregador. Então e o que é que achas que devíamos fazer com os pretos, rapaz? — quis saber Truslow.

— Eu acho, senhor Truslow... — Starbuck só queria estar noutra lugar

que não naquele fosso de lama e serradura, a responder às perguntas de tal desbocado. — Eu acho... — repetiu, enquanto tentava desesperadamente pensar em alguma coisa que fizesse sentido. — Creio que todos os homens, seja qual for a sua cor, têm o mesmo direito, perante Deus e perante os homens, à dignidade e à felicidade. — Starbuck decidiu que soava a James, o irmão mais velho, capaz de fazer com que qualquer declaração soasse pomposa e estéril. O pai teria apregoado o direito dos Negros com uma voz que ecoaria junto dos anjos, mas Starbuck não se sentia capaz de invocar a energia para tal desafio.

— Gostas de pretos, é isso que queres dizer?

— São criaturas que habitam esta terra, tal como nós, senhor Truslow.

— Os porcos também são criaturas que habitam esta terra, mas isso não me impede de os matar quando chega a altura. Concordas com a escravatura, rapaz?

— Não, senhor Truslow.

— E porque não, rapaz? — A voz contundente e arrastada parecia chegar do céu brilhante lá em cima.

Starbuck tentou recordar os argumentos do pai, não apenas o mais óbvio, de que ninguém tinha o direito de ser dono de outra pessoa, mas também os mais complexos, como por exemplo o facto de a escravatura servir tanto para escravizar o dono como quem era propriedade, e como isso rebaixava o escravagista, além de negar a dignidade de Deus aos homens que eram a imagem divina em ébano e de estagnar a economia escravocrata, afugentando os artesãos brancos para norte e para oeste. Contudo, nenhum desses argumentos complexos e convincentes lhe chegou, pelo que teve de se contentar com uma simples condenação.

— Porque é errado.

— Pareces uma mulher, rapaz. — Truslow riu-se. — Portanto, o Faulconer acha que eu devo lutar pelos amigos escravagistas dele, mas ninguém que more nestas colinas tem posses para dar de comer e beber a um preto. Porque é que eu devia lutar por aqueles que têm esse dinheiro?

— Não sei, senhor Truslow. Não sei mesmo. — Starbuck sentia-se demasiado cansado para argumentar.

— Quer dizer então que devo lutar por cinquenta dólares, é isso? — O tom de Truslow era mordaz. — Agarra-te à serra, rapaz.

— Ai, meu Deus. — As bolhas nas mãos de Starbuck tinham rebentado, deixando pontos em carne viva de onde escorria sangue e pus, mas o jovem não teve outra alternativa que não agarrar-se à serra e puxá-la para baixo. A dor do primeiro movimento fê-lo gemer sonoramente, mas a vergonha causada pelo som levou-o a cerrar os dentes e a puxar com violência os dentes de metal contra a madeira.

— É isso mesmo, rapaz! Estás a apanhar-lhe o jeito!

Starbuck sentia-se como se estivesse a morrer, como se todo o corpo se transformasse numa mola de dor que se distendia e puxava, distendia e puxava. Deixou, sem pejo, que o seu peso assentasse sobre a pega em cada movimento ascendente, pelo que Truslow lhe aliviava o cansaço por um breve instante, antes de permitir que o peso voltasse a puxar a serra. As pegas do serrote estavam escorregadias com o sangue, a respiração arrastava-se-lhe na garganta, as pernas mal o conseguiam manter de pé, e ainda assim o aço serrilhado voava para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima e, sem qualquer misericórdia, para baixo.

— Não me vais ficar cansado agora, pois não, rapaz?

— Não.

— Ainda mal começámos, ah pois é. Vai a Nellysford, rapaz, à igreja do pastor Mitchell, e vês um enorme soalho de pinho que eu e o meu pai serrámos num único dia. Vai puxando, rapaz, vai puxando!

Starbuck nunca trabalhara daquela maneira. Por vezes, no inverno, ia a casa do tio Matthew, em Lowell, onde serravam gelo do lago congelado para encher a geladeira da família, mas tais incursões eram momentos divertidos, entremeados com batalhas de bolas de neve ou corridas de patinagem ao longo das margens do lago, por baixo das árvores carregadas de pingentes de gelo. Aquele corte de tábuas era inexorável, cruel, impiedoso, mas Starbuck não se atrevia a desistir, pois sentia que todo o seu ser, o seu futuro, o seu carácter, a bem da verdade, a sua alma estavam a ser sopesados na balança que era o escárnio de Thomas Truslow.

— Espera aí, rapaz, é altura de mais uma cunha.

Starbuck largou o cabo da serra, cambaleou, tropeçou e quase caiu contra a parede do fosso. As mãos doíam-lhe demasiado para as conseguir abrir. Cada inspiração era dolorosa. Apercebera-se vagamente da chegada de um segundo homem à vala de corte, indivíduo esse que conversara com Truslow durante os últimos minutos, mas Starbuck não queria olhar para cima e ver quem mais observava a sua humilhação.

— Alguma vez viste uma coisa assim, Roper? — O tom da voz de Truslow era trocista.

Starbuck continuou sem levantar os olhos.

— Este é o Roper, rapaz — apresentou Truslow. — Cumprimenta-o lá.

— Bom-dia, senhor Roper — conseguiu Starbuck dizer.

— Está a tratar-te por senhor! — A situação pareceu divertida a Truslow. — Ele acha que vocês pretos são criaturas como ele, Roper. Diz que têm os mesmos direitos perante Deus que ele. Achas que é assim que Deus vê as coisas, Roper?

Roper fez uma pausa para observar o exausto Starbuck.

— Cá para mim, Deus ia querer-me junto dele muito antes de receber aquilo — acabou Roper finalmente por responder, ao que Starbuck olhou para cima, contrariado, e viu que Roper era um negro alto que parecia obviamente divertido com a situação de Starbuck. — Parece que não presta para grande coisa, pois não? — comentou Roper.

— Não é mau trabalhador. — Truslow, surpreendentemente, veio em defesa de Starbuck e este, ao ouvi-lo, sentiu-se como se nunca, em toda a vida, tivesse recebido um elogio tão valioso. Terminado o enaltecimento, Truslow saltou para dentro da cova. — Agora vou mostrar-te como se faz, miúdo. — Truslow agarrou o cabo da serra, fez sinal com a cabeça a Roper e, de repente, a grande lâmina de aço tornou-se indistinta quando os dois homens deram início a um ritmo acelerado, a que estariam já bastante habituados. — É assim que se faz! — gritou Truslow sobre o estrépito da serra ao aturdido Starbuck. — Deixas que a lâmina faça o trabalho por ti! Não a impedes, deixas que corte a madeira por ti. O Roper e eu éramos capazes de cortar metade das florestas da América sem parar para recuperar o fôlego. — Truslow usava só uma mão e estava chegado a um lado do trabalho, para que a chuva de poeira e lascas não lhe caísse sobre o rosto. — Então e o que te trouxe aqui, rapaz?

— Já lhe disse. Tenho uma carta do...

— Quero saber o que faz um ianque na Virgínia. És um ianque, não és?

Recordando a afirmação de Washington Faulconer do quanto aquele homem detestava os Ianques, Starbuck resolveu gabar-se.

— Com muito orgulho, sim.

Truslow cuspiu um jato de suco de tabaco para um canto da vala.

— Então e o que estás aqui a fazer?

Starbuck decidiu que não seria altura de falar sobre a *Mademoiselle Demarest*, nem sobre a companhia do *Tomás*, pelo que apresentou uma versão truncada e menos angustiada da sua história.

— Desavim-me com a minha família e refugiei-me com o senhor Faulconer.

— Porquê ele?

— Sou amigo chegado do Adam Faulconer.

— Não me digas. — Truslow pareceu genuinamente satisfeito com isso. — Onde está o Adam?

— Segundo ouvi dizer, está em Chicago.

— A fazer o quê?

— Trabalha com a Comissão Cristã para a Paz. Organizam encontros de oração e distribuem opúsculos.

Truslow riu-se.

— Os opúsculos e as orações não vão ajudar porque a América não

quer paz, miúdo. Os Ianques querem dizer-nos como viver a nossa vida, tal como os Ingleses fizeram no século passado, mas não ficámos melhores ouvintes desde então. Além disso, também não lhes diz respeito. Cada um é rei na sua casa, rapaz. Eu digo-te o que o Norte quer, miúdo. — Enquanto falava, Truslow ia movimentando a serra para cima e para baixo, cortando a um ritmo incansável. — O Norte quer dar-nos mais governo, é isso que eles querem. Cá para mim são os Prussianos. Estão sempre a dizer aos Ianques como fazer um governo melhor, e vocês são tolos a ponto de lhes darem ouvidos, mas acredita quando te digo que já é tarde de mais.

— Tarde de mais?

— Depois da casa roubada não vale a pena pôr trancas na porta, rapaz. A América está dividida em dois. O Norte vai vender-se aos Prussianos e nós vamos ter de nos desenrascar como estamos.

Starbuck estava demasiado cansado para se preocupar com as extraordinárias teorias de Truslow acerca da Prússia.

— E quanto à guerra?

— Temos de a vencer. Expulsar os Ianques. Não lhes quero dizer como devem viver, desde que também não mo digam a mim.

— Quer dizer que vai lutar? — perguntou Starbuck, com alguma esperança no êxito da sua demanda.

— É claro que vou lutar. Mas não por cinquenta dólares. — Truslow fez uma pausa enquanto martelava uma cunha no novo corte.

Starbuck, que recuperava lentamente o fôlego, franziu o cenho.

— Não estou autorizado a oferecer mais, senhor Truslow.

— Não quero mais. Vou lutar porque quero e se não quisesse, nem cinquenta vezes cinquenta dólares iam chegar para me comprar, embora o Faulconer nunca percebesse isso. — Truslow calou-se para cuspir um jorro de suco viscoso de tabaco. — Agora o pai dele, esse sabia que um cão de barriga cheia nunca caça, mas o Washington? É um mariquinhas que paga sempre para conseguir o que quer, mas eu não estou à venda. Vou lutar para manter a América tal como está, pois é isso que faz deste país o melhor de todo o mundo, e se para isso for preciso matar uma mancha de nortistas ranhosos, pois que seja. Estás pronto, Roper?

A serra voltou a descer, deixando Starbuck a interrogar-se quanto ao motivo para Washington Faulconer estar disposto a pagar tanto pela incorporação de Truslow. Seria por aquele indivíduo poder trazer outros homens duros das montanhas? Nesse caso, pensou Starbuck, seria dinheiro bem empregue, já que um regimento de demónios resistentes como Truslow seria, por certo, invencível.

— Então e o que é que tu foste ensinado a fazer, rapaz? — indagou Truslow, sem nunca deixar de serrar.

Starbuck sentiu-se tentado a mentir, mas não tinha nem energia, nem vontade de sustentar uma ficção.

— A pregar — respondeu, num tom cansado.

A serragem deteve-se abruptamente, levando Roper a protestar a quebra do ritmo. Truslow ignorou as queixas.

— És um pregador?

— Estava a estudar para ser ministro — adiantou Starbuck a definição mais exata.

— Um homem de Deus?

— Assim espero, sim. Espero mesmo. — Contudo, Starbuck sabia que não era merecedor e a consciência dos seus erros era amarga.

Truslow fitou Starbuck, incrédulo, e depois, inesperadamente, esfregou as mãos nas roupas imundas, como se tentasse aprimorar-se para a visita.

— Tenho trabalho para ti — anunciou, num tom severo.

Starbuck olhou para a serra e para os seus dentes de ar tenebroso.

— Mas...

— Trabalho de pregador — atalhou Truslow. — Roper! Escada.

Roper baixou uma escada de fabrico caseiro para o interior da cova e Starbuck, estremecendo com a dor nas mãos, subiu os degraus grosseiros.

— Trouxeste o teu livro? — quis saber Truslow, enquanto seguia Starbuck escada acima.

— Livro?

— Todos os pregadores têm livros. Não interessa. Temos um ali em casa. Roper! Vais à casa do Decker? Diz à Sally e ao Robert para virem depressa. Leva o cavalo do homem. Como te chamas?

— Starbuck. Nathaniel Starbuck.

Era óbvio que o nome nada dizia a Truslow.

— Leva a égua do senhor Starbuck — indicou a Roper —, e diz à Sally que não aceito uma resposta negativa! — As ordens foram lançadas sobre o ombro de Truslow, enquanto este se dirigia à casa em passo acelerado. O cão afastou-se à passagem do dono e depois deixou-se fitar Starbuck com um olhar maléfico, soltando um rosnido rouco.

— Não te importas que eu leve o cavalo? — perguntou Roper. — Não te preocupes. Eu conheço-a. Já trabalhei para o senhor Faulconer. Conheço esta égua, *Pocahontas*, não é?

Starbuck assentiu com um débil aceno da mão.

— Quem é a Sally?

— Filha do Truslow. — Roper riu-se enquanto soltava a brida do animal e ajustava a sela. — É brava, mas sabes o que se diz das mulheres. São a rede do Diabo, e a jovem Sally ainda vai apanhar umas quantas almas. Já cá não mora. Quando a mãe estava a morrer, mudou-se para a casa da se-

nhora Decker, que não suporta o Truslow. — Roper parecia divertido com tal enredo humano. Içou-se para a sela de *Pocahontas*. — Vou andando, senhor Truslow! — gritou na direção da cabana.

— Vai lá, Roper! Vai! — Truslow saiu da casa com uma enorme Bíblia nas mãos, livro esse que perdera a capa e tinha a lombada rasgada. — Ora toma lá. — Entregou a Bíblia delapidada a Starbuck, após o que se curvou sobre uma barrica e levou as mãos em concha cheias de água por várias vezes ao cabelo. Tentou dar um mínimo de ordem ao emaranhado imundo, depois enfiou o chapéu encardido mais uma vez na cabeça e fez sinal a Starbuck. — Anda lá daí.

Starbuck seguiu Truslow pela clareira. As moscas zumbiam no ar morno da tarde. Com a Bíblia aninhada nos antebraços, para poupar as palmas das mãos peladas, Starbuck tentou explicar o mal-entendido a Thomas Truslow.

— Senhor Truslow, ainda não fui ordenado como ministro.

— O que significa isso de ordenado? — Truslow detivera-se no limite da clareira e estava a desabotoar as calças de ganga imundas. Fitou Starbuck, obviamente à espera de uma resposta, e depois começou a urinar. — Afasta os veados da horta — ofereceu, à laia de explicação. — E então, o que é que quer dizer “ordenado”?

— Quer dizer que ainda não fui chamado por uma congregação para ser o seu pastor.

— Mas já recebeste a formação do livro?

— Sim, a maior parte.

— E podias ser ordenado?

Starbuck sentiu-se imediatamente assolado pela culpa ao pensar na *Mademoiselle* Dominique Demarest.

— Já não tenho a certeza de querer ser ordenado.

— Mas podias ser? — insistiu Truslow.

— Sim, acho que sim.

— Então, para mim serve. Vamos. — Abotoou as calças e levou Starbuck para baixo das árvores, onde se encontrava uma campa solitária, num trecho de erva cuidada e por baixo de uma árvore brilhante com botões vermelhos. A lápide era uma tábua larga, enterrada no solo e marcada com a única palavra *Emly*. O túmulo não parecia antigo, pois a terra revolvida coberta de botões de flor ainda tinha pouca erva. — Era a minha mulher — indicou Truslow, com um tom de voz surpreendentemente plácido e quase acanhado.

— Lamento.

— Morreu no dia de Natal. — Truslow pestanejou e, de repente, Starbuck sentiu uma onda de mágoa a emanar do pequeno homem agitado, tão

forte e avassaladora como a mais habitual projeção de violência de Truslow. Parecia incapaz de falar, como se não houvesse palavras que expressassem o que sentia. — A Emily foi uma boa esposa — acabou por dizer — e eu fui um bom marido para ela. Foi ela que me fez assim. Uma boa mulher consegue fazer isso a um homem. Pode fazer com que um homem se torne bom.

— Estava doente? — indagou Starbuck, pouco à-vontade.

Truslow aquiesceu. Tirara o chapéu encardido, que segurava agora, desajeitado, nas mãos fortes.

— Congestão do cérebro. Não foi uma morte fácil.

— Sinto muito. — Starbuck não sabia o que dizer.

— Havia um homem que a podia salvar. Um ianque. — Truslow disse a última palavra com um ódio que fez com que Starbuck se arrepiasse. — Era um médico importante lá do Norte, de visita a familiares no vale, durante a Ação de Graças. — Acenou com a cabeça para oeste, indicando o vale Shennandoah, além das montanhas a meio caminho. — Foi o doutor Danson que me falou dele, disse que fazia milagres, por isso fui até lá e implorei-lhe que viesse ver a minha Emily. Ela não podia ser deslocada, estás a ver. Ajoelhei-me à frente dele. — Truslow ficou em silêncio enquanto recordava a humilhação, após o que abanou a cabeça. — O médico recusou-se a sair de lá. Disse que não havia nada que pudesse fazer, mas a verdade é que não quis mexer o rabo e montar a cavalo à chuva. Expulsaram-me da propriedade.

Starbuck nunca ouvira falar de ninguém que tivesse sido curado de uma congestão do cérebro e imaginava que o médico ianque soubesse que tudo o que fizesse seria uma perda de tempo, mas como convencer desse facto um homem do calibre de Thomas Truslow?

— Ela morreu no dia de Natal — prosseguiu Truslow, baixinho. — Nessa altura a neve estava alta, quase parecia um cobertor. Era só eu e ela, a miúda tinha fugido, maldita seja.

— A Sally?

— Ela mesma. — Truslow estava agora muito direito, com as mãos desajeitadamente cruzadas sobre o peito, quase como se imitasse a posição funerária da sua adorada Emily. — A Emily e eu não nos casámos como deve ser — confessou a Starbuck. — Ela fugiu comigo no ano antes de me tornar soldado. Eu só tinha dezasseis anos, e ela não era mais velha, mas já estava casada. Agimos mal, ambos sabíamos disso, mas não fomos capazes de o evitar. — Tinha lágrimas nos olhos e, de súbito, Starbuck ficou satisfeito por saber que aquele homem duro já se comportara, em tempos, de forma tão tola e ingénua como ele próprio. — Eu amava-a — continuou Truslow — e a verdade é essa, embora o pastor Mitchell não nos tivesse casado por dizer que éramos pecadores.

— Imagino que ele não devesse ter feito um julgamento tão severo —
aventou gravemente Starbuck.

— Até devia. O trabalho dele era julgar-nos. Que mais há-de fazer um pregador, se não ensinar-nos como nos comportarmos? Não me estou a queixar, mas Deus castigou-nos bem, senhor Starbuck. Só uma das nossas filhas é que sobreviveu, depois deu-nos um desgosto, e agora a Emily morreu e eu fiquei sozinho. Não devemos brincar com Deus, senhor Starbuck.

Súbita e inesperadamente, Starbuck sentiu uma grande pena daquele homem desajeitado, duro e intratável, ali de pé, ao lado do túmulo que deveria ter aberto sozinho. Ou talvez Roper o tivesse ajudado, ou um dos outros fugitivos que viviam naquele vale altaneiro, longe da vista dos magistrados e dos cobradores de impostos que infestavam as planícies. Ainda por cima no Natal. Starbuck imaginou-os a transportar o corpo inerte até à neve e a debaterem-se para escavar o terreno gelado.

— Não nos casámos como devia ser e ela não foi enterrada condignamente, com um homem de Deus que a guiasse, e é isso que eu quero que faças por ela. Quero que digas as palavras certas, senhor Starbuck. Quero que as digas pela Emily, porque se disseres as palavras certas, Deus vai acolhê-la.

— Tenho a certeza que sim. — Starbuck sentia-se completamente à toa.

— Então vá, diz. — Já não havia violência em Thomas Truslow, apenas uma terrível vulnerabilidade.

Fez-se silêncio na pequena clareira. As sombras do final de tarde alongavam-se. *Meu Deus*, pensou Starbuck, *não sou merecedor, de todo. Deus não vai dar ouvidos a um pecador, mas não seremos todos pecadores?* E a verdade, por certo, era que Deus já escutara a oração de Thomas Truslow, pois a sua angústia era mais eloquente do que qualquer litania que a formação de Starbuck poderia garantir. No entanto, Thomas Truslow precisava do conforto dado pelo ritual, de palavras antigas ditas com emoção, pelo que Starbuck agarrou o livro com firmeza, fechou os olhos e elevou o rosto na direção dos botões sombreados pelo lusco-fusco. Todavia, de súbito, sentiu-se tolo, e um impostor, e as palavras não lhe chegaram. Abriu a boca, mas não era capaz de falar.

— Isso mesmo — disse Truslow —, demora o que quiseres.

Starbuck tentou invocar uma passagem das Escrituras que lhe garantissem um ponto de partida. Tinha a garganta seca. Abriu os olhos e de repente lembrou-se de um versículo.

— O homem nascido da mulher — começou a dizer, mas tinha a voz rouca e insegura, pelo que recomeçou. — O homem nascido da mulher tem vida curta, mas cheia de misérias.

— Amém — disse Thomas Truslow. — Amém a isso.

— É como uma flor...

— Ela era, ela era, louvado seja Deus, ela era.

— Que desabrocha e murcha.

— O Senhor levou-a, o Senhor levou-a. — Truslow, de olhos fechados, embalava-se, tentando invocar toda a sua intensidade.

— Uma sombra que foge sem parar.

— Deus nos ajude, pecadores — disse Truslow. — Deus nos ajude.

Starbuck ficou mudo de repente. Tinha citado os dois primeiros versículos do décimo quarto capítulo de Job e de súbito recordava-se do quarto versículo, que perguntava quem fará sair o puro do impuro. Surgia então a dura resposta, ninguém. Por certo, a casa profana de Truslow fora impura.

— Reza, senhor, reza — suplicou Truslow.

— Ó, meu Deus. — Starbuck cerrou os olhos contra a luz mortíça do Sol. — Lembra-te de Emily, que foi tua serva, tua criada, e que foi levada deste mundo para a tua glória eterna.

— Ela foi, ela foi! — Truslow quase bradou a confirmação.

— Lembra-te de Emily Truslow... — prosseguiu Starbuck, sem grande convicção.

— Mallory — interrompeu Truslow —, era esse o nome dela. Emily Marjory Mallory. E não nos devíamos ajoelhar? — Tirou o chapéu e deixou-se cair sobre o terreno macio.

Starbuck também ficou de joelhos.

— Ó, meu Deus — começou e por um instante ficou sem fala. Depois, aparentemente de nenhures, as palavras começaram a fluir. Sentiu a mágoa de Truslow a preenchê-lo e, por sua vez, tentou encaminhar esse sentimento para o Senhor. Truslow gemeu enquanto ouvia a oração, tendo Starbuck erguido o rosto na direção das folhas verdes, como se pudesse projetar as palavras além das árvores, além das primeiras estrelas tênues, até onde Deus reinava em toda a sua terrível majestade. A oração foi boa e Starbuck sentiu o seu poder, interrogando-se porque não seria capaz de rezar por si próprio da mesma maneira que estava a rezar por aquela desconhecida. — Ó, meu Deus — concluiu, e quando a oração se aproximou do final, tinha lágrimas no rosto —, ó, meu Deus, escuta a nossa oração, escuta-nos, escuta-nos.

Mais uma vez se fez silêncio, quebrado apenas pelo vento nas folhas, pelo som dos pássaros e pelo ladrar solitário de um cão, vindo algures do vale. Starbuck abriu os olhos e viu que o rosto sujo de Truslow estava manchado pelas lágrimas, embora o homenzinho estivesse com um ar curiosamente feliz. Estava inclinado para a frente, com os dedos grossos e fortes enterrados no solo da cova, como se segurando a terra acima do cadáver de Emily, pudesse falar com ela.

— Vou para a guerra, Emily — declarou, livre de qualquer embaraço

por estar a dirigir-se à sua falecida mulher na presença de Starbuck. — O Faulconer é um tolo, e não vou por causa dele, mas temos família nas fileiras dele, por isso vou a bem deles. O teu irmão alistou-se nesta tal Legião, e o primo Tom está lá, e sei que ias querer que eu tomasse conta deles, por isso eu vou. E a Sally vai ficar bem. Agora está com o homem que escolheu e tem quem tome conta dela. Podes esperar por mim, minha querida, que venho ter contigo assim que Deus quiser. Este é o senhor Starbuck, que rezou por ti. Esteve muito bem, não esteve? — Truslow estava a chorar, mas libertou os dedos da terra e limpou-os às calças antes de bater nas faces. — Rezas bem — elogiou ele Starbuck.

— Acho que a sua oração já tinha sido escutada sem mim — argumentou Starbuck com toda a modéstia.

— É sempre bom garantir, não é? E não tarda nada, Deus vai ficar sobrecarregado com orações. Com a guerra acontece isso, por isso ainda bem que falámos com Ele antes de as batalhas Lhe entupirem os ouvidos com palavras. A Emily de certeza que gostou de te ouvir a rezar. Sempre gostou de uma boa oração. Agora quero que rezes pela Sally.

Por Deus, pensou Starbuck, as coisas estavam a ir longe de mais!

— O senhor Truslow quer que eu faça o quê?

— Que rezes pela Sally. Ela desiludiu-nos. — Truslow levantou-se e enfiou o chapéu de aba larga na cabeça. Fitou o túmulo enquanto narrava a sua história. — Ela não é como a mãe, nem como eu. Não sei que vento a trouxe, mas ela chegou e prometi à Emily que cuidava dela, e é isso que vou fazer. Ainda mal fez quinze anos e vai ter um filho, sabes?

— Ah. — Starbuck não sabia o que mais dizer. Quinze anos! Era a idade de Martha, a sua irmã mais nova, e Starbuck ainda a via como sendo uma criança. Aos quinze anos, pensou, ele nem sequer sabia de onde vinham os bebés, partindo do princípio de que eram emitidos pelas autoridades durante uma qualquer cerimónia secreta e complicada que envolvia mulheres, a Igreja e os médicos.

— Ela diz que é filho do jovem Decker, e talvez seja. Ou talvez não seja. Diz que o Ridley aqui esteve na semana passada? Isso preocupa-me. Ele tem andado a cheirar a minha Sally como se ela estivesse com o cio e ele fosse o cão. Na semana passada estive no vale, a tratar de negócios, por isso sabe-se lá onde ela andou.

O primeiro impulso de Starbuck foi declarar que Ridley estava noivo de Anna Faulconer, pelo que não poderia ser responsável pela gravidez de Sally Truslow, mas um qualquer instinto alertou-o para o facto de um protesto de tal forma ingénua vir a ser recebido com desprezo, pelo que sem saber o que mais dizer, acabou por não dizer nada.

— Ela não é como a mãe — continuou Truslow, mais para si do que

para Starbuck. — A Sally tem uma veia selvagem, percebes? Talvez seja minha, porque não era da Emily. Mas ela diz que o filho é do Robert Decker, por isso que assim seja. E o rapaz acredita nela e diz que se casa com a Sally, portanto que assim seja também. — Truslow baixou-se e arrancou uma erva daninha da campa. — É lá que a Sally está agora — explicou a Starbuck —, com os Deckers. Disse que não me suportava, mas o que ela não aguentava era a dor e a morte da mãe. Agora está grávida, por isso precisa de se casar e ter uma casa própria, não de viver da caridade. Prometi à Emily que cuidava da Sally e é isso que estou a fazer. Vou dar esta casa e o terreno à Sally e ao rapaz dela, e os dois podem criar aqui o filho. Não me vão querer. A Sally e eu nunca nos entendemos, por isso ela e o jovem Decker podem ficar com a casa e ficar juntos com toda a decência. E é isso que eu quero que faças, senhor Starbuck. Quero que os case como deve ser. Devem vir agora a caminho daqui.

— Mas eu não os posso casar! — protestou Starbuck.

— Se podes mandar a alma da minha Emily para o Céu, também podes casar a minha filha com o Robert Decker.

Starbuck interrogava-se como seria capaz de corrigir o absoluto equívoco de Thomas Truslow tanto em relação à teologia como aos poderes civis.

— Se ela se vai casar — insistiu —, tem de se apresentar a um magistrado e...

— Deus é mais abrangente do que um magistrado. — Truslow deu meia-volta e afastou-se do túmulo. — A Sally vai ser casada por um homem de Deus e isso é mais importante do que ser casada por um abutre qualquer que só quer os seus honorários.

— Mas eu não fui ordenado!

— Não me venhas outra vez com essa desculpa. Para mim serves. Eu ouvi-te, senhor Starbuck, e se Deus não escutar as tuas palavras, não vai escutar as palavras de ninguém. Se a minha Sally se vai casar, quero que ela o faça condignamente, segundo a lei de Deus. Não quero que volte a andar aos caídos. Já teve a loucura dela, mas agora chegou a altura de assentar. Por isso vais rezar por ela.

Starbuck não tinha de todo a certeza de que a oração pudesse impedir que uma jovem seguisse maus caminhos, mas não o diria a Thomas Truslow.

— Porque não a leva ao vale? Lá deve haver ministros adequados que a possam casar.

— Os ministros do vale — Truslow virara-se e espetara o dedo com força no peito de Starbuck para enfatizar as suas palavras — consideraram-se demasiado elevados para enterrarem a minha Emily, por isso acredita que

também são demasiado elevados para casarem a minha filha com o rapaz dela. E agora estás a querer dizer que também não estás ao nível de pessoas como nós? — O dedo bateu uma derradeira vez no peito de Starbuck e aí permaneceu.

— Será um privilégio levar a cabo a cerimónia com a sua filha, senhor Truslow — apressou-se Starbuck a garantir.

Sally Truslow e o rapaz dela chegaram pouco depois do anoitecer. Foram trazidos por Roper, que guiava Sally a cavalo. A jovem desmontou à frente do alpendre do pai, onde ardia uma vela protegida por uma lanterna. Manteve o rosto baixo, sem se atrever a olhar para a cara do pai. De cintura estreita, sem sinais ainda da gravidez, trazia uma touca preta e um vestido azul.

A seu lado estava um jovem de rosto inocente e redondo. Escanhado, a impressão que dava era de ainda não conseguir deixar crescer uma barba, mesmo que quisesse. Podia ter dezasseis anos de idade, mas Starbuck imaginou que fosse ainda mais novo. Robert Decker tinha cabelo louro-escuro grosso, olhos azuis confiantes e um sorriso pronto, que ele se esforçou por reprimir ao cumprimentar cautelosamente o futuro sogro com um aceno de cabeça.

— Senhor Truslow — disse, num tom prudente.

— Robert Decker — anunciou Truslow —, quero que conheças Nathaniel Starbuck. É um homem de Deus e aceitou casar-te com a Sally.

Revirando o chapéu redondo que segurava à sua frente com ambas as mãos, Robert Decker acenou alegremente com a cabeça a Starbuck.

— Pois é um prazer conhecê-lo, senhor Starbuck.

— Levanta a cabeça, Sally! — resmungou Truslow.

— Não sei se me quero casar — gemeu a rapariga em protesto.

— Vais fazer aquilo que te disserem — ordenou o pai.

— Quero casar-me na igreja! — insistiu a jovem. — Como a Laura Taylor, com um pregador a sério! — Starbuck praticamente nem ouviu o que a rapariga disse, nem tampouco se importou com isso, pois fitava Sally Truslow, interrogando-se porque criaria Deus tais mistérios. Como podia uma jovem do campo, nascida da relação de uma adúltera com um homem calejado, ofuscar o Sol? Pois Sally Truslow era linda. Tinha olhos azuis como o céu que cobria o mar de Nantucket, o rosto doce como o mel, os lábios carnudos e convidativos, o sonho de qualquer homem. O cabelo era castanho-escuro, com madeixas mais claras e ricas à luz da vela. — Um casamento tem de ser bem feito — queixou-se —, não pode ser como saltar a vassoura. — Saltar por cima do cabo de uma vassoura era a forma de compromisso típica das zonas rurais profundas, ou o modo de os escravos se referirem ao casamento.

— Estás a pensar criar o teu filho sozinha, Sally — quis saber Truslow —, sem te casares?

— Não podes fazer isso, Sally — interveio Robert Decker com uma ansiedade patética. — Precisas de um homem que trabalhe para ti, que tome conta de ti.

— Se calhar nem vai haver filho — aventou a jovem, com um tom petulante.

A mão de Truslow deslocou-se como um raio, batendo aberta com força na face da filha. O som do estalo lembrou o de um chicote.

— Matas esse bebé — ameaçou Truslow — e levas tamanha tarefa com o cinto que ficas com os ossos como manteiga. Estás a ouvir-me?

— Não vou fazer nada. — Sally chorava, encolhida com a violência da estalada. O rosto ficara avermelhado, mas os olhos mantinham a beligerância.

— Sabes o que faço com as vacas que não aguentam as crias? — gritou-lhe Truslow. — Abato-as. Achas que alguém se vai preocupar se enterrar mais uma cadela que abortou?

— Não vou fazer nada! Já lhe disse! Vou portar-me bem!

— É verdade, senhor Truslow, ela porta-se — asseverou Robert Decker. — Ela não vai fazer nada.

Impassível, Roper manteve-se atrás do casal, enquanto Truslow fitava os olhos de Robert Decker.

— Porque é que te queres casar com ela, Robert?

— Gosto muito dela, senhor Truslow. — Parecia embaraçado ao admiti-lo, mas sorriu e olhou de soslaio para Sally. — E o filho é meu, eu sei que é.

— Vou casá-los como deve ser — Truslow devolveu o olhar à filha —, aqui com o senhor Starbuck, que sabe como falar com Deus. E se quebrares os teus votos, Sally, Deus dá-te tamanha tarefa que ficas sem pinga de sangue. Não se troça de Deus, menina. Vais ofendê-lo e acabar como a tua mãe, morta antes de tempo e enterrada.

— Vou portar-me bem — gemeu Sally, olhando diretamente pela primeira vez para Starbuck, que ficou sem fôlego ao retribuir esse olhar. Certa vez, quando Starbuck ainda era pequeno, o tio Matthew levava-o a Faneuil Hall, para assistir a uma demonstração da força elétrica, e Starbuck dera as mãos a um círculo de mirones, enquanto o apresentador fazia passar uma corrente através dos corpos unidos. Na altura sentira algo parecido com o que experimentava naquele momento, um formigueiro que fez com que o resto do mundo parecesse banal. Depois, assim que reconheceu o entusiasmo, sentiu uma espécie de desespero. Tal sensação era pecado. Era obra do Diabo. Por certo teria alguma maleita na alma.

Um homem vulgar e decente nunca ficaria tão embruxado por cada rapariga que visse com um rosto bonito. Depois, com uma certa inveja, interrogou-se se a suspeita de Thomas Truslow estaria correta quanto ao facto de Ethan Ridley ser o dono do coração da jovem. Starbuck sentiu então uma pontada de ciúmes corrosivos, tão afiados como uma faca, seguida por uma fúria profunda, por Ridley ter enganado Washington e Anna Faulconer. — É um pregador a sério? — perguntou Sally a Starbuck enquanto esfregava o nariz.

— Se não fosse, não lhe pedia que vos casasse — insistiu o pai.

— Eu estava a perguntar-lhe a ele — adiantou Sally, num tom de desafio, mantendo os olhos fitos em Starbuck, que percebeu que ela lhe lera a alma. A jovem via-lhe o desejo e a fraqueza, o pecado e o receio que sentia. O pai de Starbuck alertara-o muitas vezes contra os poderes das mulheres e o jovem pensava ter conhecido o auge demoníaco de tais capacidades na pessoa de *Mademoiselle* Dominique Demarest, mas esta não era nada, quando comparada com a intensidade da jovem à sua frente. — E se uma rapariga não puder perguntar ao pregador que a vai casar que tipo de pregador é que ele é — insistiu Sally —, então o que é que ela pode perguntar? — Tinha a voz grave, tal como o pai, mas enquanto a dele suscitava receio, a dela sugeria algo incomparavelmente mais perigoso. — E então, o senhor é um pregador a sério? — voltou ela a questionar Starbuck.

— Sim. — Starbuck mentiu por Thomas Truslow e por não se atrever a deixar que a verdade o transformasse em escravo daquela rapariga.

— Então acho que estamos prontos — concluiu Sally, mais uma vez numa mostra de provocação. Não pretendia casar-se, mas também não queria parecer intimidada. — Tem uma aliança que nos dê, pai?

A questão pareceu casual, mas Starbuck teve consciência imediata da emoção nela contida. Truslow lançou um olhar prenhe de desafio à filha, que ainda tinha a marca da mão na face, mas ela retribuiu-o. Robert Decker olhou da filha para o pai, depois mais uma vez para Sally e teve o bom senso de manter a boca fechada.

— A aliança é especial — disse Truslow.

— Está a guardá-la para outra mulher, é isso? — A pergunta saiu-lhe com algum desprezo e, por um instante, Starbuck julgou que Truslow lhe fosse bater mais uma vez. Em vez disso levou a mão a um bolso do casaco e tirou um pequeno saco de couro. Solto o cordel que o prendia e de lá retirou um pedaço de tecido azul, que desenrolou, revelando uma aliança. O anel de prata cintilou na escuridão e nele viu-se uma inscrição que Starbuck não conseguiu distinguir.

— Era a aliança da tua mãe — informou Truslow.

— E a mãe sempre disse que era para ser minha — insistiu Sally.

— Devia tê-la enterrado com ela. — Truslow fitou a aliança, claramente, para ele, uma relíquia dotada de um poder imenso, mas depois, num gesto impulsivo, como se soubesse que viria a arrepender-se da decisão, estendeu a aliança na direção de Starbuck. — Diz as palavras — ordenou Truslow, com rispidez.

Roper tirou o chapéu e o jovem Decker envergou uma expressão séria. Sally humedeceu os lábios e sorriu a Starbuck, que olhou para a aliança de prata pousada na Bíblia em mau estado. Viu que a aliança tinha palavras gravadas, mas não foi capaz de as ler naquela luz débil. Meu Deus, pensou, que palavras dizer para levar a cabo aquela imitação grotesca de casamento? Era uma situação ainda mais excruciante do que a vala de corte.

— Faz o favor de falar, senhor — resmungou Truslow.

— Deus ordenou que o matrimónio — ouviu-se Starbuck a dizer, enquanto tentava desesperadamente lembrar-se dos serviços a que assistira em Boston — fosse um espelho do seu amor e uma instituição na qual pudéssemos trazer os nossos filhos ao mundo para serem seus servos. Os mandamentos do matrimónio são simples, dizendo que devem amar-se um ao outro. — Estivera a olhar para Robert Decker enquanto falava e o jovem assentiu com fervor, como se essa garantia fosse necessária, e Starbuck sentiu uma pontada de comiseração por aquele tolo honesto que estava a ser unido a uma tentadora. Depois olhou para Sally. — E que devem ser fiéis um ao outro até que a morte vos separe.

Sally sorriu a Starbuck e as palavras que ele estava prestes a dizer evaporaram-se, qual neblina ao sol do meio-dia. Abriu a boca, fazendo menção de falar, não se lembrou de nada para dizer, e voltou a fechá-la.

— Ouviste o homem, Sally Truslow? — interrogou-a o pai.

— Ouvi, sim, não sou surda.

— Toma a aliança, Robert — ordenou Starbuck e ficou espantado com a temeridade que mostrava. No seminário tinham-lhe ensinado que os sacramentos eram rituais sagrados oferecidos a Deus por homens especiais, os mais divinos dos indivíduos, e no entanto ali estava ele, um pecador, a inventar um serviço de mau gosto à luz bruxuleante de uma lanterna infestada com traças, sob a Lua virginiana nascente. — Põe a mão direita na Bíblia — indicou a Robert, que assentou a mão manchada pelo trabalho na Bíblia de família de lombada rasgada que Starbuck ainda segurava. — Repete comigo — disse Starbuck, que conseguiu inventar um voto de casamento que administrou a cada um dos noivos, após o que disse a Robert que pusesse a aliança no dedo de Sally. Declarou-os então marido e mulher, fechou os olhos e ergueu as pálpebras cerradas ao céu estrelado. — Que a bênção de Deus Todo-Poderoso — proclamou Starbuck —, o Seu amor e a Sua proteção estejam convosco e os protejam do mal, a partir deste momento e até

ao fim dos dias. Assim o rogamos em nome d'Aquele que tanto nos amou, que deu o Seu único filho para nossa redenção. Amém.

— Amém a isso — disse Thomas Truslow —, e amém.

— Louvado seja, amém — repetiu Roper atrás do casal.

— Amém e amém. — O rosto de Robert Decker transbordava felicidade.

— É só isto? — quis saber Sally Decker.

— Vai ser o resto da tua vida — replicou o pai —, e prometeste ser fiel. Vais manter essa promessa, rapariga, se não dás-te mal. — Agarrou-lhe a mão esquerda e, embora Sally tentasse recuar, Truslow arrastou-a com força na sua direção. Olhou para a aliança de prata que a filha tinha no dedo. — E acho bem que tenhas cuidado com essa aliança, rapariga.

Sally não disse nada e Starbuck ficou com a impressão de que ao conseguir a aliança do pai, ela obtivera uma vitória sobre ele, vitória essa bastante mais importante para Sally do que o facto de se ter casado.

Truslow largou-lhe a mão.

— Vais escrever os nomes deles na Bíblia? — perguntou a Starbuck. — Para que as coisas sejam como devem ser?

— É claro — asseverou Starbuck.

— Lá dentro de casa há uma mesa — indicou Truslow — e um lápis no frasco na lareira. Se o cão te incomodar, dá-lhe um pontapé.

Starbuck levou a lanterna e a Bíblia para o interior da casa, que consistia de uma única divisão mobilada. Lá dentro estava uma cama, uma mesa, uma cadeira, duas arcas, uma lareira com um gancho para uma panela, um banco, uma roca, uma peneira, um suporte de armas, uma gadanha e um retrato emoldurado de Andrew Jackson. Starbuck instalou-se à mesa, abriu a Bíblia e encontrou o registo familiar. Gostaria de ter tinta com que escrever a entrada, mas o lápis de Thomas Truslow teria de servir. Olhou para os nomes no registo, que remontavam à chegada dos primeiros Truslows ao Novo Mundo, em 1710, e viu que alguém registara a morte de Emily Truslow na última linha preenchida, escrevendo o nome com maiúsculas irregulares e acrescentando Mallory entre parênteses retos, para o caso de Deus não saber de quem se tratava Emily Truslow. Acima via-se o simples registo do nascimento de Sally Emily Truslow, em maio de 1846, e Starbuck apercebeu-se de que a jovem tinha feito quinze anos havia dois dias.

“Domingo, 26 de maio de 1861,” escreveu com dificuldade, atrapalhado pela dor que sentia nas mãos cheias de bolhas. “Sally Truslow com Robert Decker, unidos em santo matrimónio.” Havia uma coluna onde o ministro em funções deveria inscrever o nome. Starbuck hesitou, mas acabou por escrever o nome: Nathaniel Joseph Starbuck.

— Não é um pregador a sério, pois não? — Sally entrara na casa e desafiava-o com o olhar.

— Deus faz de nós aquilo que somos, e aquilo que Deus fez de mim não é para ser posto em causa por si — declarou Starbuck, num tom tão severo quanto possível, e sentiu-se terrivelmente pomposo. Contudo, receava o efeito que a rapariga podia ter sobre ele, pelo que se refugiou na pomposidade.

Sally riu-se, sabendo que ele mentia.

— Tem uma bela voz, pelo menos isso. — Acercou-se da mesa e olhou para a Bíblia aberta. — Não sei ler. Houve um homem que me prometeu que me ensinava, mas ele ainda não teve tempo.

Starbuck receou saber de quem se tratava e embora parte dele não quisesse a confirmação, outra parte desejava que essa suspeita ganhasse consistência.

— Foi o Ethan Ridley quem lho prometeu? — quis saber.

— Conhece o Ethan? — Sally pareceu surpreendida, após o que anuiu. — O Ethan prometeu que me ensinava a ler — confirmou. — Ele prometeu-me muita coisa, mas ainda não cumpriu nada. Pelo menos por enquanto, mas ainda há tempo, não há?

— Haverá? — indagou Starbuck. Disse para consigo que se sentia chocado por Ridley ter traído a gentil Anna Faulconer, mas também sabia que tinha bastantes ciúmes de Ethan Ridley.

— Eu gosto do Ethan. — Sally começara a provocar Starbuck. — Desenhou-me. Ficou muito bom.

— Ele é um bom artista — retorquiu Starbuck, tentando manter um tom átono.

Sally estava de pé junto a Starbuck.

— O Ethan diz que um dia me leva embora. Que vai fazer de mim uma senhora a sério. Disse que me dava pérolas e uma aliança para pôr no dedo. De ouro. Uma aliança a sério, e não como esta. — Estendeu o dedo acabado de enfeitar e acariciou a mão de Starbuck, fazendo-lhe o coração saltar, como se tivesse sido atingido por um relâmpago. Sally baixou a voz e falou num tom que pouco mais era do que um murmúrio conspirativo. — Faria isso por mim, pregador?

— Teria todo o gosto em ensiná-la a ler, senhora Decker. — Starbuck sentia-se tonto. Sabia que devia afastar a mão daquele dedo tentador, mas não queria, não era capaz de o fazer. Fora aprisionado por ela. Fitou a aliança. As letras gravadas na prata estavam gastas, mas ainda eram legíveis. *Je t'aime*, diziam. Era uma aliança reles para amantes, sem grande valor, salvo para o homem cuja amada a usasse.

— Sabe o que diz a aliança, pregador? — perguntou-lhe Sally.

— Sim.

— Diga-me. — Starbuck fitou-lhe os olhos e foi obrigado a desviar de imediato a atenção. O desejo era uma dor que o atormentava. — O que diz?

— É francês.

— Mas o que é que diz? — O dedo de Sally permanecia sobre a mão de Starbuck, pressionando-a ao de leve.

— Diz “Eu amo-te.” — Não era capaz de olhar para a jovem.

Sally riu-se baixinho e levou o toque ao longo da mão de Starbuck, acompanhando-lhe o dedo médio.

— Dava-me pérolas? Como o Ethan diz que vai dar? — Estava a trocar dele.

— Tentava. — Não o devia ter dito, nem sequer tinha a certeza de estar a ser sincero, limitou-se a ouvir-se a falar, com uma voz carregada de tristeza.

— Sabe uma coisa, pregador?

— O quê? — Olhou-a.

— Tem os olhos como os do meu pai.

— A sério?

O dedo de Sally continuava na mão de Starbuck.

— Não estou mesmo casada, pois não? — Já não o provocava, tendo ficado subitamente ansiosa. Starbuck não respondeu e ela pareceu ficar magoada. — Ajudava-me a sério? — perguntou, com um tom de genuíno desespero na voz. Abandonara o pretensso interesse e falara como uma criança triste.

— Sim — respondeu Starbuck, mesmo sabendo que não deveria ter prometido tal ajuda.

— Não posso ficar aqui — continuou Sally. — Só quero ir para longe daqui.

— Ajudo-a se puder — garantiu Starbuck. Tinha noção de que prometia mais do que seria capaz de cumprir e que tal promessa vinha da loucura, mas mesmo assim queria que ela confiasse em si. — Prometo que a ajudo — reiterou e moveu a mão para agarrar a dela, mas Sally afastou de súbito os dedos quando a porta da cabana se abriu.

— Já que aqui estás, rapariga — disse Truslow —, faz-nos de comer. Está uma ave na panela.

— Já não sou sua cozinheira — queixou-se Sally, após o que se encolheu, quando o pai levantou a mão. Starbuck fechou a Bíblia e interrogou-se se a sua traição seria clara a Truslow. A jovem começou a cozinhar e Starbuck fitou o lume, sonhador.

Na manhã seguinte, Thomas Truslow entregou a casa, a terra e o seu

melhor cinto de cabedal a Robert Decker. Só ordenou ao rapaz que cuidasse da campá de Emily.

— O Roper ajuda-te com a terra. Ele sabe o que cresce melhor e como o plantar, e sabe quais os animais que te deixo. Agora é teu reideiro, mas é um bom vizinho e vai ajudar-te, rapaz, mas tu também tens de o ajudar a ele. Os bons vizinhos garantem uma vida boa.

— Sim, senhor Truslow.

— E o cinto é para a Sally. Não deixes que ela mande em ti. Se ela provar disto uma vez, fica a saber o lugar dela.

— Sim, senhor Truslow — repetiu Robert Decker, mas sem grande convicção.

— Vou para a guerra, rapaz — declarou Truslow —, e só Deus sabe quando volto. Ou se por acaso vou voltar.

— Eu devia ir combater, senhor Truslow. Não é correto que não possa lutar.

— Não podes. — A resposta de Truslow foi brusca. — Tens mulher e filho de quem cuidar. Eu já não tenho. Já tive a minha vida, por isso bem posso passar o que resta dela a ensinar aos Ianques a não se meterem onde não são chamados. — Deslocou o naco de tabaco que tinha junto à bochecha, cuspiu e devolveu o olhar a Decker. — A ver se ela toma bem conta daquela aliança, rapaz. Era da minha Emily e nem sei se a devia ter dado à Sally, mas era isso que a Emily queria que eu fizesse.

Sally permaneceu no interior da cabana. Starbuck desejava que ela saísse. Queria ter alguns momentos com ela. Queria falar-lhe, dizer que compreendia a infelicidade que ela sentia e que a partilhava, mas Sally manteve-se escondida e Truslow não exigiu vê-la. Segundo fora dado a ver a Starbuck, Truslow nem sequer se despedira da filha. Em vez disso selecionou uma faca de mato, uma espingarda comprida e uma pistola, deixando as restantes armas ao genro. Depois selou um cavalo de aspeto cabisbaixo, dedicou alguns momentos solitários na campá da sua Emily e por fim levou Starbuck em direção à cumeada.

O Sol brilhava, dando luminosidade às folhas. Truslow fez uma pausa junto ao cimo do monte, não para lançar um derradeiro olhar à casa que deixava, mas para fitar o oriente, para onde a terra se estendia brilhante e limpa, quilómetro após quilómetro de América, chegando ao mar e à espera que os carneiros dessem início ao seu esarteamento.